



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

MERCIA PAULINO NICOLAU DA SILVA

RELATOS E IMAGENS SOBRE O NOVO MUNDO:
A EXPEDIÇÃO MALASPINA (1789-1794)

RECIFE
2016

MERCIA PAULINO NICOLAU DA SILVA

**RELATOS E IMAGENS SOBRE O NOVO MUNDO:
A EXPEDIÇÃO MALASPINA (1789-1794).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção do título de Mestre em Teoria da Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola

**RECIFE
2016**

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

S586r Silva, Mércia Paulino Nicolau da
Relatos e imagens sobre o Novo Mundo: a Expedição Malaspina (1789-1794) / Mércia Paulino Nicolau da Silva. – 2016.
130 f.

Orientador: Alfredo Adolfo Cordiviola.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2016.

Inclui referências.

1. Literatura – História e crítica. 2. Pós-colonialismo na literatura. 3. Colônias. 4. Século XVIII. 5. Expedições científicas. I. Cordiviola, Alfredo Adolfo (Orientador). II. Título.

809 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2016-93)

MÉRCIA PAULINO NICOLAU DA SILVA

**RELATOS E IMAGENS SOBRE O NOVO MUNDO: A Expedição
Malaspina (1789-1794)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em TEORIA DA LITERATURA, em 29/2/2016.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola
Orientador – LETRAS - UFPE

Prof^a. Dr^a Brenda Carlos de Andrade
LETRAS - UFPE

Prof. Dr. Juan Ignacio Jurado-Centurión
LETRAS - UFPB

Recife – PE
2016

À tríade Família, Amigos e Mestres.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pelo incentivo à pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco que proporcionou oportunidades de conhecimento sobre um mundo surpreendente.

Aos professores do Programa pelo descortinamento de ideias e pela inspiração poética.

Ao professor Alfredo Cordiviola pelas orientações, assistências e confiança que me guiaram pelo oceano do saber.

Aos professores Brenda Carlos de Andrade e Juan Ignacio Jurado Centurión pela participação na banca e pelo aporte instrutivo para a conclusão deste projeto.

Aos funcionários do Programa, em especial, à Diva e ao Jozaías pelo apoio e zelo disponibilizados em todos os momentos.

Aos professores Darío Sánchez, Fabiele Stockmans De Nardi, Miguel Espar e Vicente Masip que compuseram oportunos cenários de aprendizagem nas Letras, plenos de afável humanidade.

Ao professor Andrés Galera Gómez pelo acessível suporte à resolução de dilemas e ao alcance dos objetivos.

Aos amigos Alejandra Ortiz, Amanda Brandão, Emerson Silvestre, Marcelo Pérez, Sofia Leal e Roberta Muniz pelo respeito e apoio dedicados à uma relação de confiança. Exemplos de solidária nobreza, desígnio de vida.

À família, porto de coragem, ancoradouro de felicidade.

“No sé si la curiosidad intelectual o científica fue la primera razón que impulsó a aquella valerosa gente a echarse (...) a los caminos ignorados. A mí me gusta creer que, sobre todo, fue el anhelo insaciable de aventura. Pero no la aventura conceptuada como una forma de poner la vida en peligro extremo, sino con un significado más profundo: la aventura como una manera de asomarse a lo que no se conoce, a riesgo de transformar todas las ideas preconcebidas y la propia naturaleza del alma de quien así se expone a la incertidumbre. La aventura comporta un enorme trasunto de vitalidad, pues niega todo cuanto hay en el ser humano de acomodaticio y de sometimiento a los hábitos”.

(Javier Reverte)

RESUMO

No Século XVIII, as viagens científicas foram realizadas como um projeto de conhecimento sobre a diversidade natural do Novo Mundo. Alejandro Malaspina foi um dos expedicionários que analisou a pluralidade das espécies e as notáveis sociedades humanas nas colônias espanholas. Os excêntricos lugares e o contato com os habitantes descritos em seus textos, similarmente, foram representados nas artes visuais dos pintores assistentes da jornada. Dessa maneira, este trabalho pretende identificar a gênese filosófica da ideologia das Luzes presente tanto na Europa quanto na América, examinar a propagação das viagens náuticas, com realce às do Setecentos, a partir das narrações e do diálogo com as pinturas da Expedição Malaspina, além de delinear uma reflexão sobre o aporte dos discursos do período para os estudos coloniais.

Palavras-chave: Século XVIII, viagem científica, Expedição Malaspina, Literatura colonial

RESUMEN

En el Siglo XVIII, los viajes científicos fueron realizados como un proyecto de conocimiento sobre la diversidad natural del Nuevo Mundo. Alejandro Malaspina fue uno de los expedicionarios que analizó la pluralidad de las especies y las notables sociedades humanas en las colonias españolas. Los excéntricos lugares y el contacto con los habitantes descritos en sus textos, similarmente, fueron representados en las artes visuales de los pintores asistentes de la jornada. De esa manera, este trabajo pretende identificar la génesis filosófica de la ideología de las Luces presente en Europa y en América, examinar la propagación de los viajes náuticos, con realce a los del Setecientos, a partir de las narrativas y del diálogo con las pinturas de la Expedición Malaspina, además de delinear una reflexión acerca del aporte de los discursos del periodo para los estudios coloniales.

Palabras clave: Siglo XVIII, viaje científico, Expedición Malaspina, literatura colonial.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Puma.	70
Imagem 2 - Senhoras de Montevideu.	71
Imagem 3 - Cacique <i>Catiguala</i> e seu filho.	72
Imagem 4 - Passiflora.....	73
Imagem 5 - Praça Maior do México.	74
Imagem 6 - Baile das mulheres em Vava'u.....	75
Imagem 7 - Mulheres mariscando.	76
Imagem 8 - Alejandro Malaspina.	125
Imagem 9 - José de Bustamante y Guerra.	126
Imagem 10 - <i>Descubierta e Atrevida</i>	127
Imagem 11 – Mapa das rotas da Expedição.....	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. AS GRANDES NAVEGAÇÕES: A PROGRESSÃO DAS JORNADAS OCEÂNICAS RUMO AO NOVO MUNDO	15
1.1. Além das águas mediterrâneas.	15
1.2. O domínio colonial.	19
1.3. A iluminada época.	27
1.4. As viagens científicas do Século XVIII.	36
2. A VIAGEM AO REDOR DO MUNDO	39
2.1. Memórias de um navegador, Alejandro Malaspina.	39
2.2. A Expedição Malaspina no Novo Mundo.	48
2.3. As pinturas da Expedição Malaspina.	70
3. O REVÉRBERO DAS LUZES E O OUTRO SINGULAR NA LITERATURA HISPANO-AMERICANA	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	116

INTRODUÇÃO

A ávida aspiração em examinar e compreender o mundo é, sem dúvida, um contínuo assunto apreciado pelo ser humano. Assuntos limítrofes à vivência, argumentos precedentes e indefinidos do existir ou propósitos correspondentes a um iminente futuro transparecem questionamentos que movem o indivíduo em busca do saber. Esse desejo pela erudição impeliu o homem às viagens. As navegações portuguesas e espanholas, dos séculos XVI e XVII, aventuraram-se pelos oceanos e irromperam projetos de descobertas, de conquistas e de conhecimento.

Durante a segunda metade do século XVIII foi possível verificar levantes que contestaram antinômicos poderes absolutistas e resultaram em uma tentativa de implantar novos projetos políticos. Influenciados por uma ideologia democrática, alguns movimentos como a Revolução Francesa, foram significativos pela difusão de novas ideias que visavam a emancipação do homem.

Devido à propagação ideológica dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, surgiram críticas contra o Antigo Regime. A ideologia prezava pela liberdade e pelo progresso civil. Com isso, irromperam-se as lutas e os desejos de mudanças específicas na ordem vigente fundadas em uma consciência alicerçada na razão. Esse período, também conhecido como o Século das Luzes, foi uma época de progressos e de reformas que conflagrou um movimento filosófico conhecido como Iluminismo ou Ilustração.

Averiguam-se algumas questões acerca da sua existência no contexto intelectual americano. Estudos revelam controvérsias quanto à sua origem. Destaca-se que as ideias ilustradas americanas surgiram previamente, ou seja, não se despontaram de súbito como uma ideologia revolucionária munida de autonomia e anterior à independência, mas como sendo substituída por uma “*penetración moderada y gradual del ‘espíritu del siglo’*” (CHIARAMONTE, 1977, p. XIV) que interferiu no âmbito intelectual ibero-americano.

Nesse contexto, os estudos científicos e as artes se expandiram nas colônias. Muitos escritores *criollos* exaltavam a sua pátria em suas obras, enquanto novas concepções foram divulgadas nos meios de comunicação, tais como livros e jornais, conforme Lafaye (2004). Com o fim do monopólio mercantilista da Espanha, ocorreu uma grande importação e circulação literária nos territórios coloniais. Um trânsito de obras que a Inquisição não conseguiu confiscar. Assim, as ideologias das Luzes foram disseminadas e compartilhadas entre a população do mundo colonial.

No tocante ao universo europeu, as ideias progressistas influenciaram a coroa espanhola a patrocinar navegações ao Novo Mundo com o objetivo de estudar o mundo físico. Por causa das transformações sociais, políticas e econômicas dos Bourbons, essas jornadas analisaram o ambiente geográfico, demarcaram territórios, reuniram novas espécies de plantas, examinaram as variedades da fauna e conheceram os seus habitantes e as suas culturas.

As referidas excursões náuticas, portanto, tornaram-se indispensáveis para a coleta e para a catalogação de dados. Nesse aspecto, as rotas marítimas revelaram uma procura pela ampliação de conhecimentos sobre realidades inexploradas, e assim, traduziram o espírito científico da época. Essas expedições, através do recolhimento e da sistematização dos dados, também possibilitaram um avanço na ampliação do saber sobre a veracidade de fatos até então desconhecidos (CORDIVIOLA, 2010). Navegadores empreenderam roteiros náuticos com o intuito de conhecer e entender o mundo colonial. Pela ciência, revelaram a situação da natureza e dos povos ao elaborarem importantes dados sobre a população, a fauna e a flora dos locais percorridos.

Um dos viajantes dessa época foi Alejandro Malaspina, nauta italiano a serviço da Marinha Espanhola, que realizou uma jornada para compreender o mundo colonial hispano-americano entre 1789 e 1794. Sua viagem, conhecida como a Expedição Malaspina, é considerada uma expedição enciclopédica, segundo Igea (2001), pois obteve copiosos resultados sobre a descrição geográfica, econômica, política, militar e científica das colônias espanholas na América, na Ásia e na Oceania. A equipe de bordo era composta por especialistas de muitas áreas como

botânicos, militares e pintores, os quais elaboraram importantes informações sobre os territórios visitados. Em 30 de junho de 1789, Malaspina e José de Bustamante y Guerra, acompanhados por uma frota com mais de 200 homens, deixaram o porto de Cádiz rumo ao Novo Mundo nas corvetas *Descubierta* e *Atrevida*.

Nesse âmbito, com o propósito de examinar essa viagem, será realizada uma análise da obra *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navío D. Alejandro Malaspina y don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794* constituída por documentos escritos por Malaspina e pela tripulação. Publicado em 1885 por Pedro Novo y Colson, o exemplar reúne informações sobre a riqueza do ambiente físico e a diversidade cultural dos povos. Além disso, conduz ao conhecimento das heranças de uma civilização.

Complementa-se que o reconhecimento da singularidade de cada ser e a busca por sua valorização individual são características presentes nas narrações de Malaspina. A responsabilidade com o distinto semelhante e o respeito à vida são plausíveis na criação literária, como também a apreciação do sujeito como ser único e notável. Do *outro* cuja existência reconsidera-se independente do particular poder possuidor da natureza humana e, com o qual, através de um diálogo, torna-se possível a percepção da essência humana igual ao si (TODOROV, 1999).

Ainda convém ressaltar que os registros da Expedição também traduzem o mundo através das imagens produzidas pelos pintores. As artes revelam o que se desconhece, acrescentam algo novo ao que se deduz e, assim, alargam os horizontes daqueles que as observam. Há quem considere que essas produções são apenas informes memoráveis, imparciais aos estudos literários. Mais pertinente é conceber as letras e as imagens desse período como um reflexo de uma sociedade. Segundo o estudo de Mignolo (1986), os subsídios sobre o Novo Mundo assumem, dessa maneira, excepcional relevância, pois ilustram um determinado período.

Por conseguinte, o arranjo deste estudo dividiu-se em três capítulos. O primeiro apresenta a progressão das jornadas oceânicas e as suas atuações, a fim de proporcionar uma breve contextualização sobre o início e o progresso das viagens ao Novo Mundo. Ao confluir com a história do avanço das navegações, o capítulo ainda expõe o movimento Iluminismo no Século das Luzes europeu, sua significância para o progresso civil, sua propiciação para as viagens científicas e as suas manifestações nas Américas. Como também, registra um compêndio sobre o panorama social e administrativo das colônias espanholas.

O capítulo seguinte examina a biografia do navegador Malaspina, os preparativos para a expedição, as rotas percorridas, as condições de produção da equipe, as obras artísticas dos pintores e os resultados da viagem a partir das narrativas da obra *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navío D. Alejandro Malaspina y don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794*.

O terceiro e último capítulo possibilita a análise do ideal ilustrado como constituído por práticas coloniais ao utilizar-se da taxonomia botânica vinculada a um projeto científico e também reflexiona alguns conceitos sobre a importância da singularidade do ser. Ainda é possível verificar que os resultados da Expedição divulgam a diversidade da natureza e a cultura dos habitantes das regiões visitadas. A literatura e a imagem, através da linguagem textual e pictórica, respectivamente, possibilitam a reminiscência das localidades visitadas e traduzem um modo de relacionar-se com os semelhantes.

Diante disso, atesta-se que a busca por conhecimentos sobre o mundo natural e a situação político-econômica das colônias espanholas impulsionaram Malaspina a realizar essa Expedição. Movido por seus ideais, o Almirante representou a figura de um homem disposto a investigar a realidade de novos horizontes. Apesar de serem pouco conhecidos, os autores desse século são fundamentais para entender a evolução do pensamento americano. Dessa forma, a literatura hispano-americana do século XVIII desperta interesses para os estudos coloniais.

1. AS GRANDES NAVEGAÇÕES: A PROGRESSÃO DAS JORNADAS OCEÂNICAS RUMO AO NOVO MUNDO

1.1. Além das águas mediterrâneas.

No Crescente Fértil, os povos do mundo antigo oriental desenvolveram as navegações e os negócios comerciais. Cretenses e fenícios lançaram-se às aventuras marítimas e destacaram-se no domínio do Mar Mediterrâneo. Esse afluente das antigas civilizações tornou-se, no século XV, a principal rota mercantil de duas cidades italianas, Gênova e Veneza, as quais se evidenciaram no comércio com as Índias.

Tais expansões se mantiveram por dilatados períodos visto que Veneza ocupava uma localização favorável na costa adriática. Os produtos advindos do Extremo Oriente (Índia, China e Indonésia) eram revendidos em Chipre, Creta, Constantinopla, Alexandria, Ásia, Damasco e nos territórios europeus a ressaltadas quantias. Os venezianos logravam, dessa maneira, o controle do comércio das finas mercadorias. Com isso, a “Europa vivia enfeitiçada pelas especiarias” e seus moradores “consumiam produtos *made in* Oriente, mas desconheciam de todo onde ficavam exatamente e como eram os países e as gentes de onde se importavam tais luxos” (DEVEZAS & RODRIGUES, 2009, p. 58).

Em virtude do interesse em regular o monopólio comercial no berço do Antigo Oriente, essa cidade da região do Vêneto dispunha de uma respeitada frota de 300 grandes navios, mais de 3.000 pequenos barcos e um colossal número de 36.000 marinheiros. Além disso, os produtos chegavam à comuna italiana transportados por caravanas marítimas chamadas “mude” que movimentavam mais de “20 milhões de ducados por ano” (DEVEZAS & RODRIGUES, 2009, p. 58). Esse grande número de navios e a organização das suas caravanas concedia o privilégio comercial para os

italianos. Outros países, movidos pela afeição aos benefícios orientais e pela necessidade de se obter materiais preciosos por causa da crise da Idade Média que ocorreu entre os séculos XIV e XV, interessaram em chegar ao Extremo Oriente por um caminho distinto. Assim, Portugal e Espanha coadjuvaram no avanço das expedições oceânicas por identificarem uma rota pelo oceano Atlântico e, com isso, romperam o monopólio das cidades italianas.

Com a crise dos metais valiosos nas minas europeias, recursos supremos à fabricação de moedas, conflagrou-se uma inquietante escassez monetária. A fim de desenvolver os pecúlios e suprir as necessidades, era fundamental encontrar ouro e prata e, conseqüentemente, avigorar o poder monárquico. A coroa, dessa maneira, custearia as viagens marítimas, aumentaria as suas fontes de cabedais, bem como, a sua autoridade absoluta.

Cientes de que as expedições envolviam riscos e com a finalidade de vencer os desafios oceânicos tornavam-se imprescindíveis os estudos geográficos e astronômicos, bem como, a construção de embarcações mais resistentes e invulneráveis aos perigos dos mares inexplorados. Assim, Portugal, com o invento das caravelas portuguesas, tornou-se o precursor nessa ampliação atlântica e desenvolveu o comércio expansionista. Os portugueses consideravam que encontrariam um caminho rumo às Índias pelo Atlântico ao contornarem as costas da África; no entanto, suscitaram o prelúdio da exploração de regiões do litoral africano, localizadas no Atlântico Sul, com a conquista de Ceuta em 1415.

Bartolomeu Dias (1450-1500) possibilitou o surgimento de uma rota pelo Índico em 1488 quando bordejou o Cabo da Boa Esperança; atingiu o sul da África e, assim, descobriu uma passagem para o oriente. Vasco da Gama (1460-1524), outro lusitano nauta, chegou a Calicute em 1498, cidade situada na costa ocidental da Índia. Dessa maneira, Portugal, também passou a redistribuir os produtos orientais e a controlar o comércio.

Por outro lado, a Espanha também decidiu pôr em prática os deslocamentos oceânicos às Índias pelo Atlântico, contudo, seguiram um rumo totalmente distinto.

Após a luta da Reconquista que terminou com a tomada do Reino de Granada em 1492, enquanto os portugueses perfilhavam uma rota oriental, os espanhóis começaram a percorrer o trajeto ocidental, iniciando-se, assim, um novo empreendimento marítimo evidenciado pelas viagens de descobertas.

Como pioneiro dessa tarefa destaca-se o genovês Cristóvão Colombo (1451-1506) que, com o apoio dos monarcas Fernando de Aragão e Isabel de Castela, deixou a Espanha juntamente com uma frota de três embarcações, as renomadas *Niña*, *Pinta* e *Santa Maria*, em direção aos mares do ocidente. Para chegar às Índias através do Oceano Atlântico, foi relevante ao navegador o conhecimento das pesquisas de Toscanelli. Em contato com o geógrafo, Colombo passou a instruir-se mais sobre a possível viagem e apresentou seu plano náutico à coroa portuguesa que não foi aprovado. Em seguida, o navegante expôs seu programa de viagem aos reis da Espanha que consideraram assertivamente a possibilidade da trajetória.

Em 12 de outubro de 1492, Colombo desembarcou nas Antilhas, América Central. Acreditou ter chegado ao território indiano, por isso, batizou seus habitantes de índios. Depois que os monarcas autorizaram a sua terceira viagem às Índias em 1498, o navegador Alonso de Ojeda (1466-1515) também obteve a mesma permissão para seguir com a sua própria frota, acompanhado do italiano Américo Vespúcio (1454-1512) que partia pela primeira vez em direção ao Novo Mundo. Durante essa jornada, Vespúcio revelou ao *El Magnífico*, senhor Lorenzo, que as terras localizadas por Colombo, na verdade, não correspondiam às Índias. Tais informações foram enviadas ao cartógrafo alemão Waldseemüller, o qual confirmou o pressuposto e nomeou o território de América.

Ao chegarem à região, os navegadores europeus encontraram um inóspito e abundante mundo natural, bem como, uma sociedade habilitada em impérios formados por reis que dirigiam civilizações organizadas politicamente. Essas populações viviam em centros planejados por construções arquitetônicas e a sua disposição social destacava-se pela aplicabilidade de leis administrativas e morais.

Nesse contexto, importa destacar os *Mexicas*, povos guerreiros com uma tradição cultural milenar, que se estabeleceram no planalto mexicano, atual República Mexicana. Na capital *Tenochtitlán*, construída em 1325, levantaram palácios, mercados e edifícios religiosos, dentre os quais, destaca-se o Templo Maior¹ no centro da cidade. Segundo Rojas (1992), os espanhóis admiraram-se com a impressionante arquitetura do centro.

O idioma utilizado era a língua *náhuatl* e o sistema educacional era de ensino obrigatório para todas as crianças. Os professores especializados instruíam aos alunos os princípios culturais com destaque para a leitura, a escrita e a música: “La enseñanza era de tipo más intelectual, con énfasis en la religión, pero sin excluir la escritura, la lectura, la historia, la música” (ROJAS, 1992, p. 384). Salienta-se que a escrita foi de grande importância nas composições de poemas e canções.

Descendentes da região de Machu Picchu, os Incas situaram-se pela região andina, desde a região da atual Colômbia até a zona mediana do Chile, no começo do século XIV. Formaram uma extensa organização política centralizada, sendo o Imperador, o Inca, o chefe militar, civil e religioso. Eram hábeis agricultores e desenvolveram mecanismos de irrigação das terras. Construíram suntuosos monumentos em Cusco e Machu Picchu e projetaram um calendário lunar. O idioma oficial do império era o *quechua*.

Cusco era o núcleo da nação e sua fundação data de 1.100 a.C. A arquitetura da cidade apresentava as construções ordenadas perfeitamente. De acordo com Franch & Palop (1992, p. 464), suas elaborações arquitetônicas partiam das praças principais e os canais que conduziam águas ofereciam limpeza à cidade que dispunha de ruas amplas. Apresentavam também uma grande quantidade de variedades de plantas cultivadas, pois desenvolveram uma importante tecnologia aplicada à agricultura. A população contribuiu com a construção de obras hidráulicas que facilitavam o cultivo de seus alimentos em grande escala: “Un sistema tal de

¹ Recinto sagrado do povo asteca onde, atualmente, funciona o Museu Templo Maior desde 1987, no Centro Histórico da Cidade do México.

ordenación agrícola implica, evidentemente, una planificación más o menos centralizada, así como un trabajo cooperativo” (FRANCH & PALOP, 1992, p. 447).

Por consequência das navegações do descobrimento europeu, deu-se início a ocupação do Novo Mundo que se efetivou em subseqüentes viagens de conquistas que dimanaram na dominação das populações e na apropriação dos seus territórios. Hernán Cortés (1488-1547), um militar espanhol, viajou com uma esquadra de onze navios de Cuba rumo ao México em 1519 e conquistou a capital *Tenochtitlán* e a sociedade *Mexica*. Notabiliza-se ainda, nesse contexto de domínio espanhol, que Francisco Pizarro (1478-1541), outro conquistador hispânico, dominou o império inca. Com uma tropa de 37 cavalos e 180 homens, tomaram a capital e fundaram a cidade de Lima em 1535.

Dentre as viagens, destaca-se ainda o navegador espanhol Vasco Núñez Balboa que cruzou o Atlântico e, em 1513, descobriu o Mar do Sul, o Oceano Pacífico. Vale salientar que países como França e Inglaterra também ingressaram na procura por novos caminhos para o Oriente. Entretanto, os portugueses e os espanhóis possuíam o monopólio das navegações atlânticas e impediram, dessa forma, o avanço de outras nações. Como consequência da descoberta desse novo trâmite para as Índias, ocorreu a mudança do comércio mediterrânico para o Atlântico e a ampliação das rotas que consumaram o desposse do controle comercial de Veneza e Gênova. Salienta-se ainda que esse processo de apoderamento ocasionou a ida dos povos ibéricos ao novo continente a fim de povoá-lo. Consequentemente, o desejo de iniciar a tarefa de exploração da terra e dos seus recursos contribuiu com o controle colonial.

1.2. O domínio colonial.

Por conta das dinâmicas expansões marítimas fomentadas pelas revelações das novas terras e de seus recursos, o crescimento econômico peninsular expandiu-se. O comércio dos produtos do Novo Mundo, como o ouro e a prata, acarretou a

exploração do continente resultando na organização de um sistema colonial. Tal estrutura dispôs os territórios em colônias cujo objetivo era a favorável e exclusiva comercialização com as nações ibéricas as quais, por sua vez, também forneciam artigos manufatureiros para as suas possessões. O Pacto Colonial regulamentava esses rendimentos extraídos das colônias e exportados à metrópole, bem como, organizava a importação de suas mercadorias nos territórios coloniais a elevados preços e interditava o seu comércio com outros países. A esse conjunto de práticas que visavam o acúmulo das riquezas e, de modo consequente, a prosperidade dos impérios da Península denomina-se mercantilismo. Dessa maneira, as explorações das colônias conduziram os metais e os produtos preciosos para a Europa e ainda nortearam a formação do trabalho servil nas propriedades rurais.

Para garantir o seu domínio, a Espanha delimitou os privilégios, recompôs a gerência administrativa e outorgou à realeza o legítimo controle. Assim, a monarquia espanhola empreendeu as relações comerciais utilizando-se de uma gestão economicamente monopolizada com a qual as colônias tonaram-se submetidas à metrópole. Com essas medidas aplicadas o acúmulo de metais preciosos favoreceria restritamente a balança comercial europeia.

O mercantilismo, portanto, constituiu uma prática que visava à acumulação dos materiais preciosos das colônias e à exportação dos mesmos, inclusive para os países que não dispunham desses produtos. Dessa forma, organizava-se o Pacto Colonial que, conforme acima mencionado, consistia no excesso de desmando dos territórios coloniais em restrito provento da metrópole, resultando em uma exclusividade comercial e em um protecionismo manufatureiro (LAVIANA CUETOS, 2006).

A pesquisadora ainda complementa que toda essa estrutura de domínio espanhol, a qual perdurou por mais de três séculos, foi fundamentada em alguns alicerces como o devido controle oficial gerenciado pela Casa de Contratação, a colaboração privada do Consulado de Sevilha, a exclusividade portuária e também a navegação amparada por defesas os quais resultaram na organização da *Carrera de Indias*, um percurso monopolizado de navegações ao Novo Continente.

Fundada, primeiramente, em um armazém de Sevilha em 1503, mudando-se, em seguida, para Cádiz, a Casa de Contratação tutelava o monopólio e gerenciava os assuntos comerciais. A instituição preparava os pilotos, inspecionava e autorizava a travessia das embarcações, fazia o levantamento de cartas náuticas, disponibilizava a autorização de passageiros às Índias e, além disso, organizava os colonos para o povoamento das terras e concedia anuências e registros para os que ansiavam viver no novo continente.

Em 1543, a Casa de Contratação foi auxiliada pelo Consulado de Mercadores de Sevilha. A autora define que se tratava de um grupo de comerciantes que lhes foi concedido o direito de comercializar exclusivamente com América. Por essa razão, assumiam algumas tarefas como o envio de *flotas*², a gestão do seguro marinho e o resgate de mercadorias de navios naufragados. Dessa forma, efetuavam o monopólio do mercado com América. A par desse sistema, viajavam apenas as embarcações menores, geralmente, os barcos emissários, transportadores de correspondências e que também conduziam alguma carga.

Outra precaução de segurança foi a centralização comercial em um único porto no intuito de favorecer o controle e a cobrança de impostos, explica Cuetos (2006). Como Sevilha era a cidade predominante do sul da Espanha que possuía uma avançada estrutura portuária e oferecia segurança contra possíveis tempestades e ataques corsários mercantis, foi nomeada como o cerne ancoradouro da economia náutica.

Com o objetivo de alcançar o predomínio mercantilista, os espanhóis se ocupavam do mercado interno ao impedir as introduções de mercadorias estrangeiras. Logo, administravam o protecionismo e também amplificavam as exportações. As colônias forneciam as matérias-primas, os metais preciosos, os produtos tropicais e, ainda assim, eram os consumidores de tais manufaturas nessa relação comercial. Certifica-se que essas atividades foram, precisamente, controladoras.

² Tratavam-se de navegações com duas saídas ao ano, auxiliadas por escolta militar e que seguiam seus trajetos em caravana.

Perante esse contexto, é possível verificar que as colônias disponibilizavam de uma produção com efeitos favoráveis apenas ao mundo ibérico. Em vista disso, torna-se oportuno ressaltar algumas discussões sobre a influência da colonialidade de poder na formação da América. O sociólogo Aníbal Quijano (2000) examina que essa colonialidade culminou em um processo de constituição de um novo padrão de poder que distribuiu a sociedade sob o conceito de raça. Tal entendimento caracteriza-se como uma formulação da experiência dominante iniciada no período colonial e que se sustenta atrelada aos bens econômicos.

Ainda à concepção dos conquistadores, a concepção de raça esteve vinculada à posse das terras e à situação “natural” de superioridade em relação aos povos conquistados, baseada em um suporte biológico. Desse modo, surgiram as diferenças entre os ibéricos e os nativos traduzidas, inclusive, pela cor e pelos traços genéticos. Em outras palavras, a ideia de raça corresponde às dessemelhanças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, fundamentadas na história da conquista americana. Com o tempo, as identidades sociais como mestiços, índios, negros e europeus foram redefinidas através de um padrão dominante racial.

Nesse contexto, todos os controles de produção mercantil e de arbitrariedade trabalhista, como a escravidão, foram desenvolvidos em torno do capital e do mercado, representando, dessa maneira, um novo padrão de poder. Por conseguinte, com essa divisão associada a uma estrutura de controle, os índios foram designados à servidão, os negros à escravidão, os portugueses e os espanhóis à retribuição assalariada, pois trabalhavam como agricultores, comerciantes e artesãos. Assim, a etnia articulou-se ao trabalho.

Dicha distribución racista de nuevas identidades sociales fue combinada, tal como había sido tan exitosamente lograda en América, con una distribución racista del trabajo y de las formas de explotación del capitalismo colonial. Esto se expresó, sobre todo, en una cuasi exclusiva asociación de la blanquitud social con el salario y por supuesto con los puestos de mando de la administración colonial (QUIJANO, 2000, p. 3).

A jornada honorária foi designada para os brancos e o serviço sem salário para os cativos, pois eram apreciados como subalternos que deveriam trabalhar em benefício de seus senhores. Isso revela que a Europa comercializou a força de trabalho e retratou-a como centro de seu desenvolvimento econômico. Assim, as nações conquistadas estavam sob o seu controle e poderio definidos em torno do capitalismo.

Além disso, a Europa dispunha não apenas do comando mercantil em várias regiões do mundo, mas também de uma dominação de maior modo complexa que resultava em um controle da gnose, do conhecimento dos povos colonizados. Esse domínio condenava o universo cognitivo e a expressão do saber ao considerar a cultura dos nativos como exígua, compreende Quijano (2000). Essa repressão por alcançar um plano intrínseco sujeitou a cultura dos habitantes a uma subcultura iletrada. Com isso, os povos colonizados assimilaram a cultura dos dominadores que resultou em uma colonização intersubjetiva, uma dominação do pensamento.

Acentua-se também que Manoel Bomfim investigou o processo colonial e as suas consequências na formação da América Latina. Nascido em 1868, natural de Aracaju-Sergipe, Bomfim foi médico, psicólogo, pedagogo e pensador brasileiro. Publicou várias obras nas quais desenvolve seu conhecimento sobre temas históricos e sociológicos concernente à América. Dentre elas, destaca-se *A América Latina – Males de Origem* que foi publicada em 1905, editada em 1938 e em 2005. Nesse trabalho, o autor examina a colonização e tal soberania de caráter sob a ideia de raça branca através de suas apreensões biológicas e sociais. Em seu discurso, evidencia o conceito de “parasitismo social” com o intuito de exemplificar as condutas humanas. Ao relacionar organismos biológicos e sociais define a inexistência de raças superiores e critica o regime colonialista.

Admite-se que cotejar os grupos humanos como estruturas relativas à Biologia é um tema pouco significativo à Sociologia. De fato, considerá-los desse modo seria minimizar múltiplas situações que são regidas por leis sociais. No entanto, o intelectual sergipano apresenta essa relação biológica-sociológica de modo elucidativo com o propósito de evidenciar as sociedades e os seus complexos

princípios. Reputar os conjuntos de indivíduos como “verdadeiros organismos, sujeitos como outros a leis categóricas”, ou seja, por “leis que regem a vida e a evolução de seres” (BOMFIM, 2005, p. 57) é uma conjuntura plenamente compreendida e dela consente-se que é possível reconhecer os eventos sociais cientificamente. Por conseguinte, utilizando-se de seus estudos em ambas ciências, o autor relaciona-as com o intuito de averiguar o universo social americano em seu período colonial.

Em vista disso, exemplifica que para a recuperação de um indivíduo enfermo é necessário conhecer a sua trajetória de vida. Ou seja, a análise médica cogitaria sobre o passado do paciente e, dessa forma, resultaria em seu restabelecimento, por isso o histórico apresenta importância quando as circunstâncias atuais não se apresentam favoráveis. De modo semelhante é o que se aplica ao estudo sobre a origem social da América do Sul, especificamente. Segundo o sociólogo, as consequências das suas dificuldades atuais podem ser averiguadas nos seus “males de origem”, em um tempo anterior, restrito à dominação de seus antecedentes.

No que concerne ao conceito de “parasitismo”, identifica-se que no reino animal existem seres que se adaptam a outros para, desse modo, conseguir seu sustento e, por conseguinte, seu desenvolvimento. Contudo, esses animais, ao fixarem-se, não evoluem, mas se degeneram da mesma forma quando um órgão, paralisado de seu funcionamento, quando não se exercita, conseqüentemente, atrofia-se. Portanto, o desenvolvimento é considerado fruto de uma atividade contínua e, dessa maneira, constata-se que o progresso evolutivo e as suas consequências em um corpo biológico ocorrem de modo análogo em um organismo social.

Ao retomar a análise para as colonizações ibéricas, a fim de reproduzir uma explicação para esse determinado momento histórico, foi possível verificar que as colônias foram exploradas pela metrópole e, assim, sob essa fixa condição, como um organismo unido ao outro, toda a gestão governamental, eclesiástica e nobre subsistia-se beneficiada pelo serviço labutar das colônias.

Do ouro tira-se o quinto para a metrópole; tributa-se o açúcar, monopoliza-se o comércio; e corre para a mãe-pátria um caudal de riqueza. Todo o mundo vive dessa riqueza, ou diretamente – explorando na colônia o trabalho escravo, ou indiretamente sobre o Estado (...). Nas metrópoles, as cortes se desenvolvem, crescem, proliferam, alastram, até abranger todas as classes aristocráticas (...). Todo o pensamento político se resume em conservar as coisas como estão (...). Para isto, fecham-se as colônias completamente, absolutamente, ao resto do mundo; toda a produção tem de passar pela metrópole, que deve tirar a sua parte (BOMFIM, 2005, p. 129-130).

Desse “parasitismo social”, grande parte dos recursos que eram extraídos das terras coloniais foi enviada à metrópole. A aristocracia peninsular vivia da riqueza do solo das colônias, dos produtos deflagrados da fixação. E para que esse tesouro não se esgotasse era imprescindível o monopólio do comércio. A Península, por sua vez, progride com a exploração da qual se obtém a sua subsistência, o seu progresso econômico, com nula apropriação humana e inexistente concepção solidária.

Os efeitos desse empenho ainda podiam ser conferidos no domínio social da metrópole sobre as colônias, no que concerne à especulada soberania de caráter da raça branca. O “parasitismo social” direcionava seus efeitos para os traços peculiares do dominante como aquele que possui qualidades distintas e superiores às demais sociedades. Para os ibéricos, a população indígena, por exemplo, não possuía qualidades motivadoras, e assim, era reputada como primitiva.

Dessa feita, as populações coloniais não eram livres. Estavam submetidas tanto ao trabalho de mão-de-obra forçada quanto ao caráter do homem europeu, ao adaptarem a sua gnose à dos povos peninsulares. À mercê dos ibéricos, não usufruíam de igual liberdade tanto em suas ocupações quanto na expressão de seu intelecto. Diante disso, surge a concepção de “raças inferiores” a qual se trata de um “sofisma abjeto do egoísmo humano” (BOMFIM, 2005, p. 268). Um engodo aplicado pela fixação parasitária.

De acordo com esse conceito, os povos indígenas eram considerados como “inferiores”, pois os europeus dominavam as suas terras, o seu caráter, a sua

cultura. O infundado princípio conservou-se com a inconsistência de que os “superiores” de uma próspera nação governavam os “inferiores” de uma civilização decaída. Portanto, como consequência, salienta-se que, na América, a referida ação de conquista, o processo colonial e a gerência de negócios administrativos dimanaram na formação de uma sociedade heterogênea e dividida em classes, na qual a minoria branca usufruía de privilégios e os demais encontravam-se desprovidos de direitos.

Ainda é possível destacar que, nesse período, os monarcas prodigalizaram os tesouros do Novo Mundo em edificações, em guerras e no sustento da corte. Assim, os efeitos da sua expansão ocasionaram o seu próprio declínio, da mesma maneira como aconteceu com Portugal. Com a economia desestabilizada, o país foi obrigado a importar uma grande parte do seu consumo.

Esse momento foi marcado por uma enorme crise europeia que ocasionou a degeneração “progressiva de todo o organismo” (BOMFIM, 2005, p. 123). O fator econômico resultou na revolução dos preços que consistiu em uma carência agrária e conduziu ao endividamento através dos empréstimos estrangeiros. Assim, destaca-se como resultado, o desemprego, a pobreza, as revoluções populares, um senso de ceticismo e de desengano.

Por outro lado, holandeses, franceses e ingleses continuavam motivados em perfazer o monopólio de Espanha e Portugal. Os franceses estabeleceram-se, por exemplo, em Guadalupe, Santa Luzia e Granada. Já os ingleses instalaram-se em Belize, Bahamas e Barbados. E os holandeses situaram-se, entre outros lugares, no Brasil, especificamente, na Bahia e em Pernambuco. Essa crise econômica, então, traduziu-se na baixa produção e circulação monetária, como também no tráfico comercial.

1.3. A iluminada época.

Salienta-se que, no âmbito europeu, durante o século XVII, começaram a instaurar-se respostas racionais necessárias para o esclarecimento de fenômenos e de leis reputados como inalteráveis. A evidência para tal posicionamento ocorreu diante da percepção de mudanças de uma sociedade incluída em um universo que se apresentava em progressivo movimento.

Para esse fim, era necessário utilizar um método científico com o objetivo de determinar racionalmente alguns acontecimentos classificados como imutáveis. As explicações transcendentais utilizadas na época eram baseadas na qualidade da contemplação, mas não evidenciavam com a mesma infalibilidade de outrora o teor de alguns fenômenos, por isso as interpretações fundamentadas na ciência repercutiram.

Essa prática foi consequência dos estudos de alguns sábios cientistas como o inglês Francis Bacon (1561-1626) que redatou *O Novum Organum ou Verdadeiras Indicações Acerca da Interpretação da Natureza* de (1620) no qual valoriza os métodos e as experiências laboratoriais como forma de investigação sobre propósitos verdadeiros acerca do conhecimento, e o notável físico e filósofo francês René Descartes (1596-1650), autor do *Discurso do Método*, uma obra publicada em 1637 e que se apresenta disposta em seis partes, nas quais se encontram avaliações sobre a ciência, sobre o método utilizado e as suas normas, sobre o funcionamento do coração humano e sobre assuntos envolvendo o exame da natureza.

Ao analisar alguns fatos com a possibilidade de resolver questões através de tendências científicas, distingue-se Isaac Newton (1642-1717), um físico e matemático inglês que, através da sua obra *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*, de 1687, revela a possibilidade de alcançar preceitos através da observação e da análise dos fatos. Ainda se torna oportuno destacar Galileu Galilei (1564-1642)

com *O experimentador*, publicado em 1623 e, de acordo com Elias (2014), foi uma das obras de maior influência que denotou esse novo comportamento.

Esse progresso científico de descobertas sobre um mundo em movimento regido por leis contrárias às concepções tradicionais que concebiam um universo hermético e estático, foi alicerçado mediante estudos em diversas áreas do conhecimento como a Física, a Química, a Matemática e a Astronomia. E nesse contexto, também despontou a obra *Ensaio sobre o entendimento humano*, de 1690, do inglês John Locke (1632-1704). Para o ideólogo, o poder monárquico não poderia infligir nas habilidosas faculdades individuais do homem, no seu interior, na sua consciência, mas apenas no ambiente exterior, no âmbito político no qual o soberano realizaria plenamente suas ações. Dessa maneira, existiria uma divisão entre o mundo exterior e o interior: “Passaria a existir uma nítida divisão entre o mundo exterior, político, no qual só quem fala é o monarca, e o mundo interior, em que o indivíduo esconde a sua consciência” (ELIAS, 2014, p. 19).

As revelações dessa filosofia que contestava as tradicionais inferências, através de uma avaliação crítica, prosseguiram no século seguinte. Essa nova atitude científica, segundo Elias (2014), era caracterizada pelos filósofos da época com metáforas como “luzes, ideias luminosas, esclarecimento” que disseminavam uma oposição à escuridão, ao inculto, ao ignoto o que levou à caracterização dessa época como “Século das Luzes” por se tratar de uma época de modernização, de reformas e de desenvolvimento marcada por uma revolução intelectual que tinha como base a razão. Nesse período, distintos escritores publicaram obras filosóficas como *Cartas Persas* (1721) e *Espírito das Leis* (1748) de Montesquieu (1689-1755), *Cartas Filosóficas* (1734) de Voltaire (1694-1778), *Carta sobre os Cegos* (1749) de Diderot (1713-1784), *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (1750) de Rousseau (1712-1778), entre outros.

Em 1751, ocorre a publicação da *Enciclopédia ou Dicionário Raciocinado das Ciências, das Artes e dos Ofícios, por uma Sociedade de Homens de Letras. Organizada e Publicada por Diderot... e quanto à Parte Matemática por d’Alembert*, que seria uma reunião de textos na qual se verifica as indispensáveis ideias

filosóficas. O fundamento dessa obra estava no método: “maior fenômeno editorial do Esclarecimento tinha no método, e não no conteúdo de ideais, a sua essência: o conhecimento parte dos fenômenos, que são os dados para as leis” (ELIAS, 2014, p. 21). D’Alembert (1717-1783) e Diderot (1713-1784) dividiram e organizaram a obra que continha novos conteúdos filosóficos. A mesma apresenta o *Discurso Preliminar* produzido por d’Alembert que além de ser uma introdução à obra, também “é um importante resumo ou súmula de todo o espírito da Filosofia desse tempo” (FORTES, 2004, p. 49). Nela, igualmente, encontram-se várias colaborações de grandes filósofos como Montesquieu, Voltaire, Rousseau, entre outros.

Immanuel Kant (1724-1804) realça sua contribuição com o seu célebre ensaio *Que é Esclarecimento?* (1784). O filósofo prussiano constrói sua resposta ao definir o Esclarecimento como a evasão humana de sua própria condição menor, de não maioridade. O avalizado progresso de um indivíduo seria caracterizado pelo seu próspero pensamento intelectual pleno de liberdade ao utilizar-se de seu saber de forma independente. As normas instrutivas que são convictamente propaladas na sociedade apresentam-se como arbitrários paradigmas, contudo, com o esclarecimento, a autossuficiência do indivíduo seria essencialmente decisiva.

Compreensível refutação que alude a cobiçada autonomia de um indivíduo e a sua necessidade de progresso intelectual permutam uma busca por verdades contidas no seu próprio meio. O êxito infalível e viável para a substancialização desse pleito brotará do movimento de esclarecedores princípios e ideias que visam um amplo caminho cultural de instrução para um ser.

Esclarecer-se é emancipar-se. Mas do que exatamente? Da direção que os outros exercem sobre nós. Kant concebe a liberdade como autonomia, isto é, a possibilidade de extrairmos unicamente de nossa própria razão a norma de nossas condutas. Por isso, o Esclarecimento liga-se diretamente com a moral: esclarecer-se é passar da heteronomia (sujeição à vontade de terceiros) para a autonomia (FIGUEIREDO, 2014, p. 23).

Os que alcançam essa instrução apreendem a abrangência do desenvolvimento e tornam-se cientes do caminho da evolução da sua individualidade e da criação dos alicerces de sua autonomia. Com o esclarecimento alcança-se a liberdade, auferem-se ao escape de grilhões tirânicos, ascende-se à saída de um território compostos por conceitos contrários à natureza humana.

Ressalta-se que a liberdade exercida no ato de pensar abrangeria uma conduta racional e uma postura crítica estimulada por princípios íntegros e éticos. Sendo assim, um exame analítico estimularia as ideias racionais sobre um determinado tema a fim de frustrar erros e construir um senso comum. Caso contrário, uma reflexão se converteria em uma norma que é aceita sem questionamentos, sem reflexões: “uma verdade que se espera que as pessoas aceitem sem questionar. O nome disso é dogma, e é o oposto do Esclarecimento” (FIGUEIREDO, 2014, p. 24).

É válido complementar que a Revolução Francesa, ocorrida entre 1789-1799, foi um dos processos amotinadores que desenvolveu fortes influências políticas, ocasionou a ruptura da estrutura social e resultou na mudança e na transformação da sociedade, segundo o estudo de Fortes (2004). Com isso, o absolutismo monárquico e eclesiástico, os quais detinham todos os privilégios, entraram em crise e os seus domínios começaram a dissipar-se. A *Declaração dos Direitos do Homem e dos Cidadãos* (1789), um dos mais famosos documentos desse movimento, resumia o conceito de igualdade, liberdade e fraternidade. Dessa maneira, verifica-se que esse período apresentou uma tentativa de modernização e despertou o interesse em transformar as estruturas do Antigo Regime³. Os ideais revolucionários propagavam a liberdade individual, a participação política e a criação de boas condições para a melhoria e o desenvolvimento da população. Constata-se que toda essa transição complexa que ocorreu nos últimos séculos, impulsionada pelas ideias revolucionárias, ocasionaram mudanças no ambiente político e cultural das

³ Sistema político e social constituído pelo absolutismo monárquico, pelo poder da igreja e pela sociedade estamental.

sociedades e principiaram um novo tempo, uma inovadora etapa na qual destacavam-se a razão, a ciência e o ser humano.

Nessas circunstâncias em que toda percepção experimental visa conhecer mais sobre a natureza do mundo, de acordo com a sincronia dos pensamentos científicos e com o intuito de elucidar as definições usuais, é quando surge o Iluminismo, um fenômeno alicerçado nas alterações econômicas, sociais e políticas do século XVIII. Contudo, o movimento iluminista não se deteve apenas na Europa, especificamente na França, na Alemanha ou na Inglaterra, mas ocorreu, inclusive, na Espanha propagando-se durante o reinado da nova Dinastia dos Bourbons que apresentava uma forma de governo conhecida por “despotismo ilustrado”. O novo rei, Carlos III, que subiu ao trono em 1759, exercia ações fundamentadas no “espírito” do século que ambicionavam a prosperidade econômica e cultural, a extensão do racionalismo e o progresso científico: “imbuído por ideias de progresso científico e educacional e de reforma administrativa” (LAFAYE, 2004, p. 630). Assim, entre 1759 a 1788, implantou um sistema de reformas, juntamente com o apoio dos seus ministros Aranda, Floridablanca e Campomanes e, dessa maneira, a Espanha conseguiu se estabelecer entre as nações da Europa.

Tais reformas também foram observadas nos territórios coloniais sublinhando, por consequência, uma época de reorganização e, vinculadas à ideia de desenvolvimento rumo a um novo horizonte, despontavam um progresso político e econômico que ocasionaria um benefício social. Um dos referenciais dessa época foi o fim do monopólio das companhias de comércio como o da Casa de Contratação nas Américas. A *Carrera de Índias* foi modificada pela livre navegação e foi estruturado o liberalismo econômico que abriu doze portos espanhóis e 24 americanos. Com isso, ocorreu o avanço econômico, urbano e social e a produção de riquezas gerou novas permutas comerciais que fomentou novos caminhos marítimos.

A administração também foi marcada por transformações. Em 1718, houve a criação da Secretaria de Estado que reduziu o poder do Conselho Real e Supremo das Índias. Também foram estabelecidos novos Vice-reinados como o de Nova

Granada, em 1738, com a capital em Bogotá e o de *Rio de la Plata*, em 1776, cuja capital foi em Buenos Aires, e em cada um instituíram-se administradores gerais que estavam submetidos à autoridade do vice-rei. Os cargos de governadores, *adelantados* e corregedores expiraram-se, e as intendências⁴ foram implantadas em 1768.

Convém destacar que no âmbito americano, desde seu início colonial, a América foi afetada por tradições artísticas e culturais oriundas de países peninsulares. No entanto, entender as ideias ilustradas como aquelas que surgem no mundo europeu, sendo, posteriormente, reproduzidas de modo análogo nos espaços coloniais é pressupor um movimento intelectual ilegítimamente americano. Ou seja, conceber que a Ilustração teve origem nas regiões ibéricas sendo, em períodos seguintes, assimilada pelas colônias, “não parece ser a forma mais significativa de pensar toda a complexidade que o século XVIII propõe para o mundo hispânico” (CORDIVIOLA, 2010, p. 18). Dessa feita, considera-se a Ilustração como um fenômeno intelectual americano, dessemelhante ao do europeu e com própria nacionalidade.

Em vista disso, Chiaramonte (1977) informa que com a análise de alguns textos da época, como cartas públicas, proclamas e representações, foi possível verificar uma legítima particularidade americana distinta do pensamento europeu. Contudo, era patente que os autores que evidenciaram essas iluminadas reflexões não eram apenas os *criollos*⁵, mas também os ibéricos possuidores dessas novas correntes de pensamento e que não deixaram de ser mediadores no espaço colonial. Então, o pensamento ilustrado americano surgiu com “pasos previos, representados por peninsulares o criollos” (CHIARAMONTE, 1977, p. XVI).

⁴ Tratavam-se de territórios dirigidos por delegados reais conhecidos por intendentess e que eram responsáveis pela economia, segurança e defesa dos locais.

⁵ Sublinha-se que nessa sociedade também se distinguiram os *criollos*, termo que, de início, nomeava os espanhóis nascidos em território americano; entretanto, logo em seguida, foi expandido a todos aqueles que compartilhavam do mesmo sentimento de gentílico, nativo da América.

Esse movimento é interpretado por muitos estudiosos como uma afluência antecessora à independência. Essa circunstância limita a Ilustração ibero-americana como apenas um movimento sucessor da ideologia revolucionária anti-metropolitana. Assim, torna-se mais condizente considerá-lo como sendo uma “penetración moderada y gradual del ‘espíritu del siglo’” (CHIARAMONTE, 1977, p. XIV), fruto de um pensamento munido de autonomia que provoca e influencia o mundo intelectual ibero-americano.

Dessa maneira, assegura-se a Ilustração não como um fenômeno exclusivamente europeu que se propagou pelo mundo e foi representado em outros territórios. Mas, ao chegar às colônias, ajustou-se ao mundo colonial e influenciou-o a uma ruptura com o Antigo Regime. A Ilustração americana, portanto, trata-se de um evento não apenas europeu, mas sim “un conjunto de discursos con diferentes lugares de producción y enunciación que gozaban ya en el siglo XVIII de una circulación mundial” (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 22) que se revelaram tanto no mundo ibérico quanto nos territórios coloniais americanos. Desse modo, torna-se favorável atestar o novo pensamento como também presente nas colônias. Não apenas influenciado pela metrópole e tampouco provocado nos movimentos pré-independistas, mas sim como movimento significativamente inovador e genuíno do mundo colonial. Considera-se, portanto, “pensar localmente, pois essa mecânica de apropriações teve características diferentes e particulares em cada região do continente” (CORDIVIOLA, 2010, p. 19).

Em vista disso, essa transição cultural que segue rumo a uma nova consciência, esse novo sistema que assomou nas colônias, contribuiu com o aumento de uma inquietação entre os *criollos*, pois mesmo com o novo funcionamento administrativo da metrópole, os descendentes ibéricos nascidos na América continuaram com mínimas possibilidades de promoção aos cargos públicos, que conduziram a um descontento generalizado. A expansão territorial somada com a centralização administrativa testemunhou entre os *criollos* um sentimento de que a metrópole agia desconforme seus objetivos. Com isso, o distanciamento entre os espanhóis da América e os da Espanha foi acentuado no campo político-cultural.

Os novos ideais refutavam os privilégios monopolistas das estruturas político-administrativas. Esse pensamento crítico e reformista foi o que, precisamente na América espanhola, levou os *criollos* a um desejo de progresso. A elite *criolla*, formada por comerciantes e proprietários das minas, demonstrava desejo de ampliar o direito ao livre comércio. Os conflitos desencadeados sobre a aptidão dos *criollos* americanos em ocuparem posições governamentais foram amplamente discutidos por causa da considerada “autonomia interna” que, segundo Lafaye (2004, p. 630), define-se pelo interesse em reestruturar o que consideravam ser justo e de seu direito como americanos pertencentes àquele lugar.

Toda essa medrança intelectual promoveu o aumento do entusiasmo entre os *criollos* que buscavam uma afirmação dos seus valores frente à exaltação da terra a qual estavam vinculados. A partir desse momento, iniciou-se o surgimento de uma consciência de pertencimento à pátria americana. Os espanhóis americanos começaram a conscientizar-se de suas características peculiares diante dos espanhóis peninsulares. Contudo, como analisado, o governo monárquico ainda realizava uma política que não oferecia aos mesmos uma oportunidade de ocupação dos cargos de confiança do Reino, portanto ainda se sentiam excluídos pela metrópole. Dessa forma, verifica-se que a primeira metade do Setecentos na América foi marcada pelo enaltecimento da pátria por parte dos *criollos*: “O senso colonial de inferioridade (...) fora substituído por um senso de superioridade da América” (LAFAYE, 2004, p. 628). Esse período de consciência americana, fundamentada no exercício racional da própria autonomia, visava o progresso das últimas décadas.

Ainda ocorreram avanços de ordem educacional, pois foram construídas novas instituições educacionais como a Universidade de *San Jerónimo*, em Havana, em 1728, a Universidade de Santa Rosa, em Caracas, em 1725, e a de Santiago de Chile, fundada em 1738. Essas foram marcos de uma “nova orientação no desenvolvimento cultural que coincidiu com o apogeu do espírito crioulo tradicional” (LAFAYE, 2004, p. 629). Em vista disso, as ciências e as artes se expandiram na América.

Destaca-se também uma propagação na área cultural americana como a criação de óperas e o teatro em Lima. Foi constituída uma orquestra sinfônica em Caracas “que permaneceu inigualável em seu campo até o início do século XX” (LAFAYE, 2004, p. 629). A pintura, os trabalhos de alegorias religiosos e a arquitetura foram notáveis e se expandiram de maneira insuperável.

Na Cidade do México, obras de muitos escritores foram editadas nas tipografias do Colégio de San Ildefonso que iniciaram seu funcionamento em 1748. Além disso, foi estabelecida uma editora em 1735 e, conseqüentemente, a publicação da obra *Bibliotheca mexicana* de Juan José de Eguiara y Eguren no intuito de revelar os grandes trabalhos dos espanhóis americanos com o objetivo de relacionar as obras dos autores mexicanos e revelar que os espanhóis americanos eram escritores de grandes obras e em inúmera quantidade desde a formação de Nova Espanha nos últimos séculos, complementa Lafaye (2004).

Os novos conhecimentos foram disseminados com a liberdade de imprensa que promoveu elevados números de publicações periódicas da *Gaceta de Madrid*, reimpressa na América desde 1737, da *Gaceta de Lima*, do *Diario Erudito*, *Econômico y Comercial* de Lima que, posteriormente, seria o *Mercurio Peruano*, do *Mercurio Volante* e das *Primicias de la Cultura*. Muitos escritores movidos pelas ideias revolucionárias expunham seus pensamentos em seus textos, e assim, novas concepções foram divulgadas em livros e jornais.

A Inquisição não obteve êxito em confiscar a circulação desses trabalhos. Dessa maneira, milhares de livros chegaram à América. Algumas obras filosóficas estrangeiras como a *Enciclopédia*, outras de escritores espanhóis como frei Benito Jerónimo Feijó (1676-1764), Gaspar Melchor de Jovellanos (1744-1811) e José Joaquín Fernández de Lizadi (1776-1827), escritor mexicano, foram disseminadas no território americano e amplamente lidas.

1.4. As viagens científicas do Século XVIII.

Considera-se, portanto, que o crescimento dos distintos campos das ciências estimulou a coroa espanhola a realizar viagens a fim de conhecer a diversidade da flora e da fauna no Novo Mundo. O país hispânico continuou a proteger o seu monopólio na amplitude das águas e desenvolveu tais navegações para delimitar territórios e buscar por saberes científicos que esmeravam temas sobre a fauna, a flora e a cultura das sociedades.

Entre 1777 a 1788, uma expedição que seguiu rumo ao Peru e ao Chile contou com a colaboração de botânicos franceses. Segundo Varela (1993), José Pavón (1754-1842) e Hipólito Ruiz (1754-1842) descreveram a flora americana e enviaram os resultados ao Jardim Botânico de Madrid. A principal obra que versava sobre as novas espécies do mundo natural foi *Flora Peruviana et Chilensis*, de 1794, composta por doze volumes, dois quais foram publicados apenas três.

Outra viagem seria a de Nova Granada, desde 1783 a 1816, liderada pelo naturalista José Celestino Mutis (1732-1808), que dispôs da colaboração de *criollos* para conseguir acumular uma grande coleção sobre os materiais botânicos, registra Varela (1993). Os resultados desse estudo constituíram-se em mais de 6.000 lâminas botânicas, uma coleção de mais 20.000 exemplares botânicos e na publicação do livro *Flora de Bogotá*, composto entre 1783 a 1808.

Um seguinte deslocamento marítimo ocorreu entre 1787 a 1803 e foi planejado pelo médico Martín de Sessé (1751-1808), que tinha como objetivo fazer uma investigação sobre o catálogo florístico do Novo Mundo para construir um Jardim Botânico e uma Cátedra na Espanha: “Se originó a partir de una propuesta del médico español Martín de Sessé, que contemplaba (...) el establecimiento de un jardín botánico y una cátedra de botánica” (VARELA, 1993, p. 49).

O Real Jardim Botânico de Madrid dirigido por Casimiro Gómez Ortega (1741-1818) foi a entidade científica que mantinha o controle organizacional dos resultados

das viagens. Ademais, realizava instruções dos funcionários que eram encarregados de recolher relatórios das Índias. Nesta instituição, Ortega e Palau ensinaram a teoria da ciência botânica seguindo a classificação de Carlos Lineu (1707-1778), naturalista sueco que elaborou um sistema em 1735. Esse método era amplamente utilizado pelos naturalistas com o objetivo de classificar uma flora, por vezes, desconhecida pelos botânicos peninsulares: “Este sistema, aunque altamente artificial, era de gran utilidad en la clasificación de una flora casi desconocida para los botánicos europeos” (VARELA, 1993, p. 48). Destacam-se ainda Jorge Juan y Santacilia (1713-1773) e Antonio Ulloa (1716-1795), dois oficiais da marinha espanhola que realizaram uma missão secreta entre 1735 e 1744, na costa do pacífico da América do Sul. A viagem foi relatada na obra *Noticias secretas de América*, publicada em 1918 e que denunciava a má administração colonial.

Os ingleses também realizaram viagens de circum-navegação à América nesse período. Dentre elas, acentuam-se as de John Byron (1723-1786) e a James Cook (1728-1779). Mais um viajante foi Alexander Von Humboldt (1769-1859) que conseguiu uma autorização para navegar da Alemanha às Índias e conheceu os “monumentos da Cidade do México, comparáveis a seu ver apenas a São Petersburgo e Paris” (LAFAYE, 2004, p. 635). Além disso, anunciou que “nenhuma outra cidade do Novo Mundo tinha universidades e instituições literárias e científicas de igual padrão” (LAFAYE, 2004, p. 635). E foi a partir dessa viagem que Humboldt publicou várias obras, dentre elas, *Imagens da Natureza* (1808), *Imagens das Cordilheiras e monumentos dos povos indígenas da América* (1810) e *Ensaio Político do Reino de Nova Espanha* (1811).

Esse desejo que moveu o homem à investigação e à compreensão do mundo foi efetivado através das viagens. Como citadas previamente, as jornadas marítimas dos séculos XVI e XVII são consideradas de descobertas e de conquistas, destinadas ao conhecimento, à ocupação das terras e ao domínio dos povos. No século XVIII, identifica-se que o Iluminismo deu origem às viagens científicas. Esses deslocamentos diferenciavam-se dos anteriores, pois objetivavam estudar o

ambiente geográfico, demarcar os territórios, além de reunir novas espécies da fauna e da flora.

As viagens científicas eram indispensáveis para a coleta e para a catalogação de dados com o intuito de delimitar territórios e espécies. A medição da topografia contribuía para o conhecimento geográfico da terra e os resultados do estudo também possibilitaram um avanço no conhecimento sobre realidades ainda desconhecidas. Todo o exame científico foi possível através do acesso aos instrumentos da Armada espanhola. Com o uso de renovados equipamentos importados de outros países como a França, por exemplo. Dessa maneira, a Espanha se posicionava entre os países por possuir qualificações náuticas bem definidas e elencadas com o espírito científico da época.

Um dos destacados viajantes dessa época foi Alejandro Malaspina (1754-1810), destemido navegador italiano que esteve a serviço da Marinha Espanhola. Entre 1789 e 1794, realizou uma jornada para conhecer e compreender o mundo das colônias hispânicas. Tratava de investigar os domínios do império espanhol sob aspectos naturais, políticos e científicos. Avalia-se essa viagem como a mais importante da Ilustração espanhola, pois forneceu resultados valiosos sobre a descrição geográfica, econômica, política, militar e científica dos territórios dominados pela coroa que se localizavam desde o Oceano Atlântico até o Pacífico. Juntamente com seu amigo Bustamante y Guerra (1759-1825), Malaspina percorreu a costa da América, da Ásia e da Oceania e levantou informações das colônias espanholas situadas ao longo do Atlântico e do Pacífico.

No próximo capítulo é possível analisar algumas informações sobre a biografia de Malaspina, o seu plano de viagem, os preparativos para a expedição e os seus resultados. A viagem, contextualizada no Século das Luzes, apresentou resultados muito mais amplos e diferentes dos iniciais que moveram o capitão para essa aventura que visou reformas no âmbito social das colônias ao descobrir a excentricidade humana e a sua singularidade cultural. Ao realizar contato com o ambiente do Novo Mundo foi possível conhecer a sua riqueza natural e apreciar os seus habitantes.

2. A VIAGEM AO REDOR DO MUNDO

2.1. Memórias de um navegador, Alejandro Malaspina.

Conforme elucidado no capítulo anterior, a segunda metade do século XVIII marca o momento de busca por mudanças e de ampliação de procedimentos com a utilização de uma metodologia diferente das tradições anteriores com o propósito de conhecer o universo físico, compreender o ser humano e os seus comportamentos. Esse foi o período que as expedições científicas despontaram e uma dessas foi a Expedição Malaspina, comandada pelo capitão Alejandro Malaspina e por seu amigo José de Bustamante y Guerra, os quais desenvolveram estudos sobre o mundo natural das colônias espanholas incluindo a fauna, a flora, a etnia, a geografia, o clima, a política, entre outros temas.

A fim de alcançar uma análise mais apurada sobre a viagem, torna-se imprescindível conhecer, inicialmente, a biografia do almirante que projetou a trajetória de circum-navegação, também conhecida como a “viagem ao redor do mundo”, a qual apresentou resultado abrangente sobre informações experimentais dos territórios e das populações visitadas.

Alejandro Malaspina foi um navegador que esteve a serviço da Real Marinha Espanhola. Nasceu em cinco de novembro de 1754 em um pequeno povoado da península italiana chamado Mulazzo, que está localizado na região de Lunigiana. Era uma terra formada por vales e costas, situada próxima às cidades de Florência, Gênova e Parma. Nessa época, a Itália não era um país, mas um conjunto de repúblicas, estados e cidades em que, apesar dos últimos anos de guerras, prosperavam as artes, a cultura, a poesia e o comércio.

Descendente da linhagem de Lunagiana e Mulazzo, o seu pai foi Carlo Morello, Marquês de Mulazzo e a sua mãe era Catalina Melilupi, “sobrina de Fogliani, ministro de Carlos III en el reino de Nápoles y virrey de Sicilia” (PASCUAL, 1990, p. 197). Nos anos seguintes, sua família mudou-se para Palermo, no centro do Mediterrâneo e Alejandro Malaspina foi estudar em Roma, no Colégio Clementino⁶, onde lhe foi fornecido o acesso à uma instrução profusa de conhecimentos como cultura clássica, letras, matemática, física e ciências naturais.

Em contato com as obras *Principios Matemáticos de la Filosofía Natural* (1687), de Newton, e *La Scienza Nuova* (1725), de Vico, o jovem Malaspina perscrutou o mundo natural e, aos dezessete anos de idade, apresentou um trabalho intitulado *Theses ex universa philosophia selectae in Carolino Nobilium Collegio Societatis Jesu*, que, de acordo com os estudos de Igea (2001), trata-se de uma tese sobre física geral baseada nos conhecimentos adquiridos das leituras dos referidos autores citados que contribuíram para sua formação científica.

Em 1774, com 20 anos de idade, Malaspina viajou a Espanha e ingressou na Academia da Guarda Marinha onde desenvolveu uma brilhante carreira participando de combates e longínquas navegações que, rapidamente, proporcionaram-lhe elevados cargos. É conveniente sublinhar que as navegações patrocinadas pela coroa espanhola não eram apenas formadas por navegadores e cronistas espanhóis, mas também por oficiais da Península Italiana. Conforme Igea (2001), esse motivo apresenta como causa o domínio da Espanha nas regiões de Ducado de Milão e Reino das Duas Sicílias. Nessa época, era frequente a presença italiana na Espanha, como também era genuína a participação de italianos nas viagens para a América espanhola, fato esse que não foi diferente com o navegador Malaspina, o qual também contribuiu com essa relação entre Espanha e Itália na participação das excursões náuticas.

⁶ Instituição religiosa da Ordem de Somasca, uma congregação religiosa fundada no século XVI, inicialmente conhecida como Companhia dos Servos dos Pobres, e apresentava como fundador São Jerônimo Emiliano.

Dentre seus feitos, Malaspina defendeu a cidade de Melilla em 1775. Navegou até as Filipinas, dobrou o Cabo da Boa Esperança e cruzou a linha do Equador em 1778, e assim, ascendeu ao cargo de Tenente. Em 1779, integrou o combate do cabo de Santa Maria contra os ingleses. Em 1781 participou da Batalha de Gibraltar e em 1782, sendo capitão da *Asunción*, navegou até as Filipinas e regressou ao território espanhol dois anos depois.

Contudo, no âmbito de tamanhos sucessos, em 1783, o navegador foi investigado pelo Tribunal do Santo Ofício o que lhe valeu um processo com a Inquisição, em razão de que, durante as viagens, se dirigia à sua cabine para ler os livros proibidos pelo *Index librorum prohibitorum*, em lugar de comparecer às reuniões diárias das missas que se celebravam a bordo das embarcações.

Entre 1786 e 1788, Malaspina realizou uma viagem de circum-navegação patrocinada pela Companhia das Filipinas, a bordo da fragata *Astrea*. Durante esse itinerário, bordejou o Cabo de Hornos e navegou até o porto de *El Callao* de onde seguiu para as Filipinas. Regressou à Europa, cruzando o Índico e contornando o Cabo da Boa Esperança. Assim, o capitão foi o 13º marinheiro a dar a volta ao mundo.

Malaspina também se interessou pelos problemas comerciais e políticos dos mundos distantes. Começou a considerar o ambiente de desigualdade e mal governo consequente do sistema colonial: “panorama desolador donde desigualdad, injusticia y corrupción, mal gobierno en definitiva, son la resultante de un sistema colonial obsoleto, decadente” (GÓMEZ, 2010, p. 17). Assim, decidiu visitar essas terras para entender a realidade das colônias hispano-americanas e concluiu que se fazia necessário conhecer o território *in loco*. Dessa maneira, comprometeu o seu tempo e organizou uma viagem conhecida como a Expedição Malaspina, que retratou os ideais reformistas do Século XVIII através de um grande acervo de cartas náuticas, desenhos, catálogos de espécies dos locais visitados. A jornada durou cinco anos, de 1789 a 1794, e realizou valiosos estudos sobre a história natural e os costumes das populações visitadas na América, na Ásia e na Oceania. Uma amostra da audaciosa Expedição espanhola às terras coloniais.

A mais ambiciosa empresa naturalista que a Espanha ilustrada enviara a seus territórios coloniais (de 1789 a 1794), mas também se tornou o exemplo para qualquer outro projeto deste tipo, em vista dos seus grandes percalços (COSTA & DIENER, 2008, p. 84).

Durante o regresso à Cádiz, Malaspina encontrou uma Espanha diferente. O monarca Carlos III havia falecido e o seu filho, o sucessor Carlos IV, reinava naquele momento. Além da crise francesa ameaçar atingir toda a Europa, a Espanha entrava em guerra com a França, mesmo tendo sido países aliados por muitos anos. Mesmo diante desse contexto, Malaspina, Bustamante e oficiais da Expedição, como Dionisio Galiano e o tenente Ciriaco Cevallos, foram recebidos no palácio real com cerimônias oficiais. Em seguida, o capitão foi nomeado brigadeiro da Armada e ocupou-se em organizar os variados elementos coletados sobre o Novo Mundo e a redigir as memórias da viagem (PASCUAL, 2000).

Em 26 de julho de 1795, Malaspina recebeu a colaboração de um eclesiástico, o padre Gil, que realizaria a função de um auxiliar literário, uma prática comum na assistência das redações manuscritas. O padre foi nomeado a esse ofício por Manuel Godoy, também conhecido como Príncipe da Paz, o qual era o primeiro ministro do rei. O clérigo, homem erudito e empenhado por assuntos políticos, recebeu de Malaspina um plano para escrever a viagem. O navegador italiano sugeriu que a narração deveria abordar, dentre vários temas, precisamente, a análise de um estudo intrínseco sobre o Novo Mundo de maneira distinta a tantos outros compostos anteriormente.

Sendo assim, por um Decreto Real de 28 de setembro de 1795, os assuntos políticos e econômicos da Expedição, de início, fariam parte dos arquivos secretos do governo. Malaspina não apresentou medidas específicas para essa modificação, mas, como afirma Pascual (1990), reiterou o desenvolvimento dos povos, por considerar o território um local suficiente para a produção de seus bens e, conseqüentemente, seu livre desenvolvimento: “como una inmensa región capaz de

producir bienes de todas clases, y de conformar la felicidad de millones de individuos” (PASCUAL, 1990, p. 201).

O Príncipe da Paz, por conseguinte, não se agradou desses conteúdos, visto que o navegador se interessava sobremaneira por assuntos sociais e manifestava princípios com teores reformistas direcionados ao governo das colônias: “la política de Godoy, muy lejana de la que había enviado a Malaspina a conocer los límites del Imperio, chocó bien pronto con los planes reformistas del navegante italiano” (PUIG-SAMPER, 2010, p. 26). As informações de Malaspina estavam fundamentadas por críticas severas à regência e provocaram interposições do, então, ministro Godoy.

Por causa de suas ideias reformistas na gestão política, Malaspina foi preso. Denúncias que o incriminavam como participante de uma conspiração contra o ministro encarceraram-no em novembro de 1795 e condenaram-no, de maneira severa, a dez anos de prisão, no castelo de *San Antón*⁷, em *La Coruña*. A inexperiência de Malaspina em tratar de assuntos políticos acelerou a sua prisão, conforme identifica Rodríguez (2010). Assim, o capitão italiano “fue detenido acusado de complot contra el Estado” (PASCUAL, 1990, p. 206), e também, o padre Gil.

Durante esse período de detenção, toda a documentação da viagem, incluindo os trabalhos científicos, artísticos, os diários e as anotações particulares, foram sequestrados da Secretaria de Estado da Marinha por ordem do Príncipe da Paz e entregues ao funcionário Florentino Rozo da Secretaria da Marinha: “Terminado el proceso toda la documentación relativa al viaje quedó depositada en cajones cerrados en la Secretaría de Marina, pasando más tarde al Depósito Hidrográfico” (RODRÍGUEZ, 2010, p. 11). Inclusive, foram confiscadas, por ordem de Godoy, as colaborações do padre Gil. O embargo dos escritos da Expedição resultaria em uma desmemoria das realizações do capitão e, conseqüentemente, de sua pessoa. Dessa forma, a detenção do navegador juntamente com a apreensão

⁷ Uma fortaleza construída no século XVI para proteger o local contra as disputas marítimas, porém, durante o século XVIII, foi transformada em uma prisão, segundo Gómez (2010).

das suas obras configuraria uma maneira de pôr um fim à sua carreira, ao seu serviço, ao seu nome.

Para este hombre superior eran contrariedades de fácil consuelo su prisión y su ruina; pero acaso no fuere exagerado señalar como causa de su muerte prematura, el estúpido decreto que sepultaba en el olvido más injusto todo el caudal de sus trabajos; esto es, su nombre, su gloria, su eterna fama, tan costosa y honradamente adquirida hora por hora (NOVO Y COLSON, 1885, p. XIX).

Mesmo diante do impedimento de editoração da viagem, torna-se propício assinalar que foi notória a tentativa de publicação de alguns documentos que não foram confiscados por Godoy. A primeira foi em 1796 por José de Bustamante. Contudo, o grande investimento para a edição da obra foi a causa que resultou em um projeto sem êxito. Em seguida, começaram a surgir algumas publicações parciais, como por exemplo, a de Pedro Maria González, o cirurgião da expedição, que publica o *Tratado de las enfermedades de las gentes de mar* em 1805. Alguns trabalhos de Espinosa y Tello, entre 1805 e 1809, como os resultados cartográficos e hidrográficos. Entre 1824 e 1868, surgiram outras publicações como o diário da Expedição publicado parcialmente por Krusenstern, pesquisador e almirante da marinha russa, o diário da viagem do Tenente Francisco Javier Viana e a relação das navegações da *Atrevida* nos *Anais da Direção Hidrográfica* (MARTÍN, 2010).

Foram conservados os materiais botânicos de Luiz Née que estavam em sua residência, em função de seus estudos. E em 1827, Navarrete, diretor do Depósito Hidrográfico, transferiu esses documentos manuscritos tocante à botânica ao Real Jardim Botânico, juntamente com os relacionados à história natural da América, redigidos por Tadeo Haenke e Antonio Pineda, à Biblioteca do gabinete de História Natural. Em outubro de 1869, o diretor geral de Instrução Pública solicitou ao dirigente do Museu de História Natural o exame das caixas enviadas da Expedição com o intuito de enviarem os produtos antropológicos e etnológicos ao Museu Arqueológico. Em 1872, o Museu de Ciências Naturais solicitou ao Ministério da Marinha os desenhos e registros dos naturalistas Haenke, Née e Pineda que ainda

estavam no Depósito Hidrográfico, e assim, esses materiais foram sendo incluídos na documentação da expedição, (RODRÍGUEZ, 2010).

Em 1803, Malaspina foi solto por auxílio de Melzi, um amigo que intermediou sua liberdade e seu desterro à Itália. Na Itália, permaneceu em Pontremoli até nove de abril de 1810 quando padeceu de um tumor aos 55 anos de idade. Um dos grandes navegadores de sua época que, igualmente como Jorge Juan, Espinosa y Tello, Antonio de Ulloa, proporcionou, através das histórias da sua expedição, o conhecimento da fauna, da flora e de uma sociedade, até então, pouco notáveis para o mundo europeu.

No que concerne aos documentos da viagem, depois de longos períodos absortos no depósito da Marinha espanhola, aproximadamente 100 anos, foram localizados por Pedro Novo y Colson, contra-almirante da Marinha Espanhola, que lhes designou um objetivo: Em 1885, publicou a obra *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navío D. Alejandro Malaspina y don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794* que agrupa com apropriado arranjo os documentos da Expedição Malaspina, incluindo as cartas, os relatos, os trabalhos artísticos e os diários.

Registra-se que Novo y Colson nasceu em Cádiz, em 26 de outubro de 1846, e faleceu em 17 de fevereiro de 1931, em Madrid. Foi um literato, marinheiro e historiador. Membro da Real Academia Espanhola (RAE) e da Real Academia de História (RAH), publicou obras como *Historias de las Exploraciones Árticas*, em 1880, *Historia de la guerra de España en el Pacífico*, em 1882, *Corazón del Hombre*, em 1884, *La Bofetada*, em 1890, e dentre outras, realizou a publicação do decurso da ilustrada Expedição Malaspina, com o propósito de divulgar essa viagem.

A referida literatura analisada apresenta-se disposta, inicialmente, por uma *Introducción Histórica* de autoria de Novo y Colson na qual aponta “*algunas reflexiones sobre la conveniencia de publicar esta obra*” (NOVO Y COLSON, 1885, p. I) poucos dias depois de ter lido, como ele próprio afirma, com mais dissabor que

surpresa, a *História general de los Descubrimientos Marítimos*, de W. Desborough Cooley, um respeitado historiador britânico. Cooley relata, dentre outras informações, que os espanhóis eram inaptos a levantar planos náuticos e inabilitados com o uso de cronômetros. Esse parecer, porém, demonstra ignorar os trabalhos náuticos hispânicos pois, sete anos antes dessa data, D. José de Mazarredo, “fué *inventor* (que así puede llamarse), del procedimiento para hallar la longitud valiéndose de las *distancias lunares*” (NOVO Y COLSON, 1885, p. II) quando navegava pelas proximidades do Cabo de Boa Esperança.

Desse modo, com o propósito de refutar tais considerações, Novo y Colson (1885) relaciona uma enumeração de marinheiros espanhóis que realizaram grandes feitos, alguns como D. Vicente Tofiño, construtor do *Atlas marítimo espanhol*, D. Gabriel de Ciscar, possuidor de um grande saber matemático, D. Martín Fernández de Navarrete, membro de importantes Academias, dentre outros, e ainda acrescenta que a responsabilidade por tal desconhecimento foi, em grande parte, silenciada pelo próprio governo espanhol ao acondicionar tais obras. Por esse motivo, diante da leitura dos textos sobre a jornada Malaspina, o oficial das forças navais efetivou a composição e ainda apontou alguns argumentos para isso, dentre os quais, que Espanha devia o reconhecimento aos seus expedicionários.

Primero: á fuer de vindicación cumplida, y dato irrefutable que hará impresión en el pueblo inglés, marítimo por excelencia y gran maestro en las empresas navales.

Segundo: porque España debe á aquellos nobles hijos suyos un desagravio, aunque tardío, mostrando al mundo sus prendas eminentes y abriéndoles paso a la inmortalidad ganada por su ciencia, ya que no todos, afortunados como Galiano y Valdés, la merecieron por las armas.

Tercero: porque tanto se adelantaron á su tiempo aquellos sabios Oficiales y tan profunda y discretamente meditaba Malaspina, que, comenzando por los preparativos de los buques y concluyendo por el desarme de los mismos á su regreso, son hoy (¡pasado un siglo!) enseñanzas provechosísimas todas sus páginas para la marina actual, y más directamente para los que se disponen á emprender el viaje de circunnavegación en la fragata *Blanca* (NOVO Y COLSON, 1885, p. VI-VII).

Ainda, a *Introducción Histórica*, Novo y Colson narra a biografia de Alejandro Malaspina; expõe o plano de origem da viagem intitulado *Plan de un viaje científico y político alrededor del mundo, remitido al Exmo, Señor Bailio D. Antonio Valdés, Ministro de Marina, por los Capitanes de fragata D. Alejandro Malaspina y D. José Bustamante*, de setembro de 1788. Também inclui outras importantes referências como a *Defensa del padre Gil, hecha por el mismo*, de 1795; o *Apéndice a la Introducción Histórica* com informações sobre a deportação de Malaspina, de 1803; o *Plan para escribir su viaje, dado por Malaspina al p. Gil*, de 1795; correspondências de Alejandro Malaspina como uma enviada ao Tenente General D. Antonio Ulloa solicitando conselhos para a Expedição, de 1789; outras destinadas ao médico da Real Armada José Salvaresa, de 1788 e 1789; uma carta de Malaspina ao engenheiro Muñoz, de 1789 e as *INSTRUCCIONES notables que D. Alejandro Malaspina comunicó á D. José de Bustamante (segundo Jefe de la expedición) sobre la policía de los buques*, de 1789.

Na sequência, dá-se início a *Relación General del Viaje* com o *Discurso preliminar por Alejandro Malaspina* através do qual exorta suas ideias consideradas progressistas para a época: “sus ideas políticas eran liberales (quizá con exceso para aquella época), sobre todo en lo referente á las colonias” (NOVO Y COLSON, 1885, p. VIII). Ao *Discurso* seguem-se três livros contendo relatos da Expedição, com descrições dos acontecimentos da viagem.

O *Libro Primero* descreve o percurso de Cádiz a Montevidéu, incluindo as visitas à Patagônia, Ilhas Malvinas, Chile, Peru, Guayaquil e Panamá, desde 1789 a 1790. O *Libro Segundo* explana as rotas de Panamá às costas da Guatemala e Nueva Espanha, com estadias em Monterrey e na Ilha de Nutka, território canadense, e também apresenta o trajeto às Filipinas, desde 1790 a 1791. Especifica-se que foi incorporado neste Livro o relato de Maldonado sobre o Estreito de Anian. O *Libro Tercero* narra a continuação da viagem em direção às Ilhas Marianas e Filipinas, a navegação ao porto de Macau, como também, os reconhecimentos no Pacífico, na Nova Zelândia, nas Ilhas do Arquipélago dos Amigos e o regresso à Cádiz, desde 1792 a 1794.

Subsequentemente a essa produção, acrescentam-se alguns textos variados contendo informações sobre a jornada como o *Vocabulario del idioma Mulgrave*; *Viaje de D. José de Espinosa y Tello, desde Cádiz hasta Acapulco, donde se reunió á la expedición de las corbetas, y continuación de este viaje*; *Descripción física y costumbre de la California*; *Estudio sobre las costumbres y descripciones interesantes de la América del Sur, por Espinosa*; *Noticias relativas á Montevideo*; *Noticias de varios pueblos de la provincia de Buenos Aires*; *Estados de derrota de la corbeta DESCUBIERTA*; algumas produções artísticas dos pintores e um mapa do trajeto das embarcações. Informes que testemunham o estudo de Malaspina e de seus companheiros.

Dessa maneira, Novo y Colson (1885) expõe os argumentos para a publicação da obra e ainda ressalta que a divulgação da viagem auxiliou no testemunho do mundo natural e cultural das colônias espanholas. A viagem de Malaspina contribuiu com a difusão das potencialidades econômicas, políticas e sociais dos territórios visitados. Além dos limites mediterrâneos, a circum-navegação transpõe regiões e trespassa épocas. Consequentemente, as reproduções dos resultados da jornada revelam as riquezas dos lugares percorridos e difundem a herança do Novo Mundo.

2.2. A Expedição Malaspina no Novo Mundo.

O Plan de un viaje científico y político alrededor del mundo, remitido al Exemo. Señor Bailio D. Antonio Valdés, Ministro de Marina, por los Capitanes de fragata D. Alejandro Malaspina y D. José Bustamante, de 10 de setembro de 1788, trata-se de um projeto de viagem redigido por Malaspina e enviado ao ministro da marinha D. Antonio Valdés com o objetivo de obter-se a aprovação pelo rei Carlos

III. O *Plan* (1788) revela a intenção em desempenhar um trabalho náutico com estudos voltados ao mundo natural, histórico e político das sociedades do Novo Mundo. Nele, também é possível verificar outros objetivos como um estudo sobre a elaboração de cartas náuticas que serviriam de roteiro para futuras expedições.

La construcción de cartas hidrográficas para las regiones más remotas de América, y de derroteros que puedan guiar con acierto la poca experta navegación mercantil; y la otra la investigación del estado político de la América, así relativamente á España como á las naciones extranjeras (MALASPINA, 1788, p. 1).

O país espanhol pleiteava por um maior conhecimento da situação político-econômica a fim de reorganizar o comércio interno nas colônias e, para isso, analisava-se novos recursos que viabilizassem o desenvolvimento dos negócios exteriores. Diante dessa circunstância, Malaspina propõe em seu programa de viagem que os resultados sobre a História Natural fossem do conhecimento público, porém os assuntos político-econômicos seriam mantidos em sigilo. Com esses argumentos, acreditava-se que motivações políticas poderiam determinar a aprovação da Expedição.

De início, o navegador estimou que a referida proposta de viagem duraria três anos e meio, aproximadamente, com previsão para partida em 01 de julho de 1789 do porto de Cádiz. Em duas embarcações, uma capitaneada por Malaspina e a outra por Bustamante, percorreriam as costas da América, da Ásia e da Oceania, cruzariam o Atlântico e o Pacífico e retornariam em abril ou maio de 1793. O rei aprovou o projeto e Malaspina, prontamente, começou os aprestos.

Para que o propósito da jornada pudesse ser alcançado, foram significantes as colaborações científicas das Academias estrangeiras de Paris e de Londres e uma anuência com a qual a tripulação pudesse ter acesso aos principais arquivos locais das Índias. Ademais, o capitão também recebeu instruções de especialistas espanhóis como D. Antonio de Ulloa, experiente general da marinha, D. Vicente Tofiño, cartógrafo, Casimiro Gómez Ortega, conhecedor do universo farmacêutico,

Joseph Banks, botânico e naturalista inglês, Lazzaro Spallanzani, um dos grandes nomes italianos das ciências naturais, e D. José Salvaresa, médico da Real Armada espanhola.

Outros representantes da Real Armada também foram eleitos para integrar a tripulação. Esses oficiais experientes desempenhariam atividades astronômicas e hidrográficas, estariam sujeitos aos muitos perigos de uma longa viagem e vivenciariam acontecimentos inusitados, ao experimentarem novos fenômenos climáticos e situações adversas que apenas alguns marinheiros estariam decididos e dispostos a enfrentar. São eles: Juan Vernaci, José Espinosa y Tello, o primeiro diretor do Depósito Hidrográfico, Ciriaco Cevallos, Dionisio Alcalá, Felipe Bauzá, “el inimitable en la construcción de cartas”, Antonio Tova, Fernando Quintano, o mais jovem da expedição, Cayetano Valdés, D. Juan Gutiérrez de la Concha, Francisco Viana, José Robredo, Martín de Olavide, Manuel Novales, Secundino Salamanca e os irmãos D. Arcadio e D. Antonio Pineda, “notabilísimo naturalista” (NOVO Y COLSON, 1885, p. VI).

Para cruzar os oceanos seria imprescindível estar ciente dos assuntos astronômicos. Por isso, foi disponibilizado aos tripulantes, contribuições sobre o estudo dos corpos celestes no Observatório da Marinha de Cádiz, uma instituição que promovia os novos conhecimentos científicos e as técnicas de aplicação da astronomia à navegação (GONZÁLEZ, 1998), e era a única entidade científica do país que possuía equipamentos de alta precisão, como os cronômetros construídos em Paris por Ferdinand Berthoud e em Londres por John Arnold, adquiridos pela Marinha Espanhola.

A fim de alcançar os objetivos astronômicos durante a viagem era necessário possuir instrumentos que informariam com precisão as coordenadas de um corpo celeste, segundo os estudos de González (1998). Os instrumentos que tinham sido utilizados em operações náuticas anteriores, como os cronômetros de Berthoud e Arnold, seriam úteis para os estudos científicos. Logo, quem não era proficiente, teria a oportunidade de aprender a operar os equipamentos indispensáveis para esse fim, como os relógios marinhos, o telescópio, o quadrante e o sextante. Além

disso, aprenderia a calcular os horários, as latitudes e longitudes, as distâncias solares, complementa Gómez (2010). A longitude e a latitude eram necessárias para precisar a localização espacial geográfica. E com o uso dos cronômetros e dos sextantes calculavam-se os graus e os segundos de uma determinada posição.

Ainda se torna fundamental ressaltar que os oficiais também se especializariam no conhecimento da medição de distâncias e dos desníveis do solo com o teodolito, instrumento óptico muito utilizado na topografia que, montado em um tripé, permite uma rotação horizontal ou vertical para medir as distâncias entre locais determinados e transferir a situação de um terreno para a confecção de mapas (GÓMEZ, 2010).

E com relação ao apoio literário, conforme Puig-Samper (2010), o grande conjunto de obras fundamentais para a viagem foi disponibilizado pelo Observatório da Marinha de Cádiz e também adquirido em Madrid. Outros foram obtidos em Paris e em Londres por Carlos José Gutiérrez de los Ríos, bibliófilo espanhol, pelo conde de Fernán Núñez e por José de Mazarredo Salazar, tenente geral da Real Armada Espanhola.

A par de toda essa triagem militar, científica e bibliográfica, também seria primordial a seleção de uma equipe de naturalistas. O processo não deixou de ser afanoso porque, segundo Puig-Samper (2010), a Marinha não disponibilizava de funcionários habilitados para esse propósito. No entanto, foram designados três nomes: Antonio Pineda y Ramírez, Luis Née e Tadeo Haenke, que tinham por objetivo recolher e pormenorizar as espécies coletadas durante a viagem.

Antonio Pineda foi um militar que completou seus estudos no Real Jardim Botânico e no Real Gabinete de História Natural de Madrid. Muito notável por seus estudos naturais, ficou encarregado dos trabalhos sobre botânica e história natural. Também foi designado para o estudo da fitologia o francês Luis Née. No momento em que foi convidado para ingressar a tripulação, trabalhava no jardim da Priora como vendedor (GÓMEZ, 2010).

A eleição do terceiro membro do grupo não foi simples. Gómez (2010) explica que, primeiramente, indicaram-se o nome de Florián Coetanfeau, professor de química que desistiu justificando problemas familiares. Outro apontado foi Carlos Cristiano Gmelin, renomado naturalista alemão, porém sua solicitação não foi acatada. Por fim, foi indicado o naturalista Tadeo Haenke, que se incorporou à expedição no último momento e teve que alcançá-la, posteriormente, na capital de Santiago.

Malaspina também manifestou um grande interesse em reproduzir por imagens o material coletado e, para isso, contratou alguns pintores especialistas no assunto. Desse modo, os trabalhos artísticos foram realizados por renomados pintores como José Guío, José del Pozo, José Sánchez e Jerónimo Delgado, os quais foram os primeiros designados à tarefa e que partiram na Expedição desde Cádiz. Depois, foram selecionados outros nomes como José Cardero, Tomás de Suria, Juan Francisco Ravenet, Fernando Brambila, Francisco Pulgar, Francisco Lindo e José Gutiérrez. Um grupo de profissionais que se foi permutando ao longo da missão e que realizaram cerca de mil desenhos incluindo botânica, retratos dos habitantes locais e de suas vidas cotidianas e as representações detalhadas da fauna.

Como solução de emergência contou-se com o trabalho de José Cardero, um marinheiro que demonstrou habilidades como ilustrador, e com a contratação temporal de Tomás Suria, um artista espanhol que havia se estabelecido na Cidade do México (COSTA & DIENER, 2008, p. 85).

Toda essa alteração de nomes ocorreu devido ao surgimento de alguns conflitos que envolveram os ilustradores. Pozo, por exemplo, relata Costa & Diener (2008), mesmo possuindo boas referências como um admirável desenhista, apresentou um comportamento ocioso e indisciplinado, por isso ausentou-se da expedição no Peru. A fim de solucionar o egresso de alguns pintores, contrataram-se outros pintores como os italianos Ravenet e Brambila. Dessa forma, passou-se mais de doze meses até Malaspina encontrar excelentes artífices.

É justamente quando a expedição Malaspina está nesta cidade que vê chegar os italianos Juan Ravenet e Fernando Brambila, que são incorporados como artistas, em substituição a Pozo e Guio (COSTA & DIENER, 2008, p. 85).

Pozo, apesar de realizar trabalhos irregulares como aparentando ser um principiante, distingue Serrano (1982), foi um bom retratista. Além disso, atesta-se que José del Pozo, mesmo tendo contraído altas febres no México e de não ter trabalhado mais no regresso da viagem, sua dedicação artística nas pinturas foram amplamente elogiadas por Malaspina, bem como o seu trabalho de dissecador era reconhecido com mérito entre os companheiros da jornada.

Brambila é considerado um artista de incontestável competência. Desde jovem dedicava-se à arte da pintura em Milão, quando foi convidado, no fim de março de 1771, a ingressar a viagem Malaspina, salienta Pascual (1995). No mês seguinte, junto com seu amigo Ravenet, viajaram de Gênova a Barcelona. Em seguida, visitaram a Galícia e seguiram rumo a *La Coruña* de onde embarcariam até Vera Cruz, no México. Na capital mexicana dirigiram-se até Acapulco. Nessa cidade, encontrariam as duas corvetas da jornada e foi nesse local que os dois referidos pintores realizaram as suas obras mais célebres como desenhistas da Expedição. Brambila representou com riqueza de detalhes as cidades e os portos mais importantes por onde passou, incluindo a situação do sistema de defesa e os monumentos.

De estos lugares, Brambila realiza diversas panorámicas que otorgan una información precisa y amplia sobre su situación, sistema de defensas, monumentos, etc., material básico para cualquier estudioso interesado en conocer la vida y estado de aquellas ciudades en las postrimerías del siglo de las Luces (PASCUAL, 1995, p. 31).

Mesmo com toda essa alternância entre os profissionais artísticos, foi possível constatar que os resultados dos trabalhos não foram comprometidos, pois o

exercício foi realizado com diligente maestria e os conteúdos de análise foram detalhadamente investigados (COSTA & DIENER, 2008). Os pintores buscaram revelar os elementos da natureza.

As gravuras da viagem são uma valiosa testemunha dos lugares visitados. Revelam-se como um mostruário minucioso de tudo o que foi observado no mundo natural compreendendo ainda uma prova do contato da tripulação com os nativos e o seu cotidiano: “Los mares y sus peces, los nativos y las aldeas en las que moraban; las aves, los cuadrúpedos y las plantas. (...) Las ciudades y las costas que las salpicaban (...); el jefe de la comunidad y los niños jugando en la plaza” (MARTÍN, 2010, p. 37).

Destaca-se que para a função de marinheiro, Malaspina preferiu contratar homens do Norte da Espanha, porque, além de serem aclimatados com o frio, eram flexíveis, característica indispensável ao contato social: “Gallegos, asturianos y vizcaínos no extrañarán el frío, y, además, son hombres subordinados, complacientes y afables, cualidades necesarias” (GÓMEZ, 2010, p. 23). Essa tarefa, contudo, não foi fácil, pois, inicialmente, não se localizavam indivíduos dispostos a viajar por dilatados períodos; no entanto, conseguiram localizar alguns jovens dispostos, explana Serrano (1982).

Para a travessia ainda foram construídos no arsenal da Carraca, na província de Cádiz, dois novos veleiros batizados de *Descubierta* e *Atrevida*, os quais foram capitaneados, respectivamente, por Malaspina e por seu amigo, o oficial José de Bustamante y Guerra. O rei havia indicado para a viagem a embarcação *Santa Rosa* porque acreditava não ser conveniente a construção de novas naus, porém Malaspina não aceitou o barco sugerido e insistiu na fabricação de duas novas embarcações. Uma corveta pesava 350 toneladas e tinha a capacidade para conduzir 22 canhões, mas por causa do peso e da comodidade foram montados apenas dezesseis. Ainda transportariam, em cada uma, um total de cem homens, dentre eles, capelão, cirurgião, grumetes, calafates, carpinteiros, ferreiros, criados, artilheiros e o grupo de tropa.

Para aumentar a resistência das naus durante a viagem, as suas madeiras foram apropriadamente selecionadas e vedadas e o casco foi coberto por um forro de cobre. Além da potencialidade em armazenar espécies por até dois anos, transportariam lenhas, cordames, jogos de velas, âncoras, armamentos, vestuários, remédios, livros, instrumentos científicos, bagagens e suprimentos alimentares como pães, água, vinhos, vinagres, azeites, entre outros. Também possuíam fogões com ventilação e destilador para dessalinização da água marítima.

Em menos de um ano as embarcações foram construídas, sob a direção do engenheiro militar Tomás Muñoz. *Descubierta* e *Atrevida*, que evocam os nomes *Discovery* e *Resolution*, navios da terceira viagem do capitão Cook, eram velozes e propícias à navegação. Além disso, apresentavam algumas novidades como o cabrestante no convés e as embarcações menores cobertas (GÓMEZ, 2010).

Essa laboriosa preparação durou aproximadamente dez meses, desde a seleção da tripulação à detalhada triagem dos materiais científicos. Foi uma tarefa que visava garantir uma viagem segura e eficaz aos lugares longínquos onde Alejandro Malaspina, “un oficial culto, curtido en navegaciones” (IGEA, 2001, p. 109), e a sua guarnição encontrariam uma flora exótica, uma fauna surpreendente e culturas singulares.

Em 30 de julho de 1789, as corvetas partiram do porto de Cádiz em direção ao Novo Mundo, precisamente, à capital Montevidéu, no Uruguai, onde chegaram em 20 de setembro e visitaram as cidades de Maldonado, Sacramento e Buenos Aires, na Argentina. Bustamante, junto com alguns oficiais, reconheceram a costa meridional da capital argentina. Outros tripulantes seguiram até Maldonado e de lá regressaram explorando um percurso localizado entre Montevidéu e Colônia do Sacramento.

D. José Bustamante y los Oficiales subalternos Valdés, Quintano, Concha y Vernaci pasasen en una sumaca á Buenos Aires; y de allí, con los auxilios que el señor Virey les presentase, emprendiesen el reconocimiento de la costa meridional del rio desde aquella capital hasta el Cabo de San Antonio. Tomaron otros á su cargo el reconocimiento de la costa hasta Maldonado.

No quedaría después sino la parte comprendida entre Montevideo y la Colonia del Sacramento, la cual sería fácil explorar al regreso de Maldonado (MALASPINA, 1789, p. 57).

A Expedição seguiu para a Patagônia, onde encontrou uma tribo em torno de 40 pessoas, dentre elas, anciãos, jovens, mulheres e crianças. O navegador também descreve a presença do Cacique *Funchar*, a particularidade de algumas mulheres que mesmo possuindo uma idade avançada eram extremamente habilidosas e o comparecimento de mães com seus bebês de colo. Além disso, Malaspina registra os tamanhos dos nativos ao especificar que possuíam grande estatura.

Se componía entonces la tribu de unas 40 personas, de las cuales eran 10 las mujeres y 12 los niños, entre ellos tres ó cuatro aún de pecho; dos mujeres solas eran ancianas, y á pesar de esto sumamente ágiles. Entre el restante número de hombres, el Cacique y otro eran ancianos, y habría otros cinco cuyos años podían más bien corresponder á la pubertad que á la virilidad. En general eran todos (inclusas mujeres y niños) de una cuadratura agigantada. La talla era inferior á aquella proporción, pero naturalmente alta. El Cacique *Funchar*, medido excurpulosamente por D. Antonio Pineda, tenía de alto seis piés y 10 pulgadas de Burgos. La anchura de hombro á hombro era de 22 pulgadas y 10 líneas (MALASPINA, 1789, p. 65).

Em dezembro, a navegação continuou em direção às Ilhas Malvinas. Durante a travessia ao extremo ocidental da ínsula, Malaspina assinala a variação da temperatura e o aparecimento de animais tais como as baleias, os lobos-marinhos e as aves aquáticas que surgiram ao redor da embarcação e proporcionaram um admirável espetáculo natural frente aos olhos dos espectadores.

Emprendimos, pues, el atravesar directamente al extremo occidental de las Islas Maluinas; crecieron las sondas hasta las 60 y 65 brazas fango duro; creció también rápidamente la variación de la aguja hasta los 23°. Las ballenas, los lobos, las muchas aves acuáticas, solazándose frecuentemente alrededor de los buques, hacían más divertida la navegación (MALASPINA, 1789, p. 69).

Las aves acuáticas varían luego esta escena, pero sin aminorar su semblante agradable: las hay de hermosa pluma; las hay de mil tamaños (...) Ni es ménos entretenida la vista del mar, en donde los peces, los anfibios y á veces las mismas ballenas, ignorantes de su propio poder y del genio destructivo del hombre, se presentan casi con emulación para saludarle (MALASPINA, 1789, p. 71).

Nessa localidade, as aves aquáticas apresentavam-se de diversos tamanhos e plumagens. O capitão ainda salienta que esses animais surgiram como se fossem para saudar a chegada dos visitantes e, dessa forma, o ambiente exibia-se propício aos estudos naturais. Por conseguinte, os naturalistas começaram seu trabalho. Bauzá realizou marcações com o teodolito, Pineda fez o reconhecimento do solo, das plantas e dos animais, enquanto Galiano e Vernaci organizaram o observatório para as pesquisas solares.

Los naturalistas, los hidrógrafos, los astrónomos, los cazadores y los que se habían destacado para la pesca, subieron los primeros al monte de la Vigía, en donde Felipe Bausá hizo marcaciones bien importantes con el teodolito, D. Antonio Pineda reconoció el suelo, las plantas que le vestían y los animales que le habitaban; D. Dionisio Galiano y D. Juan Vernaci, establecieron el observatorio y empezaron con las alturas correspondientes del Sol, el examen de la marcha de los relojes marinos (MALASPINA, 1789, p. 71).

Posteriormente, navegaram em direção ao Cabo de Hornos e, conforme o capitão italiano, a viagem foi prazerosa, além de dispor da tranquilidade das águas marítimas e da serenidade dos ventos: “la navegación del Cabo de Hornos fué para nosotros más bien una de las más placenteras de entretópicos (...). La mar fué constantemente llana, los vientos (...) bonancibles” (MALASPINA, 1789, p. 75).

Em janeiro de 1790 chegaram a Chiloé, um arquipélago no sul do Chile, que se apresentava como uma terra agradável com espessos bosques e com um litoral íngreme através do qual as entradas portuárias tornavam-se pouco acessíveis: “presentaba un semblante tan agradable por lo frondoso de sus bosques, como horrible por lo escarpado de sus costas, cuyas desigualdades sin embargo no descubrían entrada ó puerto que las hiciese accesibles” (MALASPINA, 1790, p. 78).

Nesse lugar, localizado ao norte da Patagônia, algumas atividades científicas foram realizadas como as excursões de Pineda, as análises dos solos e das plantas realizadas por Née e a determinação das longitudes pelos astrônomos.

D. Antonio Pineda, con un Guardia Marina, extendió sus excursiones unas veces hacia Chacao, otras hacia las orillas del Oeste. (...) Algunos soldados cazadores suministraban nuevos objetos de curiosidad y de instrucción para la Historia Natural; admiraba Luis Nee, vagando ya á una ya á otra parte con una actividad singular, la variedad indecible de las plantas y la fertilidad del suelo. Finalmente, los Oficiales astrónomos, aunque á veces contrariados por las nubes, habían sin embargo llevado sus tareas con tal felicidad, que el examen de la marcha de los relojes y la determinación segura de la longitud podían mirarse como bien conseguidas al poco tiempo de nuestra llegada (MALASPINA, 1790, p. 80).

Além de todo o empenho aplicado para conhecer as ciências naturais, Malaspina ainda aponta, nessa ocasião, a oportunidade em que o pintor Pozo desenhou o cacique *Catiguala* e o seu filho. Os navegadores desfrutaram do momento para conhecer os costumes dos nativos e, assim, foi possível lograr de uma extensa interação com os habitantes: “Hubo lugar para que el pintor D. José del Pozo retratase con mucha propiedad á Catiguala y á su hijo; pudimos, finalmente, en una larga y bien ordenada conversación, enterarnos de muchas costumbres suyas” (MALASPINA, 1790, p. 80). Notabiliza-se que essa análise sobre os hábitos dos povos indígenas retrata um conjunto de exames frequentes entre os estudiosos do período das Luzes, movida pela inquietude de buscar compreender as particularidades dos habitantes e o seu modo de vida.

De Chiloé as embarcações partiram para o Peru. Durante o trajeto realizaram escalas nos portos chilenos de Conceição, Valparaíso, Coquimbo e Arica. Alguns oficiais seguiram até a capital Santiago onde o botânico Haenke incorporou-se à expedição. Na cidade de Valparaíso, os estudos científicos continuaram, dentre eles, destacam-se as observações astronômicas que revelaram as distâncias entre os corpos celestes e os satélites de Júpiter.

En Valparaíso no habían sido los pasos de la expedición ménos activos y felices. Una asiduidad indecible de los Oficiales astrónomos (...) hacía que ni se malograra hora alguna en las noches claras, ni fuese por la misma razón ya menor de 300 el número de las estrellas, cuya declinación y ascensión recta podían determinarse ó rectificarse con toda seguridad. Se habían repetido las observaciones de los satélites de Júpiter, levantado e plano de la bahía y sondada ésta con la mayor escrupulosidad, observadas 361 series de distancias del Sol á la Luna (MALASPINA, 1790, p. 86).

Posteriormente, seguiram para a cidade de *El Callao*, no Peru, e continuaram a viagem até Guayaquil, no Equador, país em que Pineda averigou os vulcões *Chimborazo* e *Tungurahua*. Neste último, o especialista constatou que da sua cavidade montanhosa saía um denso vapor e ainda localizou às suas margens um número considerável de famílias indígenas e mestiças que ali viviam. O botânico também analisou as pedras vulcânicas, algumas substâncias metálicas, as lavas e as rochas pozolanas do *Chimborazo* que havia entrado em erupção alguns anos antes, mas que, naquele momento, encontrava-se extinguido.

Examinóse la boca inmediata á la línea de la nieve, hallándose que por unas grietas de un palmo de ancho y á veces de seis ú ocho varas de largo, era por donde el volcán arrojaba flores de antimonio y otras sustancias metálicas que se veían pegadas á las piedras inmediatas. En el año de 1772 la erupción había sido temible y á primera vista se dejaban ver también los rastros de otra mayor y más antigua; no quedaba tampoco duda que el Chimborazo era un volcán extinguido: tanto abundaban en él las piedras pomes, las lavas, las piedras alteradas por el fuego y las tierras puzolánicas, bien que fuesen éstas comunmente calificadas con un color de ceniza (MALASPINA, 1790, p. 104).

Em novembro, alcançaram o Golfo do Panamá e em janeiro, do seguinte ano, as navegações continuaram em direção às Costas da Nicarágua, Guatemala e México com escalas na cidade mexicana Monterrei e no arquipélago de Nutka, um território situado na costa oeste da ilha de Vancouver, Canadá. Acentua-se que em sete de janeiro de 1791, as embarcações separaram-se para realizar, de maneira simultânea, percursos distintos em um breve espaço de tempo: “las corbetas

navegan por aguas nicareguenses realizando trayectos separados para acelerar el examen costero” (GÓMEZ, 2010, p. 142).

Na Nicarágua, próximo ao porto de *El Realejo*, o local apresentava uma vista suntuosa compreendendo uma grande variedade de vulcões como o *León*, *Telica* e o *El Viejo* que se erguiam monumentalmente formando um cenário panorâmico da paisagem natural “Se presentaba la costa con el semblante más noble y majestoso. Desde el volcán de León por el de Telica hasta el del Viejo, diferentes montes, (...) erguían sus cabezas volcánicas y puntiagudas” (MALASPINA, 1791, p. 116). Ademais, a fim de aproveitar os estudos, os naturalistas decidiram realizar suas excursões científicas até o povoado de *El Realejo*, um local de abundantes riquezas naturais.

Para aprovechar todos los momentos favorables, destacáronse (...) los Sres. Pineda, Heenke y Valdés, con ánimo de internar hasta el pueblo del Realejo y emprender desde allí sus excursiones científicas, las cuales, por parte de los primeros, debían tener por objeto un país tan poco conocido y tan lleno de riquezas naturales (MALASPINA, 1791, p. 116).

Malaspina não esteve por muito tempo no México, e nos poucos dias de permanência, reuniu-se com o vice-rei responsável pela arquitetura da Cidade do México: “se entrevistó el virrey Revillagigedo, promotor de muchas iniciativas en la época dorada de Nueva España y de buena parte de la arquitectura y las obras públicas de la ciudad de México tal y como la conocemos hoy” (IGEA, 2001, p. 120). Ambas corvetas se reaproximaram em 20 de abril, na cidade de Acapulco, depois de meses separadas. No entanto, ao deixar essa cidade, a metade da tripulação encontrava-se indisposta: “enferma una mitad de las dotaciones de entrambas corbetas, y desmayados y pálidos los demás, que dos meses antes no manifestaban sino el semblante de la robustez y de la alegría” (MALASPINA, 1792, p. 209). Dessa maneira, era necessário chegar às ilhas Marianas a fim de promover a rápida recuperação dos marujos e, posteriormente, seguir viagem às Filipinas e à Nova Zelândia.

Em fevereiro de 1792, ancoraram na Ilha de Guam a qual, de acordo com Malaspina, tratava-se de uma terra alta e bastante pedregosa. Suas costas apresentavam um cenário agradável composto por elevadas colinas. O mar estava aplanado e os pequenos rios exibiam suas águas cristalinas: “bien se considere la frondosidad y la suave elevación de sus colinas alomadas ó la mar constantemente llana, y los muchos riachuelos que le tributan sus aguas cristalinas” (MALASPINA, 1792, p. 210). Situaram-se no povoado de *San Ignacio de Agaña*, capital de Guam, localizado no extremo sul das ilhas Marianas. Foram recebidos pelo Governador e, posteriormente, alojados para repouso por causa das enfermidades acometidas em Acapulco. O capitão de *Descubierta* salientou que o ar da localidade associado à uma alimentação saudável contribuiria para o restabelecimento dos enfermos. E a equipe responsável pela História Natural não economizou tempo em suas jornadas territoriais, incluindo as suas tarefas sobre a litologia e a fauna.

No anduvieron tampoco omisos los encargados de la Historia Natural; dirigiéndose D. Tadeo Heenk hacia Agaña y los extremos septentrionales de la isla; D. Luis Nee hacia los montes de la Vigía no distantes de la rada, y ocupándose Don Antonio Pineda con particularidad de la litología y zoología de aquellos contornos, que parecían bien importantes y curiosos (MALASPINA, 1792, p. 211).

Em seguida, dirigiram-se ao porto de *Sorsogon*, localizado nas Filipinas, o qual, segundo o capitão da jornada, é um dos mais formosos já vistos. Além de toda a beleza natural, Malaspina acentua a utilidade do ancoradouro em oferecer alimentação aos povos que viviam nas proximidades, como também em disponibilizar um abrigo seguro, principalmente, nas épocas de temporais. Ainda destaca temas sobre um mundo natural e sobre os hábitos do grupo. Assuntos que estimularam os estudos dos naturalistas como as margens íngremes, a vegetação exuberante, os vulcões, a vida animal marítima e o provento do abacá⁸.

⁸ Cânhamo do qual é produzido fibras utilizadas em embarcações.

El puerto de Sorsogón es sin duda alguna de los más hermosos que haya formado la Naturaleza (...); con unas orillas bastantemente acantiladas, con algunos pueblos no distantes que pueden abastecerle de lo necesario, sumamente abundante de peces sabrosos, ofrece realmente un abrigo cómodo y agradable, particularmente en la estación de los vendavales (...).

Una vegetación lozana, dos volcanes á la vista y la extensión indicada del puerto, no podían á ménos de atizar en sumo grado la curiosidad de nuestros naturalistas: agregáronse la abundancia de peces y de conchas exquisitas, el cultivo de arroz, el beneficio del abacá y los principios de la propagación del gusano de seda, todos objetos que podían estudiarse en los pueblos inmediatos (MALASPINA, 1792, p. 215-216).

Nas Filipinas, a tripulação de *Descubierta* estudava o ambiente, especialmente, o Tenente Pineda que realizava seu trabalho com diligência: “no había objeto alguno que evadiese á la atenta y filosófica especulación de D. Antonio Pineda” (MALASPINA, 1792, p. 234). No entanto, seu estado de saúde começou a ir de encontro ao seu empenho. Uma alteração de baixa temperatura na *Sierra de Caraballo*, uma cadeia montanhosa localizada ao norte das Filipinas, prejudicou sua disposição física e mental: “pues la repentina alteración del temperamento en este nuevo terreno y los fríos del Caraballo, le incharon la órbita izquierda, y una molesta fluxión le detuvo encerrado algunos días” (MALASPINA, 1792, p. 234). Ressalta-se que mesmo apresentando muito cansaço, Pineda ainda se esforçava em realizar as suas atividades, mas foi possível constatar o grau do seu estado através das suas produções que se revelavam, de certa forma, incoerentes.

Todos los apuntes de D. Antonio Pineda, con algún desconcierto en sus noticias, con los rumbos equivocados y en perpétua contradicción, empezaban á dar las primeras muestras del fatal estado de su redactor. Enflaquecida la memoria, confundidas ya las especies, y el cuerpo postrado en un talabón ó cama portátil (conducido por indios) no dejaba desembargada otra potencia que la voluntad: envejecida ésta en el perpétuo trabajo, se esforzaba en vano á continuarlo (MALASPINA, 1792, p. 236).

Já com a mente cansada e confusa, acompanhado por uma forte febre e muito debilitado, alguns dias depois, no mês de junho, o tenente botânico chegou a Badoc, um povoado da província de Ilocos, onde sobreveio-lhe uma afecção

cerebral, indo a óbito em 23 de junho de 1792. A tripulação tomou conhecimento da sua morte dias depois em 13 de julho. Ravenet e Brambila edificaram um monumento em sua lembrança, no qual Haenke deixou registrado um epitáfio latino. O navegador Malaspina, com pesar, descreveu em seus registros a sua admiração pelo colega. Com sincero elogio, o capitão menciona o caráter sociável e o amor ao estudo sempre presentes em Pineda.

No es fácil encerrar en pocos renglones el elogio de un vasallo tan esclarecido y los trances aún más singulares de su vida.

(...)

Dividido así repentinamente y para siempre de sus compañeros, no pudo ménos de ocuparlos después incesantemente con su memoria. En un momento perdieron un ejemplo acrisolado, un hombre extraordinariamente humano, un filósofo con exceso instruído y laborioso, un amigo siempre sociable y un compañero afable y ameno (MALASPINA, 1792, p. 236).

Após esse episódio e já restabelecidos do pesar, Haenke e Née continuaram com seus trabalhos na região até a metade de setembro e a viagem seguiu para sua fase final na Austrália e Nova Zelândia. A Expedição chegou em Sidney, capital da Austrália, em 1793. Malaspina salienta que o lugar possuía um terreno infecundo para as plantações. Também destaca uma jornada por terra realizada por Juan Ravenet na companhia de alguns especialistas como Tova e Brambila: “D. Antonio Tova hizo algunas salidas para cazar; D. Fernando Brambila emprendió algunas vistas de perspectiva; los botánicos se internaron hacia Parramata y Tungave” (MALASPINA, 1793, p. 254- 255).

Posteriormente, as navegações seguiram em direção ao Arquipélago de Tonga e ancoraram na ilha Vava'u, também conhecida como Ilha dos Amigos. Ali, foram recebidos pelo chefe *Dubou* que promoveu as boas-vindas aos viajantes: “con el recíproco contacto de las narices, nos saludó amistosamente dándonos la bienvenida” (MALASPINA, 1793, p. 260). O capitão ainda esclarece que o cumprimento através do toque dos narizes significava um contato cerimonial que equivalia a um abraço no mundo europeu.

Em julho de 1793, a Expedição retorna em direção a *El Callao* para preparar seu regresso ao território espanhol. Os tripulantes permaneceram ali até passar o período das chuvas, salienta Gómez (2010). Em outubro, seguiram viagem até o porto de Montevideu. Em fevereiro de 1794, as embarcações aportaram no *Río de la Plata*. Em 21 de junho, seguiram a rota até Cádiz, acompanhados da fragata *Gertrudis* que fazia sua escolta desde o porto de Montevideu. As embarcações não regressaram pelo Oceano Índico, como tinha sido planejado anteriormente, mas realizaram o mesmo trajeto de ida, no sentido oposto, porque foi necessário voltar a Lima e a América meridional para finalizar alguns trabalhos pendentes. Em 21 de setembro de 1794, *Descubierta* e *Atrevida* chegaram ao porto de Cádiz com informações, registros e desenhos que abordavam numerosos temas científicos envolvendo as ciências naturais, os estudos científicos da astronomia, os trabalhos sociológicos e etnológicos, entre muitos outros.

Uno de los elementos fundamentales de la grandeza de esta empresa fue, sin duda, el rigor científico con que se llevaron a cabo sus trabajos; las distintas comisiones de hidrografía, astronomía, ciencias naturales y memorias etnológicas y políticas, desarrollaron sus tareas con arreglo a los últimos descubrimientos europeos, a las últimas y más modernas técnicas, a las clasificaciones y modelos más seguros (RODRÍGUEZ, 2010, p. 4).

A viagem retratou com riqueza de detalhes a realidade natural e social das colônias espanholas, e assim, distinguiu-se das demais viagens por causa da amplitude sobre os assuntos analisados que a identificam como uma expedição de amplitude mundial: “al estudiar (...) hidrografía, vientos, mareas, salinidad, temperatura del agua, etc, se constituye en la primera expedición oceanográfica española con amplitud mundial” (RODRÍGUEZ, 2010, p. 5). Foram utilizados questionários em cada lugar visitado que contribuíram para a coleta de informações. Os mesmos foram confeccionados na diligência de abranger diversos temas como as ervas medicinais, os assuntos geográficos, os costumes das populações, os estados civis, entre outros: “clima, industrias, población indígena, construcción naval,

vicios y costumbres, estado económico, comestibles, aduanas, historia antigua, comercio y política entre otros muchos” (RODRÍGUEZ, 2010, p. 5).

Os documentos resultantes da expedição encontram-se, em sua maior parte, no arquivo do Museu Naval de Madrid. Dentre eles, destacam-se correspondências sobre os territórios visitados, ofícios cartográficos, trabalhos hidrográficos, diários de bitácoras, cálculos e medições de latitude, instruções dos mares e dos ventos, croquis, notícias políticas, científicas e econômicas sobre a viagem, explana Rodríguez (2010). Além das artes dos pintores que resultou em um trabalho de quase mil desenhos. É de considerável importância assinalar que muitas pinturas foram restauradas e se localizam, atualmente, preservadas em bom estado nos arquivos do Museu Naval, no Real Jardim Botânico e no Museu da América situados na capital espanhola.

Los casi mil dibujos en distintas fases de acabado, se encuentran en su práctica totalidad en tres archivos españoles el del Museo Naval, el del Real Jardín Botánico de Madrid y el Museo de América también en Madrid. Estas espléndidas representaciones constituyen el hermoso bagaje artístico del viaje que aporta, a su vez, por la fidelidad y amplitud de las representaciones, valiosos datos científicos (RODRÍGUEZ, 2010, p. 7).

Todos esses documentos propagam o relevante testemunho, não apenas do mundo espanhol, mas também, de outros países tais como Argentina, Uruguai, Chile, Peru, Equador, Colômbia, Panamá, Nicarágua, México, Estados Unidos da América, Canadá, Filipinas, Ilhas Carolinas, Ilhas Marianas, Vava'u, Nova Zelândia e Austrália, todos países visitados pela Expedição, afirma Rodríguez (2010). E em alguns deles como Argentina, Inglaterra e Austrália são também possíveis localizar as pinturas originais da viagem, recondicionadas e em estado apropriado de acondicionamento:

Inglaterra (Fondo Bauzá del British Museum); Argentina (Colección Bonifacio del Carril); Chile (Colección de la Universidad de Santiago de Chile «Biblioteca Central»); Australia (Colección de la Biblioteca Mitchell de Sydney); Estados Unidos (Colecciones en las Universidades de California y Yale) (PASCUAL, 1995, p. 28-29).

Com isso, certifica-se que Malaspina contribuiu com considerável acréscimo para o conhecimento dos lugares visitados pois, declara Pascual (1990), o capitão inspecionou as minas do Peru e do México e examinou suas técnicas de extração e seus meios produtivos; compilou relevantes coleções mineralógicas e botânicas; agrupou trajes e toda classe de instrumentos e produtos diversos dos povos visitados; visitou a Costa da Austrália, entre outras ações.

Los pintores habían reproducido plantas, instrumentos y puertos; realizado retratos; se había levantado un mapa exacto de las Filipinas; determinado el nivel de los océanos Pacífico y Atlántico y reconocido los istmos y lagunas de Nicaragua, poniendo así los cimientos teóricos que posibilitaron la construcción del Canal de Panamá; los expedicionarios habían sobrepasado los 60 grados de latitud y comprobado la falsedad de las teorías del navegante español Ferrer Maldonado, sobre la existencia de un paso (supuestamente descubierto por éste en 1588) que unía los dos océanos por la costa Noroeste de América del Norte (PASCUAL, 1990, p. 201).

Quando os recursos fotográficos se ampliaram em suas técnicas, começaram a despontar-se nas viagens a fim de substituírem as pinturas. Martín (2010) assinala que uma das primeiras que incluiu um desenhador-fotógrafo foi A Comissão Científica do Pacífico em 1862. A Direção de Hidrografia da Espanha, anteriormente conhecida por Depósito Hidrográfico, adquiriu uma galeria fotográfica para a reprodução dos planos científicos em 1865. E como projetista, apresentou Juan Noguera que assumiu o posto de supervisor e, como profissional retratista, o fotógrafo Modesto Adolfo Garcia. Ambos reuniram um álbum de fotos das pinturas da Expedição Malaspina para a Princesa das Astúrias, Isabel, a infanta da Espanha, como recordação da sua visita à Direção em 1875. Registra-se que essa coleção fotográfica se trata de um suntuoso trabalho feito com aldrava de feixes de ouro e que se encontra, atualmente, na Real Biblioteca da Espanha. Acentua-se ainda outras duas produções, dentre as quais, uma encontra-se no Museu Naval e a outra em mãos privadas. As fotos tiradas do original são dos desenhos de Brambila, Suria, Ravenet e Luis Planes, o qual integrou o grupo apenas em Madrid, ao regresso da viagem, para contribuir com a conclusão das obras. As pinturas são representações

dos lugares, dos seus habitantes e seguem o itinerário do percurso desde Montevideu até às Filipinas. A sua importância é realçada por incluir cinco fotos dos desenhos originais que estão sem localização definida atualmente.

Los dibujos originales correspondientes a la *Vista del puerto de Palápag, en la Isla de Samar*; la *Vista del Puerto de Cavite y de la bahía de Manila*; la *Rada y presidio de Zamboanga, en la isla de Mindanao*; y los retratos de la *hija de Paulajo, mujer de Buna, en Vavao* y de *Alejandro Malaspina* se encuentran en la actualidad en paradero desconocido. Han llegado a nosotros a través de la fotografía (MARTÍN, 2010, p. 41).

Diante disso, certifica-se que a fotografia permitiu a reprodução do material da viagem e colaborou com a sua preservação. As 39 fotografias dos desenhos originais da jornada ao redor do mundo incrementam a obra *Expedición Malaspina: Un viaje científico-político alrededor del mundo*, no capítulo *El álbum de fotografía de la expedición Malaspina*, de Martín, editado em 2010.

Em muitos momentos, as imagens descrevem um entorno, um indivíduo ou sentimentos inefáveis. Delineiam momentos em que as palavras são carentes de significado, de expressão. Nesse instante considera-se uma gravura como a reprodução do indizível a qual utiliza-se da visão de modo contínuo. De acordo com Berger (1972), a criança, antes de desenvolver sua capacidade comunicativa, já começa a observar o seu entorno, porque o seu olhar apresenta-se em constante movimento e, continuamente, colhe informações sobre o mundo. Observar, portanto, constitui-se uma ação voluntária e, em muitos momentos, as palavras carecem de significações para representar o significante.

Nesse contexto, as reproduções visuais dessa viagem manifestam-se como uma apreensão pormenorizada das formas do mundo. O ato de ver não corresponde a uma operação elementar, pois trata-se de uma tarefa sutil, minuciosa e ao mesmo tempo complexa realizada através da habilidade prévia da visão. É uma tentativa de descrever, de maneira abrangente ou resumida, os detalhes do mundo físico, antes

que sejam desvanecidos; como também, é a forma de explicar o espaço e o tempo, o oculto e o patente (CORDIVIOLA, 2010).

Berger (1972) ainda salienta que a imagem elucida um registro. Inicialmente, foi elaborada a fim de reconstituir algo ausente. Com o trespassar do tempo, através das gravuras, revelou-se como formam-se os seres, os espaços ou os objetos. Dessa forma, as imagens também são testemunhas de um tempo anterior ou presente, notável ou imaginário, caracterizando-se como um vestígio documental.

O exercício de observar consiste em uma delicada tarefa, pois requer um treinamento da visão para que se realize a percepção analítica do meio social e de seus componentes, especifica Cordiviola (2010). Com equilíbrio, a observação reproduz detalhes e identifica a sutileza do imperceptível. Por esse motivo, uma das grandes dimensões da Expedição Malaspina foram as artes visuais. As pinturas da viagem demonstradas anteriormente, contribuem para a compreensão de um passado, para a lembrança de um lugar, para a memória de um povo. Assim, através de uma linguagem pictórica, as imagens da Expedição informam, comunicam acontecimentos presentes e históricos. As gravuras delineiam o indivíduo, o ambiente, o inarrável. Traduzem experiências humanas e acontecimentos naturais. Interpretam a essência do ser e as estruturas da natureza através de desenhos que retratam uma época e resgatam a memória de um mundo. Em tal caso, verifica-se que a literatura e a arte refletem um modo de ver a vida e de estar no mundo. Os recursos pictóricos compreendem o âmbito visual, diferente de um texto literário que se constitui, comumente, de palavras, de elementos linguísticos; todavia, ambos transmitem mensagens e emoções.

Antigamente, nos tempos remotos, compreende-se que os homens utilizavam os sons e os desenhos para expressarem seus pensamentos, sentimentos, e assim, comunicarem-se. E isso não mudou. Ainda é possível verificar que as elaborações artísticas retratam acontecimentos. No que concerne às gravuras da Expedição, por exemplo, os pintores utilizam-se dos recursos da imagem e descrevem os ambientes, os habitantes, a botânica e o mundo animal com o auxílio das cores, das tintas e dos pincéis. Com essas ferramentas, os artistas destacam ambientes e

seres descritos por Malaspina e expõem outras minúcias e diversidades que as palavras não evidenciaram. As imagens representam um tempo anterior e conduzem ao conhecimento de uma riqueza cultural. Dessa maneira, atesta-se que tanto a gravura quanto o texto exercem uma função narrativa através da linguagem literária e visual.

O resultado das pinturas da Expedição Malaspina foi prodigioso por causa do número de assuntos tratados e dos seus detalhes que originaram um grande volume de informes sobre o Novo Mundo. Os pintores reproduziram temas diversos que delineiam a botânica, as cenas cotidianas dos povos, o espetáculo dos lugares e a riqueza da fauna. À continuação, analisa-se algumas pinturas da jornada que compõem a obra *Las corbetas del rey: el viaje alrededor del mundo de Alejandro Malaspina (1789-1794)*, de Andrés Galera Gómez, publicada em 2010. À efeito de explanação, dentre as mais de 150 imagens presentes na obra citada acima, foram selecionadas as que caracterizam os temas da fauna, da flora, dos habitantes e das culturas locais.

2.3. As pinturas da Expedição Malaspina.

Imagem 1 – Puma.



Fonte: *Puma*. GÓMEZ, 2010, p. 38.⁹

O desenho elaborado por José del Pozo apresenta o carnívoro peculiar da América. Foi uma das espécies observadas por Pineda durante sua estadia no México. É considerado o segundo maior felino depois do Jaguar e a sua presença é notável desde o sul da cordilheira andina até o Canadá. A pedra e as plantas dispostas na cena atuam como itens complementares para delimitar o ambiente natural em que o animal está inserido. As suas sombras e o seu posicionamento horizontal realçam a sua forma e o seu tamanho, além de que, contornado por um fundo branco, destaca-o como o elemento principal. A imagem representa a fauna característica do Novo Mundo.

⁹ Disponível em: <<http://www.fbbva.es/TLFU/microsites/malaspina/montevideo.html>>, acesso em outubro de 2015.

Imagem 2 - Senhoras de Montevideu.



Fonte: *Señoras de Montevideo*. GÓMEZ, 2010, p. 39.¹⁰

A imagem de Ravenet direciona o olhar do espectador para as personagens principais da cena que são as duas senhoras. A medida vertical do desenho destaca os corpos inteiros no intuito de revelar os típicos trajes femininos da época com os detalhes para as vestes, os calçados e os acessórios. A paisagem marca o cenário onde ambas se encontram determinando um ambiente externo. A luz lateral expõe com mais clareza um dos lados das personagens e projeta sombras visíveis, proporcionando, dessa maneira, textura e volume à criação artística. A perspectiva salienta uma certa distância entre uma mulher e a outra.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.fbbva.es/TLFU/microsites/malaspina/montevideo.html>>, acesso em outubro de 2015.

Imagem 3 - Cacique *Catiguala* e seu filho.



Fonte: *Catiguala y su hijo*. GÓMEZ, 2010, p. 49.¹¹

A pintura realizada em 1790, de autoria de José del Pozo, apresenta-se em formato retrato e evidencia as personagens como principais componentes, os índios *huilliches* da ilha de Chiloé. Ao contrastar com o fundo da cena, o pintor destaca as expressões das fisionomias, os detalhes das vestimentas e os acessórios dos habitantes. O olhar do filho difunde simpatia e a firmeza transparecida no semblante do Cacique revela respeitabilidade, característica da sua função de líder em seu entorno. Ainda é possível lograr uma empatia com a cena através do seu formato horizontal que provoca uma proporção de proximidade com quem a contempla. Essa perspectiva também alcança uma simetria com a altura dos olhos dos nativos e o olhar do espectador, transmitindo, dessa forma, equilíbrio e harmonia.

¹¹ Disponível em: <<http://www.fbbva.es/TLFU/microsites/malaspina/el-cabo-de-hornos.html>>, acesso em outubro de 2015.

Imagem 4 - Passiflora.



Fonte: *Passiflora*. GÓMEZ, 2010, p. 60.¹²

A pintura realizada por Francisco Pulgar revela uma planta coletada pelo botânico Neé no Peru, também conhecida como a Flor da Paixão e, no Brasil, como a Flor de Maracujá. É possível verificar os detalhes dos elementos com o uso das linhas e das cores. Também se destacam as formas e os volumes através dos tons claros e escuros. A disposição de cada flor e folha, de um lado e de outro da cena, promove uma sensação de movimento. A imagem auxilia a percepção sobre a flora do local e exemplifica a riqueza botânica do Novo Mundo.

¹² Disponível em: <<http://www.fbbva.es/TLFU/microsites/malaspina/lima-ciudad-de-reyes.html>>, acesso em outubro de 2015.

Imagem 5 - Praça Maior do México.



Fonte: *Plaza Mayor de México*. GÓMEZ, 2010, p. 95.¹³

O desenho de Fernando Brambila revela uma cena cotidiana da Cidade do México composta por homens, mulheres, vendedores e *zaragates*, os quais formavam parte da classe social mais baixa da sociedade. Sem empregos, caminhavam pelas ruas vestidos por uma manta de lã, com uma calça no comprimento dos joelhos e *sombrero*. O espaço ainda é formado por cavalos, carruagens e construções locais onde é possível definir o Palácio de *Moctezuma*, atualmente, o edifício do Palácio Nacional Mexicano.

¹³ Disponível em: <<http://www.fbbva.es/TLFU/microsites/malaspina/mexico-un-pais-en-la-mochila.html>>, acesso em outubro de 2015.

Imagem 6 - Baile das mulheres em Vava'u.



Fonte: *Baile de las mujeres en Vavao*. GÓMEZ, 2010, p. 122.¹⁴

O desenho traçado por Ravenet e finalizado por Planes em Madrid, possibilita o testemunho de um baile oferecido pelos nativos aos navegadores como uma demonstração de cordialidade. O grupo dançava ao som de um ritmo local acompanhando por canções. A pintura realça o ambiente natural, os expedicionários e o movimento dos braços das mulheres indicando uma sincronia com o compasso. Ainda se verifica alguns instrumentos de percussão e de sopro que definem o arranjo da melodia. A luz central destaca a dança e a define como elemento central na pintura.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.fbbva.es/TLFU/microsites/malaspina/australia-y-tonga-aguas-de-corales.html>>, acesso em outubro de 2015.

Imagem 7 - Mulheres mariscando.



Fonte: *Mujeres mariscando*. GÓMEZ, 2010, p. 123.¹⁵

O desenho de Bauzá define, em primeiro plano, a coleta de mariscos realizada por duas mulheres, uma prática cotidiana entre os moradores de Vava'u. O colorido da cena revela cada elemento com seus detalhes e texturas. As mulheres encontram-se circunscritas em um ambiente arbóreo provocando admiração ao expectador. A frondosa natureza apresenta-se em várias camadas e isso contribui com a sensação de profundidade. A pintura apresenta uma boa disposição das personagens delineadas em uma atividade corriqueira, espontânea e que situa o expectador em um ambiente agradável.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.fbbva.es/TLFU/microsites/malaspina/australia-y-tonga-aguas-de-corales.html>>, acesso em outubro de 2015.

Evidencia-se que essas artes retratam a flora, a fauna e as manifestações culturais de uma época; possuem uma valia histórica porque servem como testemunho de um local, de um povo. Os pintores, através dos seus minuciosos olhares, delineiam o espaço, os elementos e as suas posições. Também definem e circunscrevem os personagens e, ainda se verifica que, as imagens revelam a amplitude dos ambientes contornados por cenas naturais. Os trabalhos artísticos transmitem a comunicação sobre um lugar suntuoso e seus sujeitos incomparáveis.

Os profissionais tentaram representar composições ricas em detalhes utilizando-se de técnicas como a disposição linear ou vertical da cena, ênfase nos elementos principais, contraste das linhas e das cores para definição da arte e estímulo de emoções em seu expectador. Algumas exibem uma escala para determinar proximidade e distanciamento entre os elementos. Os registros em várias camadas provocam uma sensação de profundidade com percepções direcionadas a um local interno. Com esses recursos visuais, os pintores buscaram realizar um diálogo com o observador, utilizando-se de uma linguagem pictórica e revelando temas corriqueiros que os olhos não se podem ignorar.

No tocante à análise da jornada, evidencia-se que, de acordo com Serrano (1982), a viagem apresentou três objetivos distintos: científicos, sociais e políticos. Como resultado dos primeiros, considera-se as apresentações das pesquisas detalhadas pelos naturalistas, através dos registros da produção dos diários, das anotações astronômicas, dos cálculos, das medidas das latitudes e das longitudes.

Com relação ao estudo de conteúdo sociológico foi considerável a comunicação e a proximidade com os nativos a fim de lograr um melhor conhecimento sobre seus costumes e sua vida diária: “un conocimiento lo más exacto posible de su vida, alimentación, costumbres, idioma, creencias, religión, tradiciones, etc.” (SERRANO, 1982, p. 29). E para essa tarefa, o trabalho dos pintores tornou-se imprescindível, pois eles representaram diligentemente os locais e os povos visitados. Com referência aos propósitos políticos, salienta-se que tematizaram conteúdos envolvendo o comércio europeu na América e na Ásia, visando a situação econômica e política das colônias.

Los objetivos políticos se encaminaban principalmente a la obtención de informes acerca del comercio europeo en América y Asia, posible existencia en ciertos lugares de establecimientos europeos y estado en que se encontraban las provincias españolas de ultramar: su economía, sistema de gobierno, situación e ideas políticas, etc. (SERRANO, 1982, p. 29).

Por esses resultados, afirma-se que a Expedição Malaspina foi uma viagem que contribuiu com a propagação de assuntos que abrangem várias áreas do conhecimento, por isso é também considerada como a última grande expansão marítima espanhola no Pacífico e a mais importante expedição científica da ilustração espanhola, como define Rodríguez (2010). Todo seu produto de estudo aportou significância para a Espanha, como também para os territórios percorridos, pois revelou a situação em que tais países encontravam-se naquele período.

3. O REVÉRBERO DAS LUZES E O OUTRO SINGULAR NA LITERATURA HISPANO-AMERICANA

Compreende-se que a época das Luzes revelou o interesse em mudanças, em propiciar à humanidade a construção do seu futuro de forma autônoma e o resultado foi a eclosão de um movimento intelectual e cultural conhecido como Iluminismo. Considera-se que tal evento assinalado pelas ideias ilustradas impulsionou as expedições científicas que atribuíram novos conhecimentos sobre a natureza das colônias na segunda metade do século XVIII. Através delas foi possível encontrar informações sobre os mais variados aspectos do mundo natural e das sociedades humanas, pouco conhecidas pelas comunidades ibéricas.

Por outro lado, no contexto espanhol, certificou-se que a monarquia, por ambicionar seu restabelecimento econômico, utilizava-se também dessas jornadas para garantir a propagação de seus domínios nos territórios coloniais, ao fortalecer as suas demarcações contra incursos estrangeiros. Além disso, atestou-se que pela ciência, a diversidade do mundo natural poderia ser classificada e as viagens tornaram-se indispensáveis para a coleta e para a catalogação de dados no intuito de demarcar territórios e espécies. Desse modo, torna-se possível observar que a busca pelo conhecimento da pluralidade da natureza no Novo Mundo permitiu monopolizar um catálogo dos seus recursos naturais utilizando-se, assim, de um controle. Por isso, as jornadas científicas destinadas a uma classificação apresentam-se, de certa maneira, privadas de créditos.

De uma maneira generalizada, a razão e a ciência são amplamente contestadas pelo motivo que, em lugar de promoverem o progresso, conceberam, em centúrias posteriores, novas formas de dominações, como evidencia Todorov (2008). A partir desse parecer é quando surgem críticas às Luzes, e uma delas discute a formulação de suscitar os princípios ideológicos do colonialismo europeu nos séculos posteriores. Conforme abordado em capítulo anterior, foi possível verificar que os espanhóis, durante a conquista, convenceram-se de que a sua cultura era superior à dos nativos. Dessa forma, determinaram que a sua missão

seria levar conhecimento às civilizações e ocupar os seus territórios, impondo, para isso, seus hábitos, seu idioma, sua religião. Então, ao invés de compartilharem competências, difundiram o domínio dos povos e de seus costumes.

Uma das explicações para isso seria a inata condição humana, pois como o ser humano apresenta-se como possuidor de liberdade, essa o conduz à realização de bons ou de maus princípios: “é próprio do homem ser dotado de uma certa liberdade que lhe permite trocar-se e trocar de mundo e é essa liberdade que o leva a fazer tanto o bem quanto o mal” (TODOROV, 2008, p. 26). A autonomia conduz o homem à realização de atos devidamente justos, e também, de ações hostis, como consequência da própria circunstância humana.

Outra justificativa, de acordo com o especialista, seria o progresso científico que com o intuito de provocar o avanço no mundo principia sérios resultados imprevisíveis em séculos posteriores, como ocorreu, por exemplo, com a fissão nuclear. Os cientistas que descobriram o processo dessa composição não poderiam imaginar o horror que sobreveio à Hiroshima e Nagasaki. Com isso, conclui-se que uma crença linear no indivíduo, bem como nos avanços científicos e tecnológicos torna-se insignificante, pois responde a estímulos complexos e que podem apresentar resultados desarmoniosos.

Sob essa perspectiva, alguns conceitos de unidade de valores universais humanos da época das Luzes parecem contrapor-se aos seus fundamentos e à sua consequente execução. O princípio de igualdade, por exemplo, conduz a um pensamento unitário e sugere um certo universalismo. Assim, pensar em uma integralidade baseada em um objetivo comum gera uma concepção total e genérica. De igual modo, pode-se considerar outros temas decorrentes da Revolução Francesa como a liberdade e a fraternidade. Considera-se que a liberdade decorre de um pensamento racional que visa as relações interpessoais. Assim, a liberdade não seria movida apenas por um impulso, mas por uma escolha racional que validaria o próximo: “O interesse pode ser educado para buscar (...) um prazer mais duradouro, que incluiria até mesmo o bem de todos com quem nos relacionamos” (KAWAUCHE, 2014, p. 33). No entanto, essa liberdade discutida no século XVIII

revela-se, de certa forma, inconsonante com o sistema governamental aludido como reformador e esclarecido. Um regime que priva a liberdade alheia em favorecimento de outra predominante que detém o poder. Inclusive, essas ações também são observadas entre as classes sociais nas quais algumas detêm os privilégios de outras. Assim, esses conceitos, quando aplicados, transparecem uma divergência, uma contradição, porque o século XVIII é traçado por oposições as quais resultaram de revoltas movidas por desigualdades. Um período no qual se pleiteou por um progresso no campo científico e econômico, mas que ainda se constatou uma inflexibilidade movida por ações intolerantes.

É um período de expansão econômica e de decadência, de propagação de novidades científicas e de firme persistência das ortodoxias, de grandes mudanças na ordem social e urbana e de violentos conflitos derivados dessas transformações (CORDIVIOLA, 2010, p. 16).

Nesse contexto dissonante, atesta-se que orientar uma análise de forma genérica implicaria em alguns argumentos vulneráveis e ideais desconexos que, por sua vez, produziriam novos métodos de controles e regulações. Diante disso, destaca-se a taxonomia da natureza que catalogou elementos com vistas a obter resultados análogos de um mundo heterogêneo. Seria a tentativa de universalizar uma riqueza excêntrica com a utilização de um modelo que limitava conteúdos múltiplos e particulares. Ordenar a natureza sistematicamente com leis globais, através da classificação, resulta em uma forma de apreender um mundo diverso.

Esse registro do mundo natural possibilitaria a sua apreciação de uma única maneira, e assim, a grande variedade botânica restringiria-se a uma linguagem universal: “La gran variedad de seres vivos debía ser reducida a un lenguaje universal que permitiera a cualquier individuo, en cualquier parte del mundo, *observar de un mismo modo cosas empíricamente diferentes*” (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 204). A natureza, outrora considerada como onipotente, agora, com os recursos da ciência e das novas tecnologias, apresentava-se como dominada pelo homem, e, conseqüentemente, iniciavam-se projetos que objetivavam o crescimento

econômico espanhol. Assim, o conhecimento sobre a história natural permitiu a classificação e a comercialização dos recursos autóctones com o propósito de acumular riquezas, complementa Castro-Gómez (2005). Visando o rendimento, o império era motivado a inverter cabedais no campo da fitologia com a criação de Jardins Botânicos e a concentração de fórmulas médico-farmacêuticos.

Esse método de classificação foi desenvolvido pelo naturalista sueco Carlos Lineu (1707-1778), como mencionado anteriormente, e divulgado em sua obra *Sytema Naturae*, publicada em 1735. Trata-se de um compêndio de métodos sistemáticos de coleta e catalogação. Seu arranjo consistia em nomear uma planta por gênero e espécie. “Cada planta tiene por ello un nombre compuesto: el primer nombre identifica el género y el segundo la especie a la que pertenece” (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 207). Dessa maneira, cada espécie perderia seu valor único por estar inscrita em um sistema universal e o homem continuaria a exercer um domínio sobre o mundo físico ao dispor-se de uma linguagem absoluta.

Para esse arranjo da natureza seria necessária a participação humana com o intuito de estabelecer um controle. O método de ordenamento resultaria na organização do caos. Assim, como enuncia Pratt (2009), de acordo com os padrões europeus, cada forma de vida seria removida de seu mundo e reagrupada a uma estrutura global e ordenada. O cientista realizaria o trabalho de nomear as espécies ajustando suas particularidades à uma nova denominação europeia. O conhecimento dos recursos naturais, com a utilização desses mecanismos, faria com que a Espanha continuasse exercendo seu controle no Novo Mundo.

Diferentemente das expedições anteriores, as viagens do século XVIII objetivam o conhecimento da riqueza natural, mas, igualmente como as primeiras, utilizam-se de meios controladores a fim de propagar seus domínios de acordo com seus padrões. Essa metodologia foi caracterizada pela coleta de um objeto pertencente ao seu mundo próprio, específico, para um outro constante e uniforme, sinalizado por uma delimitação nominar.

Os sistemas classificatórios do século XVIII suscitaram a tarefa de localizar todas as espécies do planeta, extraíndo-as do seu nicho arbitrário, particular (o caos) e colocando-as em seu posto apropriado no interior do sistema (a ordem – livro, coleção ou jardim), junto a seu recém-criado nome secular europeu (PRATT, 1999, p. 65-66).

Ao identificar uma planta já conhecida e ao nomear outra vista, o mundo botânico foi sendo classificado em um sistema taxonômico. Nesse caso, o pensamento ilustrado europeu que visava o progresso e a liberdade, apresentava-se, de certa forma, desconexo de sua essência, pois originou novos arranjos de normalização. As pluralidades naturais estavam sendo ajustadas a uma terminologia genérica e tais ações transformaram a diversidade do mundo em uma nomenclatura universal.

À essa sistematização botânica também se formou um perfil eurocêntrico no campo da gnose. O ajustamento do mundo natural à uma ordem totalizante encontrou o seu fundamento no colonialismo. Conforme exposto anteriormente, o poder colonial sustentou suas bases no contexto político, econômico e no conhecimento ao classificar de modo hierárquico as populações. Dessa forma, Quijano (2000) e Castro-Gómez (2005) compreendem que o poder colonial legitimou seu domínio em parâmetros hegemônicos de produção cognitiva culminando no conceito de colonialidade de poder.

En esta matriz de poder, no se trataba sólo de someter militarmente a los indígenas y dominarlos por la fuerza, sino de lograr que cambiaran radicalmente sus formas tradicionales de conocer el mundo, adoptando como propio el horizonte cognitivo del dominador (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 62).

Esse controle alicerçado na definição de raça e no princípio epistêmico consistia em naturalizar o conhecimento cultural ibérico como sendo o único modelo para relacionar-se com o mundo e com o saber. Desse modo, confirma-se que a classificação das raças se disseminou nas taxonomias botânicas. A concepção de

raças inferiores e superiores foi legitimada, posteriormente, com as classificações fitológicas fundamentadas na ciência. E avalia-se que a “naturalização” do imaginário europeu descrita acima revela um propósito em mudar as bases cognitivas das populações dominadas para a transformação de um “novo homem” concebido aos padrões civilizatórios da cultura dominante.

Estamos, pues, frente al proyecto *sui generis* de querer cambiar radicalmente las estructuras cognitivas, afectivas y volitivas del dominado, es decir, de convertirlo en un “nuevo hombre” hecho a imagen y semejanza del hombre blanco occidental (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 63).

À vista disso, é necessário compreender o ideal ilustrado como constituído por práticas coloniais vinculadas a um projeto científico que culminou na construção do sistema-mundo moderno, define Castro-Gómez (2005). O discurso colonial legitimou-se com a ciência moderna e concebeu o imaginário científico da Ilustração. Por outro lado, torna-se relevante entender as ideias revolucionárias “como uma ferramenta a ser utilizada” (CORDIVIOLA, 2010, p. 19), pois essas contradições também caracterizam a progressão de uma sociedade na época dos Setecentos. Ainda é importante salientar que as propostas formuladas pelas Luzes não foram de todo satisfeitas, não apenas por causa das mudanças ocorridas com o avanço das épocas, mas porque todo o pensamento não é uno, e sim, complexo, múltiplo, como declara Todorov (2008). Todavia, é possível constatar sua reverberação no campo crítico e racional, ou seja, seus ideais perduram quando utilizados de maneira crítica no terreno político, econômico e social.

Nesse sentido, percebeu-se que os naturalistas da Expedição realizaram as atividades de coleta e classificação das espécies naturais, tarefas comumente exercidas pelos botânicos das viagens científicas; mas também, é possível identificar que, disposto da crítica e da razão, o capitão Malaspina constatou que os estudos naturais da sua viagem apresentavam resultados das riquezas de territórios e, assim, começou a contestar as desigualdades de uma época hegemônica. Os

produtos da viagem também refletiam a imagem da diversidade de tão vasto mundo, e ainda, irradiavam as desigualdades de um desconexo governo.

É possível certificar-se dos ideais progressistas de Malaspina ao analisar seu *Plan para escribir su viaje, dado por Malaspina al P. Gil*, de 1795, localizado no apêndice da *Introducción Histórica* de Novo y Colson (1885). Como anunciado em capítulo anterior, nesse projeto, o capitão expõe ao eclesiástico uma orientação narrativa que discorresse sobre temas como a descrição física e política dos lugares visitados e ainda assinalou que os estudos sobre a América, até aquele momento, serviam mais para desconcertar que esclarecer: “Un estudio no superficial de la América me había convencido años antes, que cuanto sobre ella se había escrito, más bien servía para confundir que no para ilustrar” (MALASPINA, 1795, p. XXII). O navegador encontrava-se ciente das descrições desacertadas sobre os lugares e os seus habitantes; informações essas elaboradas com parcialidade ou com ignorância e que, tantas reunidas, ofereceram aos leitores uma ideia ainda mais incerta da que tinham anteriormente ao tempo da conquista. Para o capitão, ainda era necessário resolver se o descobrimento da América e as suas consequências contribuiriam, de fato, para a genuína felicidade espanhola, e acrescentou que não haveria uma possibilidade de reforma governamental se os malefícios de um sistema não eram examinados: “Porque. Rmo. Padre, jamás podrá parecer plausible una reforma si no se demuestran evidentemente los males que dimanaran del sistema anterior; jamás podrá haber armonía en las leyes y amor de toda sociedad” (MALASPINA, 1795, p. XXVIII).

Neste *Plan*, Malaspina também expressa que através das visitas que realizou aos diferentes lugares, rotas descritas no capítulo antecedente, teve a oportunidade de conhecer os seus habitantes e de percorrer trajetos com o auxílio de governadores e vice-reis que forneceram as informações exatas e reservadas sobre os lugares visitados. Por conseguinte, através de sua viagem conseguiu confrontar os resultados com os informes anteriores e, dessa forma, contribuiu em oferecer os pertinentes relatos sobre as colônias. Assim, destaca que todo o trabalho foi

cumprido de maneira paralela com a realidade daqueles lugares e com o objetivo de aclarar informações obscuras e incongruentes.

Identifica-se nesse momento o escritor como um sujeito atuante do conhecimento e que apoiado na transparência da linguagem concebe um “compromisso do historiador com a verdade factual” e ainda aproxima a sua atividade “com a escrita literária” (LIMA, 1997, p. 214). Diante desse reconhecimento, como se explicaria o registro da história e da literatura como disciplinas distintas e relacionais simultaneamente? Luiz Costa Lima esclarece a questão e destaca alguns momentos dessa correspondência; dentre eles, expõe aquele que fundamenta a descrição do mundo físico que não compromete a “recepção ‘literária’”.

As jornadas iniciais ao Novo Mundo utilizavam-se do uso de elementos inverossímeis em seus relatos para convencer um leitor da existência daquilo jamais visto. Como se o novo pudesse ser revelado de modo harmônico com os fatos já conhecidos, dessa forma, a sua autenticidade seria precisa. Com o passar do tempo, os relatos de viagem transmitiram maior confiabilidade por se respaldar nas comprovações dos viajantes com base em informes documentados. Devido a isso, as narrativas autênticas será o apoio do discurso das ciências humanas e, posteriormente, irá “romper com os *topoi* constitutivos das belas-letras” e posicionar a “composição da história e dos gêneros poéticos sob um mesmo arsenal retórico” (LIMA, 1997, p. 219). Assim, os relatos de viagem, associados à subjetividade do relato do observador, sustentará, no fim do Setecentos, o discurso literário.

Agregando mais justificativas sobre as suas colaborações, Malaspina, inclusive, esclarece que o progresso da ciência deveria, naquele momento, dar lugar a um exame com maior empenho e utilidade, por essa causa, os viajantes da sua Expedição procuravam evitar estudos que aumentassem a ambiguidade referencial sobre o Novo Mundo. Portanto, empenharam-se em dar uma ideia cabal dos territórios separando as notícias úteis e verídicas das falsas e impertinentes, tanto que, qualquer leitor, ao consultá-las, pudesse deparar-se com a realidade dos lugares.

El legislador y el vasallo pudiesen leer sus deberes respectivos en un espejo fiel, en donde la naturaleza grabase con los colores de la realidad lo que fue la América, lo que es y lo que será, siguiendo por una parte el orden suyo inalterable y por la otra los obstáculos que intenta ponerle la débil mano del hombre, conspirando tan sólo á su propia infelicidad y destrucción (MALASPINA, 1795, p. XXIII).

O capitão intencionava que todo o resultado do seu percurso refletisse a realidade das colônias tal como era, como se apresentava e como deveria ser. Acreditava que seus informes auxiliariam tanto aquele que administrava as leis, quanto o que estava sujeito a elas, como uma ferramenta que direciona um caminho definido. Para qualquer leitor, as narrações transpareceriam o nítido inalterável, mesmo sendo por vezes desarranjado pelas próprias ações humanas em sua intrínseca desventura.

O navegador italiano na *Relación General del Viaje*, em seu *Discurso Preliminar*, questiona qual não seria o prazer do leitor se depois de deparar-se com as aventuras do viajante em meio às tempestades, às variações de clima e à incerteza de seu destino, encontrasse a si mesmo rapidamente transferido, em um imediato instante, entre os estudos naturais. E ainda acrescenta qual não seria a satisfação do leitor se pudesse ver, como que instantaneamente, as reflexões sobre o estado humano multiplicando-se à prosperidade nacional. Nesse horizonte, Malaspina apresenta-se atento à participação do leitor com o texto, e propõe que a narração da viagem, incluindo a descrição física e política dos territórios visitados fossem acessíveis a qualquer indivíduo que demonstrasse interesse em estudar a obra de uma maneira uniforme.

Verifica-se o cuidado para que o leitor vislumbre nas descrições a transparente linguagem. Assim, torna-se adequado apresentar a relevância de uma obra literária sem o prejuízo da sua reflexão. Isso é ocasionado pelo efeito que a mesma realiza sobre aquele que a lê. Dessa forma, o agente de leitura não é ignorado. Assim, é possível compreender a importância dada ao leitor na

comunicação com a literatura. Ela reorienta-o como o centro recepcional que efetiva o texto literário.

O leitor encontra-se em uma posição considerável que se traduz como significativa para a interpretação da mensagem recebida. Ele não seria apenas o receptor, mas também o agente participativo de um dialogismo construído entre o mesmo e o texto, segundo os estudos de Lima (2001). Aprecia-se o efeito nele produzido, resultante de uma fruição textual e da recepção do seu significado.

Nessa relação entre texto e leitor, constata-se que os textos não são plenos, mas “enunciados com vazios, que exigem do leitor o seu preenchimento” (LIMA, 2001, p. 23). Para que as indeterminações sejam suprimidas dependerá da interpretação do agente de leitura. Isso se configura como fator indispensável para alcançar o significado textual. Sem a participação do leitor o texto não se substancia. Nesse processo o texto conduz o leitor a compreender a si mesmo e ao mundo

Viajar para conhecer o Novo Mundo explicaria ao navegador as complexidades de um cenário onde uma deficiente administração resultava de um sistema colonial obsoleto (GÓMEZ, 2010). Considera-se incompreensível ignorar essa realidade. O capitão tinha o intuito de instruir-se para compreender a sistematização governamental daqueles territórios e a vida cotidiana de seus habitantes. “Suelos y climas tan fértiles y tan varios, tributarían un fruto abundante, ó al propietario ó al colono; no habría una lucha continua entre los mismos miembros de la sociedad; cesarían la esclavitud política y mercantil” (MALASPINA, 1885, p. 38).

Com isso, Malaspina busca por conhecer a verdade de maneira ampla, pois assim seria possível delinear uma administração solícita para com as particularidades de uma sociedade plural; dessa maneira, a prosperidade humana avançaria rumo a organização de uma sociedade mais justa. “Conocidos los hábitos, la naturaleza, el instinto y el derecho de los indios sujetos, ya los mira como una parte preciosa de sí” (MALASPINA, 1885, p. 40). Como acrescenta Manfredi (2011), Alejandro Malaspina era um reformador, pois esteve ciente de que o país espanhol

não poderia continuar governando o Novo Mundo com tamanho centralismo e sem conhecê-lo através de uma experiência participativa. Segundo o estudioso, o navegador planejava realizar reformas, não revoluções, sendo essas as características do seu itinerário.

Cuál era la influencia de las colonias sobre la matriz; cuáles los derechos legales de entrambas, cuál su utilidad recíproca, y cuál, finalmente, el efecto de una tan grande extensión de dominios sobre la felicidad individual y sobre la verdadera fuerza racional (MALASPINA, 1795, p. XXVIII).

Com relação aos trabalhos artísticos dos pintores da Expedição, registrou-se no capítulo anterior, que há momentos em que as imagens são utilizadas em lugar das palavras para reproduzir o entorno físico e as situações indescritíveis. Ver é a aspiração de testemunhar tudo e todos, identificando e analisando cada elemento, pois tenta resgatar o visível antes que desapareça do espaço exterior sem que se tenha usufruído de sua notoriedade (CORDIVIOLA, 2010). Com efeito, salienta-se que foi o que ocorreu com os pintores, pois divulgaram as peculiaridades da natureza e da cultura dos lugares trilhados.

Nesse sentido, Moreira (2011), especialista no estudo das artes, informa em seu livro *A interpretação da imagem* que uma obra artística apresenta funções de linguagem e uma delas seria a função referencial, que consiste em fornecer uma reprodução da realidade, do entorno, baseada em uma relação entre arte e vida com objetivos de encontrar respostas às questões sobre “o quê” e sobre “quem se fala”. Assim, é possível verificar, especificamente, nas artes visuais da viagem, esse tipo de função que se utiliza de uma linguagem pictórica para descrever o entorno de forma objetiva e direta.

Portanto, pode-se considerar que as artes visuais dos pintores da Expedição, em certas oportunidades, são consideradas como aquelas que definem o significado dos elementos que representam, e, em outras ocasiões, como impessoais por possuírem uma dimensão científica que enunciam a realidade daquela época.

Contudo, também se torna viável aplicar às essas artes a relação que um observador apresenta com elas. A autora salienta que à uma obra artística vincula-se igualmente uma apreensão sensorial que o expectador possui do seu universo circundante. Assim, muitas vezes é possível aprofundar uma correspondência com a arte além de sua perspectiva objetiva. Isso torna-se possível ao confrontar o contexto do artífice com o repertório cultural de cada espectador. Apreciar utilizando-se apenas das funções referenciais seria como um “frio exercício de erudição”. Contudo, de outro modo, quando essas informações são confrontadas com as próprias experiências do observador a arte deixa de ser uma “cópia da realidade” para se caracterizar “como um fato, uma experiência que transforma a nossa vida, nem que seja apenas durante o ato de leitura” (MOREIRA, 2011, p. 54).

Dessa forma, consente-se que todo o levantamento da Expedição acerca do mundo natural e de seus habitantes, difundem a memória e a valorização de um lugar, de um povo. Conforme Rodríguez (2010), as apurações decorrentes dos anos de pesquisa da viagem, que equivalem a mais de 10.000 documentos, oferecem informações detalhadas de uma época, de uma cultura e também de imensos territórios. Esses resultados difundem as riquezas e as singularidades locais como reminiscências históricas.

Toda a precisão científica com que foi desenvolvida as atividades, ao utilizar-se de modernas técnicas, incluindo os desenhos artísticos e as narrações, representaram a amplitude de um mundo. Reitera-se que essas documentações, como citado anteriormente, não são de fundamental importância apenas para a Espanha, mas também para espelhar uma recordação sobre os países percorridos; um memorial sobre a situação desses territórios.

A intenção em revelar o verdadeiro estado das colônias espanholas, evidencia-se em Malaspina de modo distinto ao que foi traçado anteriormente no seu *Plan de un viaje científico y político alrededor del mundo* remetido a Valdés, em 1788. Segundo assinala Rodríguez (2010), tanto nos documentos oficiais quanto nas correspondências particulares, é possível verificar uma mudança no pensamento do navegador em relação à Administração como na *Conclusión* do *Plan* encaminhado

ao padre Gil. Nesse projeto, Malaspina propõe alguns pontos de modificações na legislação da época. Alguns deles constituem-se de uma elaboração de um sistema de comércio que não fosse pernicioso à América, de um exame dos direitos recíprocos entre a matriz e as suas colônias, de uma análise sobre a emancipação moderada dessas resultando em três grandes confederações (América do Norte, América do Sul e Ilhas do Pacífico) e a sua conseqüente prosperidade. Malaspina ainda questiona se essa emancipação seria mesmo considerada tão temível à coroa quanto poderia parecer e se essa proposta poderia ser de conhecimento público.

Dos reflexiones de la mayor entidad son las que nos vienen al encuentro (...); la primera, si efectivamente el tratar de la emancipación de las colonias divididas en los tres grandes trozos ó confederaciones que se han indicado, es una proposición tan odiosa y temible cual lo parece á primera vista; la segunda, si el tratado propuesto puede ó debe sin riesgo alguno ser público para toda la nación y aún para las demás naciones (MALASPINA, 1795, p. XXXI).

Nesse contexto, assinala-se que o padre Gil, apresentou um tom indiferente aos planos do navegador. Em sua própria narração de defesa sobre o seu processo de encarceramento conhecida como *Defensa del padre Gil, hecha por el mismo*, de 1797, localizada também na *Introducción Histórica* de Novo y Colson (1885), indica que o contato que Malaspina teve com os documentos reservados nas Índias, os quais encerravam temas sobre o comércio e as formas de governo locais, determinou seu interesse particular sobre o estudo político das colônias o qual, uma vez estabelecido, poderia desconcertar ou até destruir a dominação espanhola naqueles lugares.

Dessa maneira, cada vez mais, o capitão Malaspina se harmoniza com a ideia de que as colônias deveriam ser partes ativas do sistema político europeu dispondo-se de um independente desenvolvimento de suas economias de forma positiva e equilibrada. Resultante de seu contato com a realidade americana, as informações que estavam inicialmente reservadas apenas para uso do estado foram transformadas pelo navegador em uma “propuesta de cambio” de conteúdo crítico

na qual destacava os erros da gerência administrativa. Nesse sentido, razão e ciência se unem pela força de um sentimento revolucionário, identifica Rodríguez (2010).

Diante disso, é significativo declarar que um dos conceitos reformadores evidentes em Malaspina, relacionado à essa consciência transformadora que objetiva o progresso das colônias, trata-se de seu próprio discernimento sobre a importância da emancipação do ser humano. A autonomia se caracteriza pela decisão individual de cada ser, ao contrário daquilo que lhe é determinado de maneira imperativa: “o que escolhemos e decidimos por nós mesmos em detrimento daquilo que nos é imposto por uma autoridade externa” (TODOROV, 2008, p. 14). Ou seja, a emancipação fornece meios do homem dispor-se de uma liberdade integrada por questionamentos, reflexões, exames, todos alicerçados em um conhecimento com projeções futuras.

Contudo, vale destacar que mesmo com a autonomia e com o conhecimento racional, a vontade humana encontra-se norteadada pela finalidade das ações humanas. Pois o homem, mesmo sendo um ser autônomo, dispõe-se da capacidade de se posicionar ou não na condição de seu semelhante, e usufruir ou não de exclusivo ego (TODOROV, 2008). Mesmo que todos possuam o direito à liberdade e pertençam à mesma espécie foi possível verificar que alguns navegadores, por exemplo, observavam as populações nativas através de uma perspectiva dominadora, mas alguns outros viajantes, reconheceram as várias manifestações culturais de uma comunidade. Eram conscientes de que existiam sociedades diferentes das suas e com tradições peculiares. Eram nautas que despertaram a atenção para o cotidiano dos povos de outros lugares, sem apreciações arbitrárias. Cientes de que uma sociedade tem sua própria relevância, consideravam suas singulares formas de vida, e assim, modificavam seu conceito de humanidade.

Por sua vez, destaca-se que a autonomia não corresponde à autossuficiência, ambas são totalmente distintas. Para dar continuidade à sua natureza o homem depende do meio social em que vive e sem o qual os seres não seriam humanos. E essa legítima compreensão de essência e de plenitude advém

da sua relação com o próximo, através de uma cordialidade, de um respeito: “O próprio sentimento de existir (...) provém da interação com os outros. Todo ser humano é acometido de uma insuficiência congênita, de uma incompletude, à qual busca preencher” (TODOROV, 2008, p. 53).

Dessa feita, o conceito de autonomia modifica a existência de um ser e de uma sociedade, pois consentir que o homem seja autor consciente de suas escolhas e decisões é acolhê-lo completamente tal como se apresenta e não como deveria ser, expõe o teórico búlgaro. Isso expressa perceber os seres tal como são em sua inumerável diversidade, tanto de uma pessoa para outra quanto residentes de um lugar a outro.

Ainda é pertinente complementar que por determinados momentos alguns impasses sociais provocaram inquietações na tripulação, inclusive, no capitão Malaspina. Assim, a obra *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navío D. Alejandro Malaspina y don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794*, também revela uma reconsideração sobre temáticas humanas.

A análise de que em determinadas situações, o navegador encontrou-se inquieto e, em outros momentos, descobriu-se desassossegado, endossa a valia de que instantes particulares do cotidiano foram vivenciados pelo piloto naval italiano e, esses flagrantes da existência, levaram-no a compreender os costumes de toda a gente como algo novo e significativo a compartilhar.

Tais circunstâncias fluíram de um silêncio desconfortante para desaguar no amparo das suas redações, como as cartas, os livros náuticos, o diário de bordo, entre outros. Nessa reunião de folhas escritas, uma associação de letras que configura uma voz compreensível para aquele que o lê e o interpreta, encontra-se o som das suas palavras que comunica um rumo ao conhecimento, à liberdade. Uma linguagem que brada melodiosamente das anotações. Uma voz que dissemina fatos ao âmago das experiências. Literaturas com as quais o navegador expôs determinadas circunstâncias que o auxiliaram a examinar algumas questões

humanas. Demandas que versam sobre a alteridade, a relevância da singularidade do ser.

Como já mencionado, as corvetas *Descubierta* e *Atrevida*, capitaneadas por Alejandro Malaspina e seu amigo José de Bustamante y Guerra, respectivamente, partiram do porto de Cádiz em 30 de julho de 1789 e realizaram uma viagem que durou cinco anos e resultou em um grande trajeto de circum-navegação para conhecer o domínio espanhol na América, na Ásia e na Oceania. Visitaram as colônias espanholas e elaboraram importantes informações sobre a população, a fauna e a flora.

Compreende-se, dessa maneira, que tudo se iniciou com uma inquietação. Esse desassossego não se trata de um sentimento desprimoroso que prostra um indivíduo ou que paralisa um ser diante de indefiníveis argumentos; porém, trata-se de uma agitação que desencadeia reflexões e ações, as quais resultaram no percurso e na composição dos textos que descreveram o conhecimento *in loco* e responderam algumas questões intrigantes sobre o Novo Mundo.

No le faltaron ni tesón ni coraje ni prudencia, ni mucho menos el deseo de ver para conocer, esclarecer y comprender, para, en definitiva, instruirse sobre el planeta y la vida de quienes lo habitan, siguiendo la filantrópica idea de construir una sociedad más justa, regida por el principio del bien común (GÓMEZ, 2010, p. 17).

Essa inquietante sensação o motivou a realizar empreendimentos, a desenvolver projetos inspirados pelo desejo de conhecer um mundo habitado por sociedades distintas. A intenção de reformas no império, de uma forma transparente, incluindo a possibilidade de corrigir os erros da administração espanhola, foi o desejo de Malaspina em busca da resolução de impasses.

Desse modo, Malaspina observou a incomparável singularidade dos povos e o valor cultural daquelas sociedades, pois como existem seres únicos, existem também culturas especiais. O capitão demonstrou interesse pelo Outro, pelos seus

costumes e por seu idioma. Esse contato o conduziu a ponderar sobre o ser humano e as suas peculiaridades.

Su interés por las lenguas de los indígenas, por sus mitos y sus ritos, le hicieron reflexionar sobre la identidad del género humano, pero también sobre la singularidad de los pueblos, sobre los efectos devastadores de la colonización y la expansión europea (IGEA, 2001, p. 130).

Um desses relevantes momentos foi o amigável encontro com os habitantes da Patagônia que, como apreciado outrora, constituía-se de uma tribo de mais ou menos quarenta nativos, dentre eles, o Cacique *Funchar*, jovens, anciãos, mulheres e crianças, algumas ainda bebês. Como descreve Malaspina, nesse instante, foi descartado qualquer tipo de receio e irrompeu-se entre todos o desejo em conhecer o próximo: “Sentado ya en cerco, y desechada por una y otra parte toda desconfianza, empezó á esplayarse el deseo inato en el hombre de querer conocer más de cerca á su semejante” (MALASPINA, 1789, p. 65).

O interesse em compreender o cotidiano dos patagões através de uma comunicação na língua nativa motivou os navegadores a elaborarem um esquema de aprendizado com as novas palavras que consistia, em um primeiro momento, na memorização das mesmas e, posteriormente, na aplicabilidade dessas em uma situação prática. Malaspina demonstra interesse em conhecer o dialeto dos habitantes, pois considera que seria um equívoco estar inteirado dos seus hábitos, sem ter o menor entendimento do idioma. Com isso, o discernimento sobre os costumes particulares foi eficaz, além de fortalecer os laços de afeto e de respeito pelo próximo.

Se dirigían particularmente nuestras preguntas al conocimiento de su idioma y costumbres. Convinimos con D. Antonio Pineda en cuanto al idioma, que trabajaríamos separados; que hecho un pequeño acopio de palabras en una sesión, procuraríamos confrontarlas todas en la sesión siguiente antes de aprender otras; finalmente, que siendo sumamente equívoco el enterarse de las costumbres mientras no se tuviese la menor idea del idioma.

Eran las dos y media de la tarde, cuando pensamos en separarnos después de recíprocas aseguraciones de la amistad más estrecha y con la esperanza en nosotros de que viniesen al día siguiente á bordo, á donde los habíamos convidado (MALASPINA, 1789, p. 66).

No dia posterior, não houve o contato com os nativos. Contudo, após cinco dias, os índios reapareceram relatando o motivo da ausência que consistiu na fuga de seus cavalos que foram localizados apenas alguns dias atrás. Nessa oportunidade, seguiu-se uma conversa, auxiliada pelo amparo das primeiras palavras nativas estudadas anteriormente, e que abarcaram temas de comportamentos pessoais direcionados ao cotidiano familiar entre pais e filhos, religião e moradia. Através dessa estreita relação foi possível ter acesso à cultura dos nativos e conhecer mais adequadamente os seus hábitos diários.

La conversación se trabó larga é interesante. Rectificamos las palabras aprendidas en la primera sesión, á éstas se agregaron muchas nuevas, pudieron adquirirse ideas claras de algunas de sus costumbres y en particular de sus enlaces de parentesco y del amor hacia los padres y los hijos; finalmente, como procurásemos aún con el auxilio de Peña adquirir algunas nociones de su religion, esto nos fué llevando poco á poco á hablarles de su morada actual, distante como tres leguas de la playa, la cual nos manifestamos dispuestos á visitar al día siguiente (MALASPINA, 1789, p. 68).

Um momento seguinte de igual relevância foi o contato dos navegadores com os índios *huilliches* da ilha de Chiloé que estavam acompanhados do cacique *Catiguala* e de intérpretes que viviam no local. O encontro foi celebrado com música e cordialidade. Um grupo que totalizava 44 pessoas, à semelhança do seu líder, cumprimentou os tripulantes, um a um, e caminhavam munidos de gentileza.

Eran unos cuarenta y cuatro, presididos del cacique Catiguala; dos ó tres capitanes de amigos procedentes de Valdivia y acostumbrados á vivir entre ellos desde mucho tiempo les servían como intérpretes; y para dar una mayor solemnidad á la visita, habíase de nuestra parte reunido la Oficialidad, y por parte de ellos, se procuraba conservar en la comitiva un cierto orden; la acompañaba con el mismo intento una música (...).

Puestos nosotros en torno, los viliches, á imitación del Cacique, fueron desfilando y dándonos la mano uno á uno, acompañada esta muestra de amistad con la voz de *compá*, la cual seguramente aludía al epíteto de compadre (MALASPINA, 1790, p. 79).

Durante o contato dos navegadores com os nativos *huilliches*, esses, em diversos momentos, procuraram estreitar os laços de familiaridade com os navegadores. Quando, por exemplo, a Expedição chegou à ilha, foi possível verificar canoas que seguiam em direção à *Atrevida* e delas ressoavam um cântico armistício entoado pelos indígenas, por vezes, com os braços abertos para indicar que se tratava de uma visita harmoniosa.

Resonaba á mucha distancia el himno armonioso de paz, al cual acompañaron después la señal no dudosa de los brazos abiertos, para demostrar que venían inermes y que sólo ansiaban de nuestra parte unas ideas pacíficas y amistosas (MALASPINA, 1791, p. 155).

Fueron muchas las canoas que salieron á encontrarnos, repitiendo unas veces el himno de paz, otras una voz general harmoniosa al parecer de convite ó admiración (...). Siendo ya las nueve de la tarde y tendido por ambas corbetas un anclote al Norte por segunda amarra, nos despedimos con recíprocas señales de amistad para lograr de un mediano descanso (MALASPINA, 1791, p. 156).

Com os índios de Mulgrave não foi diferente. Os navegadores mais uma vez demonstraram interesse pela cultura e pelo conhecimento da linguagem e, para esse fim, um dos meios adotados foi, novamente, a propensão em aprender os dialetos locais. A Expedição conseguiu familiarizar-se com as palavras, através da composição de um vocabulário, incluindo notas sobre a fonética do idioma local e com o objetivo de realizar uma interação com o grupo nativo: “por lo que toca á nuestro roce con los naturales, (...) nos habíamos familiarizado con las palabras más necesarias del idioma” (MALASPINA, 1791, p. 158). É, portanto, no diálogo que a concórdia atua, que conflitos se esvaecem e que o recíproco entendimento é fundamentado. É na comunicação com o Outro que se reconhece a qualidade de um indivíduo e a sua particularidade, distinta, e comparável a si mesmo, à essência do

humano, à natureza do ser: “Ora, é falando ao outro (não dando-lhe ordens, mas dialogando com ele), e somente então, que reconheço nele uma qualidade de *sujeito*, comparável ao que eu mesmo sou” (TODOROV, 1999, p. 157). Distintamente do que ocorreu com as primeiras viagens espanholas no Novo Mundo em centúrias anteriores, os tripulantes da Expedição Malaspina demonstraram o interesse pelo estudo das falas locais e com elas desenvolveram uma comunicação, um diálogo como uma oportunidade de conhecimento de outrem e, por conseguinte, de si mesmo.

Para Todorov (1999), o homem apresenta uma premência de comunicação com o mundo que lhe rodeia e com o próximo. A linguagem, nessas circunstâncias, manifesta-se como um meio de revelação e de conhecimento. Uma locução que não reduz os seres ao nível de objetos sob um olhar egocêntrico, mas que os considera como sujeitos, e atribui-lhes apreço e valia.

Nessa busca pela valorização do próximo, do humano, como também, do espaço em que ele vive é possível verificar que o reconhecimento da singularidade de cada ser, o não individualismo, a aceitação do Outro com especial acolhida e sem irredutível tolerância, é a “descoberta que o *eu* faz do *outro*” (TODOROV, 1999, p. 3). E, assim, o ser humano é também capaz de constatar o Outro em si, e o eu em um Outro, sujeitos comuns e ainda diferentes. Não se trata de um elemento homogêneo, pois é possível encontrar outros em si; como também não se considera a si mesmo totalmente distinto de tudo que lhe é exterior, visto que, de modo similar, cada um é *eu* e *outro*.

Ainda pode-se compreender o próximo como outro em relação a si, como um grupo social ou como uma comunidade que expressam uma cultura e um idioma desconhecidos, com os quais cada um revela o seu mundo e manifesta-se como uma entidade particular. O autor ainda complementa que a admiração frente à singularidade do ignoto, a estranheza diante da essência da distinção do ser é o que delimita o conceito da alteridade.

Através da relação com o outro é possível averiguar que surge uma comunicação sem recorrer a rejeições sobre o idioma do outro, recusas que foram efetuadas em tempos anteriores de descobertas e de conquistas: “se não fala a nossa língua, é porque não fala língua nenhuma, não sabe falar” (TODOROV, 1999, p. 90). Em uma relação com outrem é essencial que exista uma aproximação que se direciona do eu ao outro e não o limita ao si, mas constitui-se de um relacionamento ponderado, um vínculo em que o outro permaneça com sua própria característica única que dimana em uma relação ética: “Um Indivíduo é outro para o outro” (LÉVINAS, 2010, p. 215).

Nesse contexto, compreende-se que os navegadores da Expedição Malaspina consideraram os nativos diferentes e, contudo, iguais a si mesmo. Através de um contato interpessoal, a tripulação sugere uma relação sensata em conhecer e aprender o vocabulário dos indígenas, como também em enxergar o próximo como humano distinto e igual a si mesmo: “ver o outro como humano e igual ao mesmo tempo” (TODOROV, 1999, p. 91).

Essa situação, mais uma vez, tornou-se evidente quando Cevallos, tenente da Expedição, ao dissertar a *Introducción al vocabulário de Vavao*, vislumbrou-se com a língua nativa e afirmou que, durante a pouca estadia que permaneceram no Arquipélago dos Amigos, a linguagem dos habitantes representou-lhes um idioma sonoro e harmônico: “nos atrevemos a decir que el idioma de los naturales es rico, prosódico y sonoro” (CEVALLOS, 1885, p. 621). O tenente ainda distinguiu o dialeto de Vava’u como uma melodia que com sua variedade de rimas combinadas transmitia emoções.

Na obra organizada por Novo y Colson (1885), ainda é possível verificar mais um dicionário. Esse, no dialeto de Vava’u, foi confeccionado pelos navegadores com o intuito de aproximar e compreender os nativos e o seu cotidiano. Essa composição, estruturada em ordem alfabética, contém não apenas uma coletânea de palavras, mas também um acervo de frases e interpelações que outorgam significados e inferências contextuais que viabilizam a comunicação no idioma. Como exemplo, destacam-se: “Amigo...Apilufan”, “Bailar...Guiliguili”, “¿Cómo te

llamas?...Jau-natea”, “¿Cuánto tiempo hace?...Fia-magina”, “Dar gracias... Afetai”, “Querer ver alguna cosa... Mamata”, “Ven acá, ven conmigo... Jau” (CEVALLOS, 1885, p. 622-624). Com essa estratégia, a tripulação realizou um diálogo amigável, sem reduzir o outro ao seu próprio eu: “seu próprio ‘ideal do eu’ (ou a seu eu)” (TODOROV, 1999, p. 199).

Verifica-se, pois a linguagem como um meio de conhecer um indivíduo, aproximando-se dele com responsabilidade (LÉVINAS, 2010). O Outro não existe para tornar-se receptor de imposições, comumente alicerçadas através do desejo dominante, como a radical imposição de um determinado idioma de modo que seja o único meio praticável para uma comunicação efetiva entre povos. Mas sim, é um ser com quem se constrói a própria identidade do eu reconhecendo, dessa maneira, a natureza humana existente em si e no próximo. No decurso dessa consciência humana que se inicia a partir da percepção de que existe um Outro e que um torna-se Outro para o Outro, é aceitável o despontar de um valor pelo outrem e pela sua cultura, transmitida através do conhecimento da sua linguagem, pois o idioma também é um meio de aproximação entre os seres e direciona a um entendimento e conhecimento.

Ao exame de uma perspectiva totalmente oposta à alteridade, tornou-se possível verificar formas de dominação, exploração e discriminação cada vez mais impetuosas que implicam na deliberada polarização da sociedade nos dias vigentes (QUIJANO, 2007). Como vetores atuantes no mundo social moderno, o desenvolvimento científico-tecnológico produziu um patamar de nova ordem de consumo e de acúmulo de bens justificados por necessidades subjetivas e particulares. Trata-se do capitalismo colonial/moderno. Dessa forma, o sociólogo complementa que tal dominação de poder não produz liberdades civis. Pelo contrário, motivada pelo anseio de lucros e à serviço do capital, a escravidão encontra-se em re-expansão. Nesse sentido, compreende-se que a sociedade indígena foi a que mais sofreu com esse domínio, pois os recursos naturais de sua sobrevivência foram explorados pelo capitalismo. Assim, evidencia-se a importância

da conscientização de todos esses elementos naturais para a defesa da vida no planeta.

esos recursos de sobrevivencia de los “indígenas” son nada menos que recursos de la defensa de la vida misma en el planeta y que son, precisamente, los que el capitalismo colonial/moderno está llevando a la destrucción total (QUIJANO, 2007, p. 3).

Em vista disso, atesta-se que o capitalismo além de ser uma ameaça, torna-se, também, nas atuais circunstâncias, desnecessário, segundo o estudo de Quijano (2007). Em contrapartida, uma das alternativas para solucionar esse impasse, seria acrescentar mais recursos à produção de conhecimento, à memória histórica e ao imaginário social fomentando, assim, a reflexão desse controle e dando espaço a um novo acesso intelectual. A educação aplicaria a consciência autônoma em refletir sobre os usos dos elementos naturais e culturais a fim de alcançar uma instrução social ativa (BOMFIM, 2005).

Entende-se que toda a dilatação de um pensamento é amparada por uma reunião de aspirações necessárias e produzida pelo saber insaciável, na ânsia pelo estudar, descobrir, analisar. Para Bomfim (2005), a revelação de novas esferas, de caminhos vigentes corresponderá a uma tenra vontade de conhecer. E essa instrução provocará novas curiosidades que estimulará verdadeiros desejos substanciais não ao predomínio, mas ao progresso.

Assim, efetivar a liberdade dos seres humanos, seria “entregá-los à posse da própria inteligência” (BOMFIM, 2005, p. 368), as quais proporcionariam expressões de solidariedade e resultariam na produção do bem-estar social, em uma sociedade democrática e emancipada. Desse modo, inicia-se um processo de des/colonialidade, ou melhor, de emancipação do capitalismo descobrindo, nesse dinamismo, formas originais de uma livre existência, autônomas da dominação e da discriminação, utilizando-se dos recursos tecnológicos para produzir valores

necessários, aumentando a distribuição de serviços e confluindo em um corpo social democrático.

Produciendo ya nuestras propias formas de existencia social, liberadas de dominación, de discriminación racista/etnicista/sexista; produciendo nuevas formas de comunidad, como nuestra principal forma de autoridad política; produciendo libertad y autonomía para cada individuo, como una expresión de la diversidad social y de la solidaridad; decidiendo democráticamente lo que necesitamos y queremos producir; acudiendo a y usando los máximos niveles de la tecnología para producir los bienes y valores que necesitamos; expandiendo la reciprocidad en la distribución de trabajo, de productos, de servicios; produciendo desde ese piso social la ética social alternativa a la del mercado y del lucro colonial/capitalista. Eso es lo que significa la producción democrática de una sociedad democrática (QUIJANO, 2007, p. 4).

Nesse sentido, entende-se a liberdade não apenas como um ato consciente em busca de seus resultados, mas também como uma conjuntura social decorrente da própria sociedade: “a liberdade é antes de tudo, um fato social; ela deriva da própria existência da sociedade” (BOMFIM, 2005, p.371). E que é através dos encontros com o próximo que ocorrem as relações harmônicas, autônomas, e, assim, um corpo social caminha rumo ao progresso.

Por outro lado, alguns consideram que quanto mais uma sociedade progride, mais ela perde sua liberdade; contudo, o sociólogo brasileiro expõe que isso não passa de um desacerto porque é na vida social que o homem consegue desenvolver as suas habilidades, e não há liberdade externa à sociedade. É no ambiente social que o homem recebe a preparação indispensável para o crescimento de sua personalidade. Assim, quando o grupo evolui, os cidadãos, por consequência, emancipam-se. E, ainda, com o uso da instrução, o indivíduo tem a oportunidade de conhecer a si mesmo, ao Outro e ao meio em que está inserido. Através da educação, o ser humano obtém uma premissa intelectual que o orienta à liberdade guiado pelos atentos desejos democráticos, pois sem o conhecimento não há autonomia. Portanto, expandir a inteligência é um recurso indispensável de instrução

contra as injustiças sociais. Ser independente conceitua o escape da subserviência imposta, ser livre é entender que a injustiça não favorece o desenvolvimento.

Ser livre é, antes de tudo, escapar da escravidão que a ignorância impõe, da escravidão que em nós mesmos reside, e trazer a inteligência a iluminar os atos e a vida; ser livre é compreender que a injustiça é o mal, e que a ordem social não deve ser a ordem exterior, prepotente, instável, resultando de uma imposição tirânica, mas sim o acordo normal de todas as aspirações (BOMFIM, 2005, p. 373).

Essa liberdade que conduz o indivíduo a encontrar-se, a compreender o seu valor cultural e a relacionar-se com o próximo, torna-se a condição para uma sociedade caminhar rumo ao progresso. Um progresso não apenas material, mas de conhecimento e sem o uso de imposições ao Outro. Inserido nesse âmbito de instrução, em um ambiente democrático, o homem se libertará de suas necessidades e seguirá a uma formação ética e moral realizável. Assim, confirma-se que o respeito à vida e à liberdade, orientam outro caminho: o de ir de encontro às ideias massificadoras e estereótipos que colonizam e aprisionam. Inclusive, é válido salientar que se distingue em Malaspina esse sentimento fraterno e benevolente por seus semelhantes. Em suas transcrições é possível verificar denúncias à desigualdade vivenciada pelos habitantes das colônias e o destaque à singularidade e à riqueza cultural dos povos.

Como afirma Manfredi (2011), a viagem de Malaspina foi uma sinfonia. Uma composição harmônica perante a realidade de um mundo notável. A Expedição não foi apenas um percurso em busca de verdades físicas, mas também, de premissas humanas. Verifica-se que não foi apenas um relato científico do mundo natural, mas também uma busca por conhecimentos que envolviam o homem e as suas relações sociais. Uma viagem ilustrada em busca da compreensão que seria utilizada como ferramenta para um desenvolvimento social dos habitantes do Novo Mundo. Uma viagem que não se resumiu apenas em descrever e catalogar, mas também em estabelecer relações, pois além das classificações do mundo físico, Malaspina

também se interessou pelo estudo das populações indígenas e da sua história (IGEIA, 2001).

Nesse âmbito, é oportuno também destacar que as atividades de Malaspina despontam às de Alexander von Humboldt. Naturalista e botânico, o geógrafo alemão empreendeu viagens científicas para investigar e conhecer a natureza americana, conforme registrado anteriormente. De 1799 a 1804, percorreu o Novo Mundo em companhia de Aimé Bonpland e, igualmente como a Expedição Malaspina, a jornada durou cinco anos.

Humboldt produziu várias obras, dentre elas, desenhos, mapas e textos que continham os resultados dos seus estudos. Evidencia-se, inclusive, que o modo de descrever a natureza, notáveis em Malaspina e Humboldt, apresenta-se além dos modelos tradicionais aplicados na época das Luzes. As suas narrativas realçam o mundo natural de maneira diversa dos parâmetros de Lineu.

Segundo Costa Lima (1997), as observações de Humboldt aportavam declarações que eram legitimadas pelos instrumentos de medição. Os seus informes transpareciam veracidade por apoiar-se nas ferramentas científicas. O que significa apresentar que o naturalista objetivava uma transparência de linguagem que possibilitava não apenas a narração científica do mundo físico hispano-americano, mas também em um prazer estético envolvendo o observador e o leitor. Com isso, combinava a veracidade das descrições com os resultados estéticos. E assim, é possível constatar a relação entre a história e a literatura através da nitidez da linguagem, mediante a interação dos campos da ciência e do literário. Humboldt revelou uma descrição da natureza que proporcionava uma ampliação intelectual no leitor. A objetividade da escrita não se realizou em prejuízo da recepção prazerosa. Os detalhes, as verificações, os exames científicos não prejudicavam o efeito estético do texto. O seu estilo apresentou uma natureza exótica e interessante para o leitor e que satisfazia a recepção literária. As descrições científicas estimulavam a imaginação do agente de leitura.

De modo análogo, é possível relacionar a impessoalidade científica com o efeito estético também em Malaspina durante o percurso da Expedição, especialmente, ao estabelecerem um observatório em Montevideu em 1789. Nesse lugar, foi possível comparar os relógios marinhos e empreender uma série de atividades astronômicas para determinar a longitude. Esse foi o ponto central das excursões na cidade onde situaram-se em uma posição importante para o trabalho e usufruíram de um descanso. O navegador ainda salienta em suas narrações que esse período foi oportuno aos estudos astronômicos por causa do eclipse lunar que mereceu especial reconhecimento, pois essa observação poderia não ser realizável na Europa por causa do clima de inverno na época que ocasionava um escurecimento natural do firmamento. Um seguinte momento que provoca especial interesse ao leitor foi durante a navegação de Montevideu a *Puerto Deseado*, quando Malaspina descreve uma natureza vivaz e, assim, rompe com a ordenação dominante.

La mar era aplacible, y frecuentada ya por las ballenas, ya por los lobos, ya por mil especies de aves acuáticas, las cuales volateaban alrededor de las corbetas. Una atmósfera pura descubría sobre la costa los objetos aún más pequeños; finalmente, el Sol, brillando constantemente sobre el horizonte (MALASPINA, 1789, p. 62).

À disposição daquele que tem o hábito de ler, Malaspina apresentou logo ao início da viagem, momentos prazerosos: “empezaron á desmayar las brisas: el viento se inclinaba al Norte y eran los días sumamente placenteros”; uma fauna inigualável: “muchas plantas de una rareza y méritos singulares”; praias formosas com inumeráveis moluscos: “infinito número de preciosas conchas muy varias entre sí, que hermosean aquellas costas”; um panorama majestoso formado por vulcões; um ambiente que impressiona e que realiza o “mayor adorno de la Naturaleza”. Dessa maneira, o navegador aponta um mundo natural grandioso que não se identifica com o pensamento dominador e que desperta interesses pela sua composição (MALASPINA, 1789-1791, p. 55-117).

Assim, compreende-se que as informações sobre o Novo Mundo das viagens de Malaspina e de Humboldt, mesmo realizadas em períodos diferentes, abrangendo os textos e as ilustrações, contribuíram para a revelação de uma fauna, de uma flora e de uma sociedade extraordinárias em sua variedade e que apresentavam características próprias em sua diversidade.

Malaspina analisa os valores sociais da época com uma reformulação humana baseada no respeito à vida, à liberdade e à singularidade, sem colonizar, sem hierarquizar, sem despencar no estereótipo. Essa inquietação, esse desassossego, essa sensível crítica ao sistema colonial são características presentes nos escritos do navegador. Ainda observa o Outro na sua diferença, na sua particularidade e reconsidera a sua subjetividade, incluindo os seus sentimentos de maneira a não reduzi-lo ao mais cruel interesse individualista. Esses são aspectos fundamentais da expressão humana e dos palpitantes pensamentos presentes nas redações malaspinianas que evocam às seguintes gerações um modo de vida singular que existiu em tempos anteriores.

Os seus registros se relacionam com a história social da humanidade, como também, com a necessidade de interrogar o mundo, a partir de uma abordagem crítica. Com isso, entrevê uma compreensível responsabilidade pelo Outro que se iniciou com um receptivo desassossego, em si mesmo, e que, conseqüentemente, deságua em seus leitores.

Assim, verifica-se que as análises que abrangem o século XVIII e o interesse pelas pesquisas do período colonial incidem relevância aos estudos literários. As averiguações por bibliografias de escritores que se inserem no último centenário da Idade Moderna são essenciais para compreender a progressão do pensamento americano. Por uma profunda contextualização teórica, por complexos problemas ideológicos, assim como por sua particularidade e considerável valia, essa época desperta importância para os estudos latino-americanos e, dessa forma, fortalecem as investigações que contribuem para o exame da literatura colonial hispano-americana, inclusive pela consonância que proporcionam com os estudos coloniais do Brasil.

As histórias da “literatura hispano/latino-americana” transmitiram a imagem da literatura colonial como aquelas obras escritas “em espanhol em/sobre a América” (MIGNOLO, 1986, p. 137). Os critérios adotados para essa reflexão foram o idiomático, o literário e o cultural. Esse restringia-se a difundir temas concernentes à tradição colonizadora e ignorava assuntos da cultura pré-colombiana, enquanto o literário limitava-se à noção de *littera* e recusava os registros não-alfabéticos e a oralidade. Já o idiomático não considerava os textos redigidos em outros idiomas além do espanhol. Assim, esses fatores impossibilitaram o estudo sobre discursos que apresentavam idiomas diferentes do hispânico e que manifestaram “certa ‘experiência americana’” (MIGNOLO, 1986, p. 137). Compreender a literatura colonial legitimando apenas tal paradigma, seria limitar os estudos sobre a época os quais apresentam uma referência de reflexão acerca da multiplicidade de comunicações enunciadas, como também, de línguas e culturas em contato.

Tanto a complexidade idiomática das colônias como a confrontação de culturas orais e sociedades baseadas na escrita fazem do período colonial um modelo ideal tanto para a reflexão sobre culturas e línguas em contato, quanto para a reflexão sobre a variedade de interações discursivas (MIGNOLO, 1986, p. 137).

Dessa maneira, torna-se necessário compreender aquilo que se depreende por literatura hispano-americana diante de um âmbito colonial heterogêneo e cujos paradigmas textuais concebidos pela história literária não são completamente satisfatórios. Walter Mignolo (1986) analisa a *crise dos estudos literários coloniais* como o reconhecimento da importância da circulação de discursos em/entre o Novo Mundo e o europeu. Assim, é de fundamental relevância também considerar composições produzidas em outras línguas e as reescritas de relatos orais.

A concepção de literatura, instituída pela tradição cultural, circunscreve culturas e povos que utilizam a letra grafada entre suas comunicações. Entretanto, é necessário realizar uma transferência no sentido de literatura “belas letras” para “produção discursiva escrita” (MIGNOLO, 1986, p. 141) e, igualmente, rever a

necessidade de incluir a oralidade e as várias formas de composições culturais pré-colombianas. A decorrência de tal deslocamento é significativa para o estudo da literatura colonial sobre o Novo Mundo.

Nessas circunstâncias, Cordiviola (2005) expressa que se entende por literatura hispano-americana as produções escritas em espanhol e em outros idiomas, incluindo o indígena e demais discursos da época colonial que compõe um *corpus* histórico e político, tais como cartas, crônicas, diários, poemas, informes administrativos, relações, tratados teológicos e filosóficos, entre outros, que reinterpretem o sentido da palavra *literatura* para um significado mais amplo.

De modo análogo, pode-se repensar o termo “hispano-americana” no que se refere aos critérios que definem o *corpus*. O adjetivo é mais que uma união gentilícia de duas unidades. Compreende uma área múltipla que une e separa duas realidades. Ou seja, as letras coloniais surgem entre dois povos, no “entre-lugar” de dois mundos.

É um espaço criado por uma hifenização múltipla, que não apenas separa e une os dois elementos principais, mas também alude a outras disjunções, a outros interstícios e a outras existências fronteiriças, que habitam e corroem o interior do “hispano” e do “americano” (CORDIVIOLA, 2005, p. 12).

A análise da obra editada por Novo y Colson (1885), proporciona a discussão sobre temas presentes na literatura hispano-americana que transparecem representações singulares de um período heterogêneo. Uma literatura que revela uma época precedente, um tempo antagônico, marcado por conflitos. Uma produção que representa um autêntico legado da fauna, da flora e das culturas dos povos expressos nas cartas, nos diários, nas imagens e que proporciona novos sentidos ao Novo Mundo. Documentos que trazem à memória o conhecimento de um período anterior, as peculiaridades dos territórios coloniais e que vislumbra o distinto eu no Outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Motivados pela aspiração em conhecer o mundo, associado por uma busca pelos produtos orientais, Portugal e Espanha principiaram as expedições oceânicas atlânticas e, dessa forma, romperam o monopólio econômico das cidades Veneza e Gênova. Com a criação das caravelas, Portugal alcançou a primazia no processo de expansão atlântica, seguido pelo Reino de Espanha que decidiu navegar por rotas distintas das orientais.

Dessa maneira, cruzando o Atlântico em direção ao ocidente, o país espanhol chegou ao Novo Mundo e iniciou um processo contínuo de jornadas conhecidas como viagens de descobertas, das quais, apresenta-se Cristóvão Colombo como precursor. Por consequência, deu-se início a ocupação das terras que se efetivou pelas viagens de conquistas por Hernán Cortés e Francisco Pizarro. Essas jornadas, assim intituladas, denotaram a dominação dos territórios e das populações que ali viviam e abriram caminho para o povoamento dos territórios pelos ibéricos que ocasionou na exploração do continente e resultou na organização de um sistema colonial.

Esse processo organizou as terras em colônias, regiões administradas por indivíduos vindos de outros países, que objetivavam comercializar seus produtos naturais, incluindo metais como o ouro, de maneira exclusiva com as nações ibéricas. Essas produções eram controladas pelo Pacto Colonial que consistia em um exclusivo comércio e em um protecionismo manufatureiro, pois regulava a importação de mercadorias. A esse conjunto de práticas que visava o acúmulo das riquezas e a prosperidade dos impérios peninsulares denomina-se mercantilismo.

Nesse âmbito, atesta-se que os controles mercantis foram desenvolvidos em torno do capital. Dessa maneira, estabelecia-se um novo padrão de poder o qual, segundo Quijano (2000), ocasionou uma divisão de atividades organizada em torno do conceito de raça a qual designava os índios à servidão, os negros à escravidão e

os europeus ao trabalho remunerado. Dessa maneira, a etnia articulava-se ao trabalho.

Salienta-se que essa dominação também resultou em um controle do universo cognitivo dos povos que envolvia a condenação de sua cultura como exígua. Essa repressão, por alcançar um plano intrínseco, destinou a cultura dos colonizados a uma subcultura iletrada destituída de seu conhecimento inerente. Dessa feita, a colonização não ocorreu apenas no cenário comercial, mas também em uma dominação intersubjetiva, uma submissão do saber. A sociedade colonial adaptou o seu intelecto ao dos povos peninsulares e se encontrava submetida ao caráter do homem europeu. Atrelado a isso, desponta-se o conceito de “raças inferiores” que, segundo Bomfim (2005), trata-se de um engodo aplicado à concepção de que os povos indígenas, por exemplo, eram considerados como “inferiores”, isso porque, além das terras, os europeus dominavam o seu caráter e a sua cultura.

Contudo, o século XVIII apresenta-se como um período que representou uma tentativa de transformar as estruturas do Antigo Regime. Os ideais revolucionários propagavam a liberdade individual e a criação de boas condições para o desenvolvimento dos povos que culminaram no Iluminismo. Tais reformas evidenciaram-se nos territórios coloniais e destacava-se como uma época de reorganização e de progresso delineada por um novo horizonte que despontava um desenvolvimento político e econômico. Ainda se acentua que esse pensamento ilustrado no cenário colonial não foi apenas uma cópia das transformações ocorridas na metrópole e tampouco, conforme Chiaramonte (1977), provocado pelos movimentos pré-independistas na América, mas foi um movimento inovador e genuíno que ocorreu no mundo colonial americano. Como resultado, foi possível verificar um avanço cultural através da criação de Universidades e da publicação de obras que promoviam a propagação do conhecimento (LAFAYE, 2004).

Na Europa, o Iluminismo propulsionou as viagens científicas as quais objetivavam o estudo dos distintos campos das ciências nos territórios colonizados. Portanto, a coroa espanhola realizou jornadas à América com o objetivo de fazer

estudos no ambiente geográfico, delimitar os seus territórios e catalogar as novas espécies do universo botânico. Com isso, verifica-se também que através dessas viagens, a monarquia visava contribuir com o seu restabelecimento econômico peninsular ao fortalecer as suas demarcações contra as invasões estrangeiras.

Vigorava o pensamento de que pela ciência, a diversidade do mundo natural poderia ser classificada e, com isso, as viagens científicas seriam indispensáveis para a coleta e para a catalogação de dados no intuito de demarcar territórios e espécies. Nesse sentido, pela razão, pelo progresso e pela ciência outras formas de dominações foram consentidas e proporcionaram uma incoerência acerca dos conceitos e dos fundamentos das Luzes. A taxonomia da natureza foi um dos exemplos, pois na tentativa de universalizar assuntos de uma riqueza excêntrica ordenou a natureza sistematicamente com leis globais. Com a utilização de um modelo lineano catalogou uma botânica diversa. Através da classificação, as navegações do Século XVIII resultaram em uma forma de apreender um mundo único e limitou conteúdos múltiplos e particulares.

Dessa forma, as ações científicas que visavam um progresso social, político e econômico, propiciaram uma desarmonia, característica do próprio século XVIII, traçado por oposições baseadas em objetivos divergentes. Nessa época, foi possível observar um progresso científico, mas ainda se constata ideias obsoletas perfiladas por objetivos antagônicos, salienta Cordiviola (2010). Ou seja, ajustar o mundo natural a um sistema classificatório possibilitaria que a variedade botânica se restringisse a uma linguagem universal e, assim, cada espécie perderia seu valor único por estar disposta em um sistema globalizante.

Verifica-se que essa sistematização do mundo natural condiz à uma ordem totalizante como foi o colonialismo e que culminou na colonialidade de poder. É válido salientar que a outrora classificação das raças esboça-se também nas taxonomias do mundo natural. Ou seja, o conceito de raças inferiores e superiores se projetou, posteriormente, nas classificações da natureza física alicerçadas na ciência. O propósito foi mudar as bases cognitivas e afetivas das populações dominadas para um “novo homem” formado por padrões civilizatórios da cultura

dominante. À vista disso, compreende-se o ideal ilustrado como constituído por um projeto científico fundamentado em práticas coloniais e que resultou na construção do sistema-mundo moderno (CASTRO-GÓMEZ, 2005). Dessa maneira, o discurso colonial se legitimou com a ciência moderna.

Nesse âmbito das Luzes, fez-se necessário analisar Alejandro Malaspina (1754-1810), um navegador italiano a serviço da Marinha Espanhola que, entre 1789 e 1794, realizou uma jornada com objetivos políticos e científicos a fim de conhecer e compreender o mundo colonial, juntamente com o seu amigo Bustamante y Guerra. Nas embarcações *Descubierta* e *Atrevida*, percorreram a América, a Ásia e a Oceania e levantaram informações científicas e culturais das colônias espanholas nesses continentes.

Malaspina constatou a singularidade dos povos visitados e o seu valor cultural, pois como existem seres únicos existem também culturas especiais. O capitão demonstrou interesse pelo Outro, pelos seus costumes e por sua linguagem nativa. Esse contato o conduziu a ponderar sobre o ser humano e a sua singularidade. Dessa maneira, Rodríguez (2010) afirma que, contrário às suas propostas iniciais que visavam contribuir com a prosperidade da Espanha, objetivos delineados em seu *Plan de un viaje científico y político alrededor del mundo* remetido a Valdés em 1788, cada vez mais, o capitão Malaspina atestava que as colônias deveriam ser partes ativas do sistema político europeu através de um desenvolvimento de suas economias de forma positiva e equilibrada. Resultante de seu contato com a realidade do mundo colonial, as informações políticas que eram, inicialmente, reservadas apenas para uso do estado formaram uma “propuesta de cambio” com conteúdo crítico e que destacava os erros da administração das colônias. Nesse sentido, razão e ciência se unem pela força de um sentimento revolucionário.

Essa viagem conhecida como a Expedição Malaspina contou com a formação de tripulantes de várias áreas do conhecimento como oficiais, botânicos, pintores, marinheiros, entre outros, totalizando um grupo de 100 homens em cada embarcação. Com todo o empenho aplicado para o conhecimento das ciências,

Malaspina atribui importância aos registros visuais que resultaram em um trabalho artístico e de grande volume cujas imagens retratam o mundo físico e os habitantes daquela época. Toda a documentação da viagem, incluindo cartas, diários, relatórios e pinturas difundiram o conhecimento dos lugares visitados.

Com as artes, foi possível verificar que elas testificam uma descrição dos detalhes de um entorno e de seus elementos quando as palavras se apresentavam desprovidas de significância. Foi legítimo analisar que transmitiram as emoções e as impressões de momentos notáveis. Por conseguinte, atesta-se que a literatura e a arte refletem o modo do homem observar o seu mundo e de relacionar-se com os seus semelhantes.

Perante um contexto de classificação, concebe-se atribuir às imagens a função de catalogar o ambiente físico, contudo, por outro lado, os resultados da viagem também contribuíram para resgatar o visível, divulgar a peculiaridade da natureza dos lugares visitados, expor a singularidade das suas populações e o seu valor cultural. O levantamento científico da Expedição Malaspina acerca da natureza e de seus habitantes difundem a história e a valorização de um território, de um povo. Os resultados decorrentes de anos de pesquisa oferecem informações detalhadas de uma época, produtos que difundem a memória das riquezas e das singularidades locais.

Ademais, os navegadores ainda demonstraram interesse pela cultura e pelo conhecimento da linguagem nativa e, para esse fim, um dos meios utilizados foi a acessibilidade em aprender os idiomas dos habitantes. Ao longo dessa estreita relação foi possível ter acesso à cultura dos povos, fazendo-se relevante o conhecimento sobre a sua rotina diária. E, assim, através de uma efetiva comunicação com o Outro foram reconhecidas as qualidades humanas e as suas particularidades, análogas à sua essência, pois é conversando com o *outro* que se reconhece nele os aspectos de um ser, comparável ao sujeito *eu* (TODOROV, 1999).

Essa foi, portanto, a atitude assumida por Malaspina e por sua equipe. Para realizar uma interação com os nativos, aprenderam as linguagens locais e com elas desenvolveram a comunicação, sem imposições, mas como uma oportunidade de conhecer o Outro e, por conseguinte, a si mesmo. A alteridade, portanto, propõe essa admiração frente à singularidade humana, com a qual cada um revela o seu mundo e manifesta-se como uma entidade particular. Conceber o Outro como humano, considerando-o diferente e, contudo, igual a si mesmo, no sentido de essência humana; sem reduzi-lo ao eu ou considerá-lo como inferior objeto.

Com isso, declara-se que essa não foi apenas uma viagem em busca de verdades físicas, mas sim um percurso sobre o conhecimento humano. Não apresentou apenas um relato sobre o mundo natural, mas também expôs uma procura por entender as culturas locais. Igea (2001) compreende que o interesse de Malaspina em aprender os idiomas nativos e em conhecer as suas rotinas diárias, conduziram-no a refletir sobre a identidade humana, a singularidade dos povos e os efeitos devastadores da colonização.

Por conseguinte, a viagem não se resumiu apenas em descrever e catalogar, mas também em estabelecer relações, porque Malaspina também se interessou pelo estudo dos povos visitados e por sua história. Essa jornada de conhecimentos abriu as rotas marítimas para um mais além, como sendo uma precursora de outras expedições vindouras que não só buscavam por novas rotas, por novos caminhos a percorrer, mas por um saber além das classificações lineanas, além das universais taxonomias. Uma viagem que apresentasse uma consonância com o humano. Nesse sentido, destaca-se a expedição do barão Humboldt ao Novo Continente, pois sua aplicação de análise sobre a natureza do Novo Mundo direciona-se além dos modelos tradicionais do século das Luzes. A narrativa de Humboldt apresentou uma natureza de maneira diversa dos parâmetros lineanos (PRATT, 1999).

Os documentos resultantes da Expedição Malaspina não foram de imediato publicados, logo ao retorno à Cádiz, porque foram confiscados e encaminhados ao Depósito da Marinha espanhola a mando de Godoy que era contra os ideais de Malaspina. Lá permaneceram por quase um século até que, em 1885, Novo y

Colson, um oficial da Marinha, localizou-os, organizou um conjunto de manuscritos e pinturas correspondentes à Expedição e publicou a obra *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navío D. Alejandro Malaspina y don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794*.

Foi pertinente ressaltar neste estudo a análise da literatura hispano-americana circunscrita no heterogêneo âmbito colonial. As observações que abrangem o século XVIII e o interesse pelas pesquisas desse período atestam significância aos estudos literários por apresentarem obras essenciais para entender a evolução do pensamento americano. Por causa dessa particularidade, a época do Setecentos desperta relevância para os estudos latino-americanos e, desse modo, fortalece as investigações que contribuem para o exame da literatura colonial hispano-americana. De tal forma, a composição publicada por Novo y Colson (1885) representa um autêntico legado da fitologia e das culturas dos lugares percorridos transluzidos nas cartas, nos diários e nas pinturas da Expedição Malaspina e proporciona novos sentidos à natureza. Uma literatura que revela a memória de uma população, o conhecimento de uma natureza singular, as peculiaridades dos territórios e o distinto eu no Outro.

REFERÊNCIAS

BERGER, John. *Modos de ver*. Lisboa: Edições 70. Tradução de Ana Maria Alves. 1972.

BOMFIM, Manoel. *A América Latina*. Males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks. 2005.

CASTRO-GÓMEZ, SANTIAGO. *La hybris del punto cero*: Ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816). Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2005. Disponível em: <<http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libros/157.pdf>> Acesso em 03.jun.2015.

CEVALLOS, Ciriaco. Introducción al vocabulario de Vavao, por el teniente de navío D. Ciriaco Cevallos. In: NOVO Y COLSON, Pedro, editor. *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navío D. Alejandro Malaspina y Don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794*. Madrid: Imprenta de la viuda é hijos de Abienzo, 1885, p. 620-627.

CHIARAMONTE, José Carlos (comp.). Prólogo. In: *Pensamiento de la ilustración*. Economía y sociedad iberoamericanas en el siglo XVIII. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977, p. IX - XXXIX.

CORDIVIOLA, Alfredo. *O império dos antagonismos: escrita e imagem no ocaso da dominação espanhola na América*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras, Editora Universitária - UFPE, 2010.

_____. *Um mundo singular*. Imaginação, memória e conflito na literatura hispano-americana do século XVI. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPE, 2005.

COSTA, Maria de Fátima & DIENER, Pablo. *A arte de viajantes: de documentadores a artistas viajantes*. Perspectivas de um novo gênero. Revista Porto Arte: Porto Alegre, v. 15, nº 25, novembro/2008, p. 75-89. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/viewFile/10537/6207>> Acesso em 30.mar.2015.

DEVEZAS, Tessaleno & RODRIGUES, Jorge Nascimento. *Portugal: O pioneiro da globalização. A herança das descobertas*. Portugal: Centro Atlântico, 2009. Disponível em: <<http://books.google.pt/books?id=w41UcD6ImZYC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>> Acesso em 01.maio.2015.

ELIAS, Rodrigo. Essa Luz. In: _____(org.). *Dossiê Iluminismo. À prova da razão*. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 09, n. 104, maio 2014, p. 17-21.

FIGUEIREDO, Vinicius de. Kant e as armadilhas do tempo. In: ELIAS, Rodrigo (org.). *Dossiê Iluminismo. À prova da razão*. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 09, n. 104, maio 2014, p. 22-25.

FORTES, Luiz R. Salinas. *O iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FRANCH, José Alcina & PALOP, Josefina. Los incas. In: SALMORAL, Manuel Lucena (org.). *Historia de Iberoamerica*. Tomo I. Prehistoria e Historia Antigua. Madrid: Cátedra, 1992, p. 413-475.

GÓMEZ, Andrés Galera. *Las corbetas del rey: el viaje alrededor del mundo de Alejandro Malaspina (1789-1794)*. Bilbao: Fundación BBVA, 2010. Disponível em: <http://www.fbbva.es/TLFU/microsites/malaspina/MAQUETA_MALASPINA_DEFIN.pdf> Acesso em 12.jul.2014.

GONZÁLEZ, Francisco José González. *Péndulos astronómicos y cronómetros marinos de la Armada: el observatorio de San Fernando y los antecedentes del patrón nacional de tiempo (1753-1957)*. Bibliotecario del Real Observatorio de la Armada – San Fernando. Asclepio. Vol. 5. 1998, p. 175-198, disponível em: <<file:///C:/Users/Win7/Downloads/357-357-1-PB.pdf>> Acesso em 29.mar.2015.

IGEA, Juan Pimentel. Alejandro Malaspina (1754-1810). In: _____. *Jorge Juan, Mutis, Malaspina. Viajeros Científicos: Tres grandes expediciones al nuevo mundo*. Madrid: Nivola, 2001, p. 101-140.

KAWAUCHE, Thomaz. Nem tão livres, nem tão iguais. In: ELIAS, Rodrigo (org.). *Dossiê Iluminismo. À prova da razão*. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 09, n. 104, maio 2014, p. 30-33.

LAFAYE, Jacques. A literatura e a vida intelectual na América espanhola colonial. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: América Latina Colonial*. São Paulo: Editoria da Universidade de São Paulo, 2004, p. 23-56.

LAVIANA CUETOS, Maria Luisa. *La organización de la Carrera de las Indias, o la obsesión del monopolio*. Actas de: XXXIII Jornadas de Historia Marítima. Ciclo de Conferencias. Cuadernos Monográficos del Instituto de Historia y Cultura Naval, Madrid, 2006, p. 19-35. Disponível em: <http://digital.csic.es/bitstream/10261/26615/1/Organizacion_carrera_Indias.pdf> Acesso em 22.maio.2015.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: Ensaio sobre alteridade*. Tradução de Pergentino Pivatto (et al). 5. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LIMA, Luis Costa. *Terra Ignota: A construção de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, p. 213-239.

_____ (Coord.). *A literatura e o leitor: Textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

MALASPINA, Alejandro. Discurso Preliminar por D. Alejandro Malaspina. In: NOVO Y COLSON, Pedro, editor. *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navío D. Alejandro Malaspina y Don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794*. Madrid: Imprenta de la viuda é hijos de Abienzo, 1885, p. 37-51.

_____. Libro Primero. 1789-1790. In: NOVO Y COLSON, Pedro, editor. *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navío D. Alejandro Malaspina y Don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794*. Madrid: Imprenta de la viuda é hijos de Abienzo, 1885, p. 53-111.

_____. Libro Segundo. 1790-1791. In: NOVO Y COLSON, Pedro, editor. *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navío D. Alejandro Malaspina y Don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794*. Madrid: Imprenta de la viuda é hijos de Abienzo, 1885, p. 113-208.

_____. Libro Tercero. 1792-1794. In: NOVO Y COLSON, Pedro, editor. *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navío D. Alejandro Malaspina y Don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794*. Madrid: Imprenta de la viuda é hijos de Abienzo, 1885, p. 209-374.

_____. Plan para escribir su viaje, dado por Malaspina al P. Gil. 1795. In: NOVO Y COLSON, Pedro, editor. *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navío D. Alejandro Malaspina y Don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794*. Madrid: Imprenta de la viuda é hijos de Abienzo, 1885, p. XXI-XXXI.

_____. Plan de un viaje científico y político alrededor del mundo, remitido al Exmo. Señor Bailio D. Antonio Valdés, Ministro de Marina, por los capitanes de fragata D.

Alejandro Malaspina y D. José Bustamante. 1788. In: NOVO Y COLSON, Pedro, editor. *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navío D. Alejandro Malaspina y Don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794*. Madrid: Imprenta de la viuda é hijos de Abienzo, 1885, p. 1-5.

MANFREDI, Dario. *El viaje de Malaspina fue una sinfonía*. El País. Archivo. Madrid, jun, 2011. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2011/06/10/ultima/1307656802_850215.html> Acesso em 20.dez.2015.

MARTÍN, José María Moreno *et al.* El álbum de fotografía de la expedición Malaspina. In: _____. *Expedición Malaspina: Un viaje científico-político alrededor del mundo. 1789-1794*. TurnerDocs Expediciones. Barcelona: Turner, 2010, p. 35-87.

MIGNOLO, Walter D. *A língua, a letra, o território (ou a crise dos estudos coloniais)*. Disposition, University of Michigan - Department of romance language. V.11. n. 28/29. p. 137-160. Trad: Tatiana Capaverde. 1986. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/mignolo/mignolo.pdf>> Acesso em 18.dez.2015.

MOREIRA, Terezinha Maria Losada. *A interpretação da imagem: Subsídios para o ensino de arte*. 1.ed. Rio de Janeiro: Mauad X FAPERJ, 2011.

NOVO Y COLSON, Pedro, editor. *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navío D. Alejandro Malaspina y Don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794*. Madrid: Imprenta de la viuda é hijos de Abienzo, 1885.

PASCUAL, Emilio Soler. *Fernando Brambila, pintor de câmara de Carlos IV*. Los pintores de la expedición Malaspina. Españoles en Italia e italianos en España. IV Encuentro de investigadores de las universidades de Alicante y Macerata (mayo, 1995); Enrique Giménez, Miguel A. Lozano, Juan A. Ríos (eds.). Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 1995. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/espanoles-en-italia-e-italianos-en-espana-iv-encuentro-de-investigadores-de-las-universidades-de-alicante-y-macerata-mayo-1995--0/html/ff147868-82b1-11df-acc7-002185ce6064_39.html#l_5> Acesso em 30.mar.2015.

_____. *Oposición política en la España de Carlos IV: La conspiración Malaspina (1795-1796)*, Alicante, 1990, p. 197-217. Disponível em: <http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/4989/1/RHM_8-9_10.pdf> Acesso em 02.abr.2015.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: Relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

PUIG-SAMPER, Miguel Ángel *et al.* Alejandro Malaspina y los límites del Imperio. In:_____. *Expedición Malaspina: Un viaje científico-político alrededor del mundo. 1789-1794*. TurnerDocs Expediciones. Barcelona: Turner, 2010, p. 19-33.

QUIJANO, Aníbal. *Des/colonialidad del poder: el horizonte alternativo*. Observatorio Latinoamericano de Geopolítica. Lima, 2007. Disponível em: <<http://alainet.org/active/24123&lang=es>> Acesso em 02.jun.2014.

_____. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (comp.). *La colonialidad del saber: Eurocentrismo y ciencias sociales perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 246. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/quijano.rtf>> Acesso em 18.dez.2012.

REVERTE, Javier et al. Prólogo. In: _____. *Expedición Malaspina: Un viaje científico-político alrededor del mundo. 1789-1794*. TurnerDocs Expediciones. Barcelona: Turner, 2010.

RODRÍGUEZ, María Dolores Higuera. *La peripecia de los papeles y materiales de la Expedición durante dos centurias*. Seminario La Expedición Malaspina-Bustamante Comparada (1789-2010). Universidad Internacional Menéndez Pelayo, Santander, 2010, p. 01-23. Disponível em: <https://web.viu.ca/black/amrc/Research/Papers/Higuera_Rodriguez_July_2010.pdf> Acesso em 27.mar.2015.

ROJAS, José Luis. Los aztecas. In: SALMORAL, Manuel Lucena. *Historia de Iberoamerica*. Tomo I. Prehistoria e Historia Antigua. Madrid: Cátedra, 1992, p. 363-412.

SERRANO, Carmen Sotos. *Los pintores de la expedición de Alejandro Malaspina*. Madrid: Real Academia de la Historia, 1982. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=tCklSZ81-0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>> Acesso em 02.abr.2015.

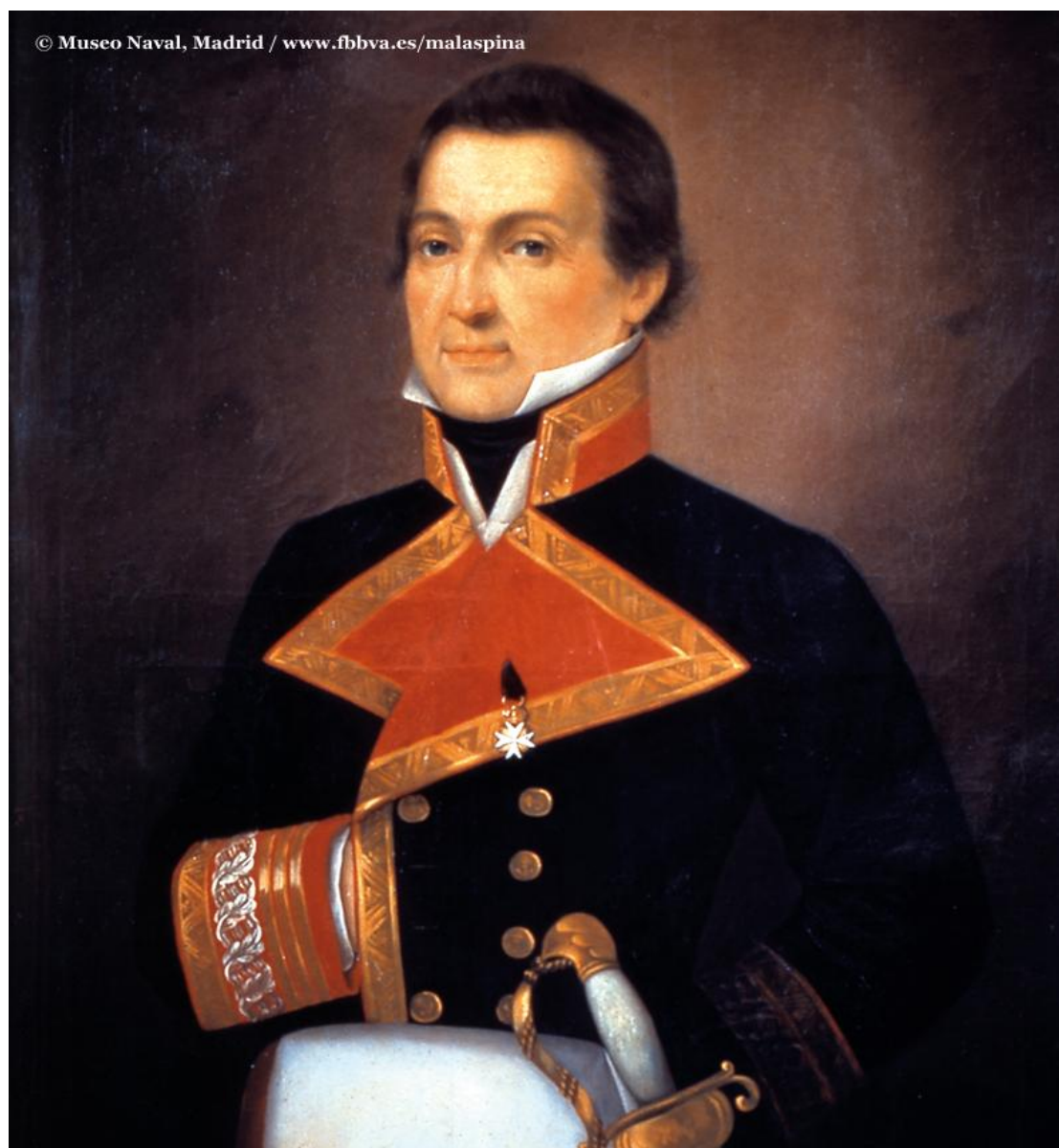
TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes: 1999.

_____. *O espírito das Luzes*. Tradução de Mônica Cristina Corrêa. São Paulo: Barcarolla, 2008.

VARELA, Graciela Zamudio. *Las expediciones botánicas a América en el siglo XVIII*. In: TRUEBA, César Carrillo. *Revista Ciencias*. Portal de Revistas Científicas y arbitradas de la UNAM. México D.F., n. 29, janeiro 1993, p. 47-51. Disponível em: <<http://www.revistas.unam.mx/index.php/cns/article/view/11330/10655>> Acesso em 30.abr.2015.

ANEXOS

Imagem 8 - Alejandro Malaspina.



Fonte: *Alejandro Malaspina*. GÓMEZ, 2010, p. 17.¹⁶

¹⁶ Disponível em: <<http://www.fbbva.es/TLFU/microsites/malaspina/viajar-a-america.html>>, acesso em outubro de 2015.

Imagem 9 - José de Bustamante y Guerra.



Fonte: José de Bustamante y Guerra. GÓMEZ, 2010, p. 22.¹⁷

¹⁷Disponível em: <<http://www.fbbva.es/TLFU/microsites/malaspina/haciendo-el-equipaje.html>>, acesso em outubro de 2015.

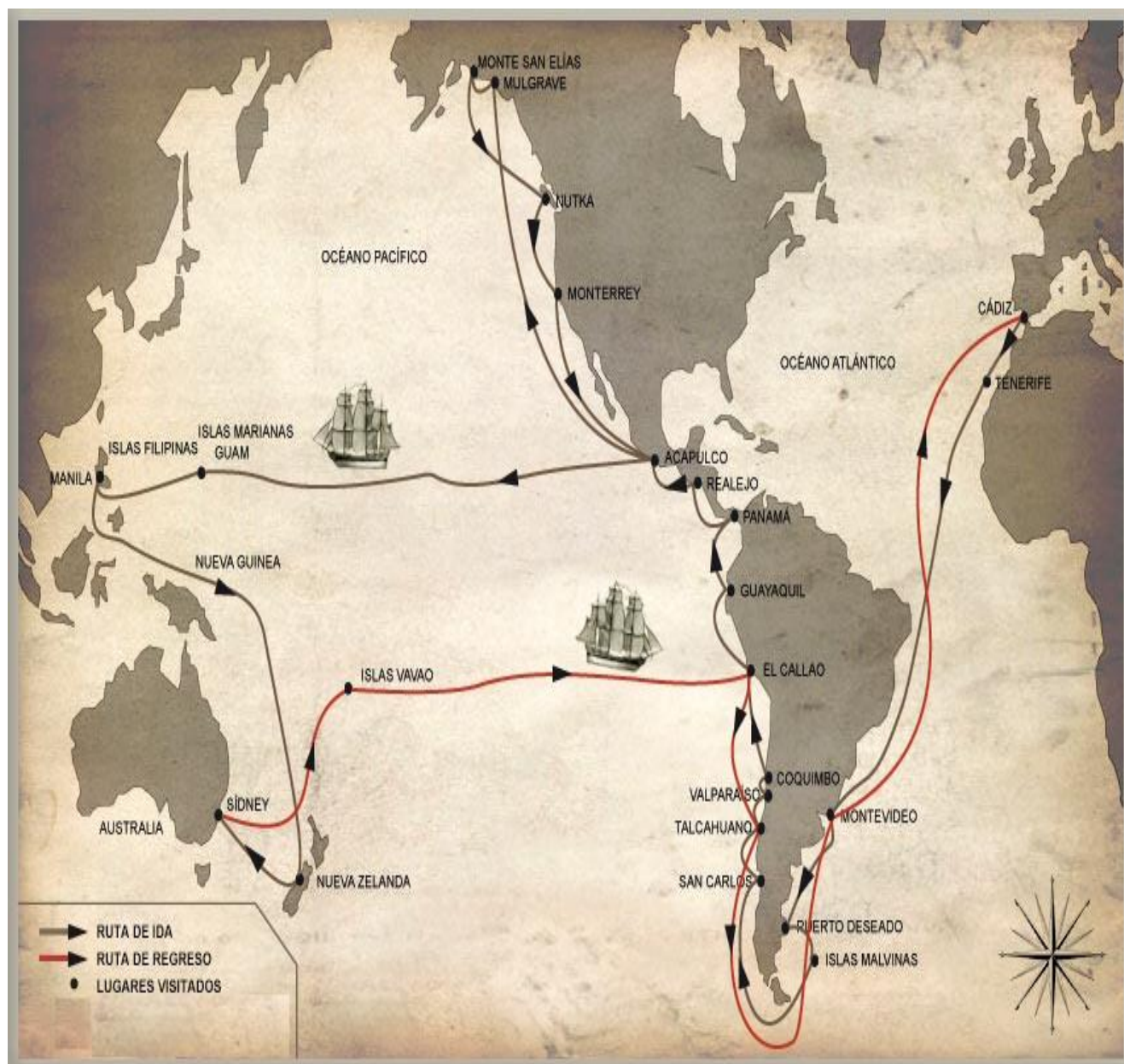
Imagem 10 - *Descubierta e Atrevida.*



Fonte: *Vista del puerto de Palapa*. GÓMEZ, 2010, p. 109.¹⁸

¹⁸Disponível em: <<http://www.fbbva.es/TLFU/microsites/malaspina/filipinas-la-conexion-asiatica.html>>, acesso em outubro de 2015.

Imagem 11 – Mapa das rotas da Expedição.



Fonte: *La ruta. Mapa del viaje*. GÓMEZ, 2010, p. 142-143.¹⁹

¹⁹ Disponível em: <<http://www.fbbva.es/TLFU/microsites/malaspina/mapa.html>>, acesso em outubro de 2015.